

Publicações recentes do Departamento de Ciências da Informação da UFSM:

- *Representação & Identidade. Três estudos em comunicação.*
Ada C. Machado da Silveira e Veneza V. Mayora Ronsini (ed.)

- *Cadernos de Comunicação*
Nº 1, 2 e 3

- *Anais de Projetos Experimentais*
Trabalhos de Conclusão de Curso em Comunicação Social

- *Comunicação e Sociabilidades*
Coletânea de Comunicação



Rêdo 21 - Campus da UFSM
Fone/Fax: 55 221 2211
97105-900 - Santa Maria - RS

4

Cadernos de COMUNICAÇÃO

A experiência do mestrado interinstitucional
ECO - UFRJ e UFSM

Uma proposta de análise crítica
O discurso dissonante

A mídia e o exercício do poder na atualidade

A escrita como meio de transmissão
da cultura e do luteranismo

Notas gerais sobre a constituição
e o apagamento do sujeito

Cultura e modernidade - mundo

MST: um novo prefixo no ar

Comunicação Social - UFSM
Nº 4 - Junho 2001

4

Cadernos de COMUNICAÇÃO

A experiência do mestrado interinstitucional
ECO - UFRJ e UFSM

Uma proposta de análise crítica

O discurso dissonante

A mídia e o exercício do poder na atualidade

A escrita como meio de transmissão
da cultura e do luteranismo

Notas gerais sobre a constituição
e o apagamento do sujeito

Cultura e modernidade - mundo

MST: um novo prefixo no ar

Comunicação Social - UFSM
Nº 4 - Junho 2001

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Informação

Cadernos de Comunicação

Cadernos de Comunicação - Santa Maria - RS - Brasil
n. 4, junho de 2001

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Informação

Cadernos de Comunicação

Versão Impressa

Cadernos de Comunicação - Santa Maria - RS - Brasil
n. 4, junho de 2001

Versão digital disponível no portal: www.ufsm.br/cadernosdecomunicacao

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
Reitor - Paulo Jorge Sarkis

Conselho Editorial

Dra. Ada Cristina Machado da Silveira - Editora
Dr. Adair Caetano Peruzzolo
Dra. Cristiane Pizzati dos Santos
Dra. Eugênia M. da Rocha Barichello
Dr. Rogério Ferrer Koff
Dr. Rondon Martin Souza de Castro
Dra. Veneza Veloso Mayora Ronsini

Solicita-se permuta

We must exchange

Cadernos de Comunicação/Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas,
Faculdade de Comunicação Social, n.1 (1996) - Santa
Maria, 1996.
v.
Semestral
n. 4 (2001)

CDU: 659.3(051)

Ficha catalográfica elaborada por Lúcia de Lima Sant'Anna,
CRB-10/78, Biblioteca Central da UFSSM

Diagramação
Bibiana Silveira

Capa
Caroline De Franceschi Brun
Bibiana Silveira
Criação: Fernando Laske
Digitação
Cristiano Tarouco

Visite-nos: www.ufsm.br/jacobs ou www.ufsm.br/30anos

Sumário

Editorial 9

**UMA PROPOSTA DE ANÁLISE CRÍTICA PARA AS
CRÍTICAS JORNALÍSTICAS ESPORTIVAS
REALIZADAS DURANTE A COPA DO MUNDO DE
1998 13**

Antonio Guilherme Filho Schmitz

Lutz Osório Cruz Portela

Primeiro movimento de análise 16

Algumas considerações sobre as análises realizadas 24

Considerações finais 26

Notas 28

Bibliografia 28

O DISCURSO DISSONANTE 31

Domingos Sávio Azevedo

Mídia e comunidades imaginadas na Modernidade 34

Comunidade Imaginada e Sentimento de Pertencimento 36

Comunidade Imaginada e Invenção das Tradições 37

Considerações finais 40

Notas 42

Bibliografia 44

A MÍDIA E O EXERCÍCIO DO PODER NA ATUALIDADE	45
<i>Elizabeth Huber Moreira</i>	
Foucault e o poder moderno	46
O Absolutismo e o poder do rei	50
O cuidado do outro na Modernidade	52
Mídia e poder na Atualidade	53
Considerações Finais	55
Notas	57
Bibliografia	57
A ESCRITA COMO VEÍCULO DE TRANSMISSÃO DA CULTURA E DO LUTERANISMO	59
<i>Eneida Izabel Schirmer Richter</i>	
Bibliografia	67
NOTAS GERAIS SOBRE A CONSTITUIÇÃO E O APAGAMENTO DO SUJEITO	69
<i>Jocélia Maris Mainardi</i>	
A constituição do sujeito	70
O apagamento do sujeito	75
Notas	79
Bibliografia	81
CULTURA E MODERNIDADE - MUNDO	83
<i>Luciana Flores Battistella</i>	
Passado	84
Presente	89
Futuro: Info-rico e Info-pobre	91
Caminho Cultural e Empresarial	92
Conclusão	95
Notas	96
Bibliografia	96
MST: UM NOVO PREFIXO NO AR	99
<i>Mariângela A. Storniolo Torrescasana</i>	
Apostando na comunicação horizontal	102
Considerações Finais	105
Notas	106
Bibliografia	106
A COMUNICAÇÃO EM BUSCA DO SEU CAMINHO III	
<i>Adair C. Perruzzolo</i>	
A EXPERIÊNCIA DO MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM "COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA DA IMAGEM" ECO-UFRJ / DCI - UFSM	119
<i>Eugenia M. da R. Barichello</i>	
<i>Muniz Sodré</i>	
1 - Produção científica	121
2 - Distribuição das atividades de ensino e orientação pelos docentes	128
3 - Disciplinas ministradas em Santa Maria, datas em que foram oferecidas, ementas, programas, bibliografia e avaliação ...	129
4 - Disciplinas cursadas pelos alunos junto à ECO-UFRJ no segundo semestre de 1998.	134
5 - Distribuição dos docentes, alunos e dissertações pelas linhas de pesquisa	140
RELATÓRIO DE VISITA DO MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM "COMUNICAÇÃO E CULTURA", DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	143
<i>Maria Amélia Aragão</i>	
<i>Sérgio Caparelli</i>	
Normas para o envio de publicações	149

Editorial

Cadernos de Comunicação reapresenta-se, agora em edições semestrais regulares. A proposta editorial, doravante, segue a linha proposta nas três edições anteriores, acrescentando-lhe o propósito de abrir seu espaço a colaboradores nacionais e estrangeiros. Além disso, a versão impressa está acompanhada de uma edição digital, disponível no portal da UFSM.

Para este número 4, de junho de 2001, selecionamos a rica experiência do Mestrado Interinstitucional – MINTER, realizado através de uma cooperação entre a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal de Santa Maria, durante os anos de 1997, 98 e 99. O Conselho Editorial empenhou-se em registrar a experiência por duas razões básicas. A primeira, pelo grande êxito que ela significou, dado que quase todos os mestrandos efetivaram o cumprimento de seus créditos e a defesa de suas dissertações no prazo orientado pela CAPES, conforme os dados apresentados e a avaliação realizada pelos consultores podem comprová-lo. A segunda razão deriva-se do que a realização do MINTER significou para o próprio Departamento de Ciências da Informação da UFSM. Apenas três de seus docentes necessitavam realizar mestrado, conforme os registros de seu Planejamento Estratégico de Qualificação Docente. A ampla adesão de docentes de outras sub-unidades e universidades do interior do Rio Grande do Sul implicou na comprovação da vocação regional da UFSM e o poder de convocatória deste seu departamento.

A presente edição contempla a apresentação de alguns artigos referentes às dissertações apresentadas, bem como de outras peças. Consta do presente número a avaliação realizada pelo seu coordenador local, o Prof. Adair Caetano Peruzzolo, seguida de um levantamento realizado pelos professores Eugênia M. da Rocha Barichello e Muniz Sodré, apresentando o relatório complementar

enviado à CAPES em abril de 2001. Dele constam, entre outras informações, a autoria e os resumos das dissertações, a data de defesa, a composição das bancas, a grade de disciplinas ofertada, sua ementa e bibliografia, os alunos que as frequentaram e o local onde foram ministradas (Santa Maria ou Rio de Janeiro). A seguir, apresentam-se quadros que relacionam o número de orientadores e as linhas de pesquisa seguidas, assim como a identidade e a instituição de origem dos mestrados, considerando-se que muitos deles já tiveram seus vínculos alterados, conforme pode ser verificado na nota explicativa apresentada em alguns dos artigos publicados.

Por fim, não poderíamos deixar de acrescentar a avaliação realizada pelos consultores da CAPES, os quais detiveram-se minuciosamente nas condições de oferta do MINTER e o desempenho obtido.

Para a próxima edição, antecipamos uma outra experiência do Departamento de Ciências da Informação da UFSM, concentrada nas atividades acadêmicas de pesquisa desenvolvida no contexto da iniciação científica, das monografias de final de curso e nos seus projetos experimentais, dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas.

Chamamos a atenção do leitor para as características de envio de colaborações explanadas ao final do volume. Pretendemos dar continuidade à promoção do debate nos distintos temas da Comunicação na atualidade através de nossos espaços editoriais.

Ada Cristina Machado da Silveira

Editora

ARTIGOS

**UMA PROPOSTA DE ANÁLISE
CRÍTICA PARA AS CRÍTICAS
JORNALÍSTICAS ESPORTIVAS
REALIZADAS DURANTE
A COPA DO MUNDO DE 1998**

*Antonio Guilherme Filho Schmitz**

*Luiz Osório Cruz Portela***

Introdução

Não é possível negar, atualmente, o poder dos meios de comunicação, pois eles carregam a força onipotente e onipresente de transformar rapidamente conceitos e ideologias. Nesse contexto, milhões de pessoas podem ser expostas e influenciadas por determinadas condutas jornalísticas que, na maioria dos casos atrelam ao seu repertório normas de consumo e estratégias internas orientadas pela relação direta com os picos de audiência, ocasionando a construção de enunciados jornalísticos que se agregam e baseiam-se na condição de tempo e espaço próprios de cada meio.

Nesse sentido, o que é perceptível na realidade jornalística é o aumento na velocidade em disputar espaço de audiência e conquistar excelentes patrocinadores. Às vezes, uma determinada cobertura jornalística entra na disputa do vale tudo para agradar; e os acontecimentos passam a ser ordenados com a intenção de vencer o concorrente na fixação da atenção do público. Matérias e notícias passam a compor um núcleo informativo, que é o mesmo para todos, e nada é produzido ou criado fora desse contexto. A estandarização

* Técnico desportivo do Centro de Educação Física e Desportos-UFSM e professor da Universidade da Região da Campanha - URCAMP. Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRRJ (projeto MINTER com a UFSM, 1999).

** Doutor pela Universidade de Hannover, em Ciência do Esporte com ênfase em Fisiologia e Pedagogia do esporte - professor do Centro de Educação Física e Desportos-UFSM.

de determinado acontecimento se dá por dias a fio e enquanto durar a disputa de audiência entre os meios. O público, nesse caso, acaba sendo empurrado e envolvido pela disputa, pois já está sensibilizado pela estética de organização dada pela potencialidade processual dos meios; que se alicerçam fundamentalmente no poder de penetração e de instantaneidade. Portanto, a construção jornalística, como já foi dito, é regida pela ideologia capitalista, que por sua vez obedece à lei da produção e do consumo. Bastante óbvio e claro. Não! A impossibilidade de se perceber o que realmente está em andamento, dada pela velocidade de produção, torna impossível para o voraz consumidor (pela não existência de espaços) estabelecer uma organização própria para os sentidos produzidos.

No espetáculo, no show, na novela e no noticioso; um vínculo especial é estabelecido com o público. O espetáculo esportivo de futebol, principalmente, assume especial importância para o brasileiro de um modo geral. Nossa cultura está impregnada pelo jogo, que em épocas de copa do mundo extrapola em proporções, fazendo com que o lazer brasileiro passe a ser embalado pelo fascínio futebolístico; tudo e todos convergem para a alucinada e inimpetiva vontade de gritar: *Gooodooooo!!! do brasil.*

"Pasteurizado" o lazer para todas as camadas sociais, via cobertura, em épocas de copa do mundo; entender o envolvimento dos meios de comunicação com o lazer (acompanhar a campanha brasileira no evento) passa a ser de fundamental importância. Visto que, principalmente para aquele acompanhante assíduo de transmissões de futebol, é possível observar ou perceber um fato que se repete na cobertura da copa do mundo, e provavelmente pela maior evidência depois que o evento passou a ser transmitido pela televisão; trata-se das fortes críticas feitas pelos jornalistas esportivos aos treinadores e a alguns jogadores da seleção brasileira. Vários treinadores foram atacados e caracterizados como incompetentes para a função. As construções críticas decorrentes desse procedimento tornaram-se cada vez mais acentuadas, originando a formulação de uma "bula" jornalística que, aparentemente, foi sacramentada com a conquista do tricampeonato mundial, em 70, no México. Momento que definitivamente balizou o futebol brasileiro - "era de ouro"; sustentando uma "estética artística" já criada pela tradição do nosso futebol. Nota-se, claramente, que algumas dessas críticas se integraram ao vocabulário jornalístico com tamanha "rapidez e eficiência", passando a constituir massa discursiva de uso regular.

Houve em todos os casos, acredita-se, bons motivos ou fundamentações que justificaram os selos jornalísticos empregados. A repercussão das críticas, junto à opinião pública, demonstrou e demonstra claramente o poder e a capacidade de penetração dos meios de comunicação. Todos esses selos, mesmo sem uma verificação mais apurada dos fatos, fazem parte de uma tradição e cultura popular do brasileiro. Obviamente que contribuíram para isso as inúmeras repetições das manchetes sobre o tema, nos diversos meios de comunicação. Ou pode algum brasileiro, mesmo o mais

distanciado dos acontecimentos futebolísticos, dar-se ao direito de dizer que nunca ouviu ou leu algum comentário a respeito?

Jogadores, quando a serviço da seleção, também serviram e servem de alvo às críticas jornalísticas. Nesse caso, os pontos críticos variam e se diversificam na dependência de quem é alvo da crítica. Na população dos jogadores destaca-se, também, o que é comum aos treinadores e é realçado como alvo predominante ou como núcleo da notícia; julgamentos sobre sua competência - sua capacidade técnica e tática. Erros e defeitos são via de regra potencializados pelas notícias, servindo de base à atribuição de traços e perfis psicológicos, aos quais são ligados julgamentos e imputados valores quanto à capacidade de desempenho. Tais valores, pode-se dizer, nunca estão totalmente desvinculados de uma lógica já expressa e aceita com bastante facilidade no meio futebolístico.

Assim, o consenso se dá pela manifestação através da linguagem e pela popularização dada na utilização de jargões que formam senso comum em matérias e comentários jornalísticos. Como exemplo destaca-se: O zagueiro que impõe respeito, o artilheiro oportunista, o atacante individualista, o jogador mau peixe, o jogador amarelo, o jogador varzeano, o carregador de piano³ e o animal.

Historicamente, pode-se citar alguns jogadores que foram criticados ou sob a imagem dos quais divulgaram-se ou criaram-se questões polêmicas e sensacionalistas. Algumas são até hoje utilizadas como ponto de referência e lembrança de determinada época de nosso futebol; e até mesmo dispostas como elemento de relação para o que acontece na atualidade. Assim como Pelé, também didi, nilton santos, garrincha, jairzinho e outros são lembrados por seus feitos. Dunga e a era de 90; Branco e a incerteza em 94; Toninho Cerezo e o erro do passe e mais toda turma de 82 que nunca ganhou uma copa; Zico e o pênalti perdido em 86; Ronaldinho e a dúvida na final de 98; são fatos bem conhecidos do leitor e do espectador, e não raras vezes retornam para reforçar outras críticas do gênero.

Como essas questões envolvem, entre outros aspectos, juízos e julgamentos de natureza esportiva e de caráter técnico e tático, o qual não é a princípio um fato exclusivamente de abrangência jornalística; despertou a curiosidade científica a questão relacionada com os pressupostos teóricos da técnica e da tática assumidos nesses julgamentos. O principal enfoque de investigação concentrou-se na descrição e apresentação das principais críticas jornalísticas feitas a jogadores e técnico da seleção brasileira durante a copa do mundo de 1998 e na análise dos seus fundamentos.

Para tanto, realizou-se o relato do tipo de crítica ou comentário crítico existentes relacionados a treinadores e jogadores da seleção brasileira, durante o período de realização da copa do mundo de 1998 (França), destacando principalmente questões de envolvimento técnico - tático ou de competência técnica desses. Também foram incluídos aqui o período de preparação e as partidas preparatórias e oficiais, onde críticas sobre a atuação da seleção nacional foram debatidas. Nesse aspecto se deu prioridade a

situações que, já se sabia de antemão, gerariam considerável polêmica na mídia e estariam em grande evidência nos meios. Esses fatos ou episódios foram levantados e transcritos para se ter uma visão da perspectiva de análise e da fundamentação que deu suporte à crítica.

Adotou-se como ponto de referência para a realização das análises, o conteúdo da notícia, principalmente sob a perspectiva dos conhecimentos teóricos da técnica e da tática.

Para um melhor entendimento é necessário frisar que os termos jornalista esportivo, jornalismo esportivo e outros termos abrangentes aqui empregados devem ter o seu entendimento restrito aos fatos específicos apresentados no estudo. É preciso salientar, ainda, que não foi intenção desse trabalho estabelecer reivindicações no sentido de como deve ser o jornalismo esportivo. Procurou-se restringir o estudo e foi proposta desse a análise dos limites das notícias e comentários feitos, sobretudo os limites das reivindicações implícitas e explícitas nas análises técnico - táticas do jornalismo esportivo. Partiu-se do pressuposto de que, se foram feitos julgamentos sobre a capacidade e competência técnico - tática de jogadores e treinadores, elas não poderiam contrariar o conteúdo técnico e teórico existentes na área de estudo específica do tema.

Primeiro movimento de análise

Os episódios ou fatos descritos ao longo do estudo de análise proposto e as várias observações feitas durante as transcrições e análise dos programas de televisão, tanto as transmissões dos jogos quanto os programas específicos de análise e comentário desses, permitiram o levantamento de alguns aspectos críticos observados na vinculação do tema em questão.

Levando-se em conta a impossibilidade de reconstrução do fenômeno: Jornalismo esportivo na copa do mundo foi realizada a apresentação dos aspectos críticos em relação aos seguintes episódios: O corte de romário, bebeto expiatório, giovanni - o morfético, taffarel - o contestado, dunga e seu desempenho, emerson - o desconhecido, apreciação da arbitragem, comentários selecionados dos jogos da seleção, apreciação dos adversários, a revanche, a vitória contra a holanda - a conquista do penta e a frustração da derrota e a busca de explicações. Todos apresentados de forma pontual. No nosso entendimento, os seguintes aspectos foram característicos nos casos estudados:

O destaque da notícia e comentário com ênfase sensacionalista

Tem-se a impressão, devido à forma como a crítica a jogadores foi apresentada, que a exploração polêmica dos fatos e a vinculação de boatos foi sistematicamente buscada. Os episódios descritos no estudo são exemplos que ilustram bem esse fato. A explicação de porque ocorre não foi objeto desse estudo, porém pode ser encontrada na literatura especializada.

Falação e fabulação esportiva?

Observou-se, nos programas e comentários esportivos sobre os jogos da seleção na tevê, horas e horas de discussões sobre temas táticos, com muito pouco conteúdo explicativo ou informativo. As diferentes perguntas e opiniões foram apresentadas, na maioria dos casos, de forma desestruturada na medida que surgiam na cabeça do apresentador do programa e dos demais comentaristas. Em grande parte dos casos não existiu um encaminhamento compreensível quanto às conclusões da análise dos temas. Para o público toma-se difícil a compreensão do conteúdo explicativo das análises feitas, pois não permite a visualização do que está sendo falado. O conteúdo dos comentários foi destinado principalmente àqueles que possuem conhecimento de futebol e dominam os termos técnicos e expressões utilizadas. As análises podem até levantar aspectos que, na opinião dos "experts", sejam de relevância na participação dos jogadores, no sistema tático adotado, na forma de jogar do adversário, etc. Mas uma síntese ou análise da relevância dos aspectos comentados, com uma seleção daqueles mais aceitos ou descartáveis, via de regra não ocorreu. Foi difícil entender quais as conclusões ou conclusão, divergentes ou não, que poderiam ser tiradas das questões e propostas analisadas no programa. Da mesma forma, não se pode concluir sobre os aspectos que serviram de base à essas, pois as explicações não foram geralmente suficientemente desenvolvidas. A tônica dos debates esportivos concentrou-se, então, na apresentação de opiniões variadas e desorganizadas de comentaristas convidados sobre diferentes aspectos do jogo, inclusive técnico - tático. A relevância da perspectiva de análise não ficou bem estabelecida. As opiniões não foram, em muitas situações relativizadas, com isso, pressupõe-se que foram consideradas fato consensual. Nos casos em que ocorreram conclusões, se discutiu muito o que pode ser concluído em poucas frases.

Emotividade

É perceptível, principalmente durante as narrações dos jogos, a emotividade existente nos profissionais. Ela é consequência da torcida pelo sucesso da seleção nacional. Inevitavelmente essa emotividade pode exercer influências nos comentários e análises, que podem se apresentar eufóricos e otimistas por um lado, ou frustrados e pessimistas por outro. Sob essas condições psicológicas podem apresentar-se as críticas. Esse é um problema a ser aprofundado e investigado. Não se faz aqui defesa ou reivindicação de neutralidade ou distância por parte do jornalista em relação ao episódio comentado ou narrado. Porém, fica caracterizado um problema enfrentado pelos profissionais de jornalismo; eles têm a função de informar e cobrir os acontecimentos o mais precisamente possível para o público, estando num meio no qual a emoção é inerente ao processo gerador de informação. Na busca de passar a realidade para o espectador ou leitor, enfrentam eles a dificuldade de desvincularem-se da emoção, visto como requisito fundamental a precisão no relato das situações. Sendo a emoção, como já dito, componente inerente e

indissociável ao meio onde o jornalista se encontra, caracteriza-se a existência de uma limitação. O necessário distanciamento do meio gerador da informação, pré-requisito para o não envolvimento e uma melhor análise dos fatos, traria dificuldades ou impossibilitaria a transcrição e compreensão da própria situação.

A disponibilidade de tempo

Fica também visível a limitação de tempo disponível para comentários e considerações que são feitos durante os jogos. Isso dificulta uma análise mais apurada dos fatos ocorridos e das interpretações dadas a esses. É perfeitamente aceitável devido a essa contingência a existência de erros que passam a ser considerados normais, pois são essas as possibilidades situacionais relacionadas com a geração da informação. Por isso, a intenção principal do trabalho não deve ser vista apenas como uma tentativa de apontar erros jornalísticos. Acredita-se que os repórteres estejam empenhados em fazer o melhor ao seu alcance, porém, é nítido que as condições de trabalho, como mencionado, limitam suas atividades. O comentário durante o jogo pode ser uma reação, uma explicação a situações muitas vezes inesperadas. Pode-se concluir, devido às limitações de tempo e necessidade de resposta (comentários imediatos) a situações diversas e não previsíveis, que as análises não abrangem, via de regra, suficientemente a complexidade do fenômeno que está sendo comentado. Isso traz como consequência a transmissão de análises fragmentadas para o ouvinte, ou seja, análises reduzidas a duas ou três frases. Esse é um problema de difícil superação para os profissionais que atuam na área. Sendo assim, o reconhecimento da necessidade de restrição da abrangência do enunciado ou da análise, diminui o risco da transmissão de análises ou informações incompletas. Se a fundamentação ou explicação a um enunciado jornalístico não pode ser dada adequadamente devido a fatores limitantes, tem-se o problema de que uma explicação incompleta é transmitida e permanecerá como definitiva, se não for relativizada, de alguma forma, na cabeça do telespectador. Assim, os fatos comentados, através de análises incompletas, passam a ter caráter de verdade absoluta devido à dificuldade de perceber a realidade dos acontecimentos do jogo, em função das limitações técnicas de transporte da realidade (geração de notícias e imagens) para os telespectadores. Por exemplo, o telespectador, em função disso, tem dificuldade de construir a sua própria impressão do jogo. Assim, o comentarista e o narrador, no caso, são decisivos na formação da idéia da realidade (perceber através deles) e na consequente opinião sobre o assunto.

Tradição e dogma

Freqüentemente observou-se nos comentários que os jogadores e acontecimentos do passado são as referências para as análises de jogadores e acontecimentos do presente. Principalmente na análise de questões táticas, é mencionada freqüentemente nos textos jornalísticos a necessidade de se considerar a "tradição do futebol brasileiro". Parece existir aqui elementos dogmáticos na

análise, pois os jogadores atuais e a forma de organização tática da equipe, etc. São comparados e devem seguir os modelos da tradição. São exemplos disso enunciados como: "Nenhum jogador pode ser comparado a Pelé"; "jamais existirá outro tão bom quanto Pelé"; "Pelé é incomparável"; "a seleção de 70 é inigualável, pois jogava por mágica"; "Garrincha era um jogador que não precisava de treino"; "para se jogar bem se deve fazer como antigamente"... etc. A comparação é compreensível, pois teve-se no passado atletas excelentes e seleções bem sucedidas. Porém, a exigência de se tomar como modelo referências da tradição do futebol brasileiro, jogadores ou situações táticas para a orientação da realidade esportiva atual (equipe, jogadores, forma de jogar), pode não ser adequada até pelo simples fato das possíveis diferenças existentes. Sob a perspectiva da teoria da tática, a consideração das diferenças é imprescindível para o planejamento tático. A análise da linguagem utilizada refuta, de antemão, a idéia dos modelos do passado serem tomados como referências para o presente, pois se jamais existirá (no presente) outro jogador tão bom quanto ou seleção tão boa quanto, como dito acima, então o modelo não pode ser aplicado, porque o mesmo exige como pré-requisitos os mesmos pré-requisitos existentes no passado. Tais considerações não implicam em dizer que os antigos feitos não tenham ou não devam ser considerados como parte integrante do futebol brasileiro. No entanto, deve-se levar em conta que se as apreciações basearem-se unicamente neste contexto, impossibilitam um avanço no entendimento do que acontece na realidade.

O regionalismo

É facilmente perceptível nas críticas, principalmente em situações como: Convocação da seleção, substituições de jogadores, etc.; - que a apreciação jornalística é influenciadora da questão regionalista, comentários e matérias são estruturados de acordo com a preferência do jornalista ou de acordo com o contexto de inserção do veículo de comunicação. A influência desse fator na análise e na avaliação do desempenho dos jogadores e suas capacidades não pode ser claramente e diretamente estabelecido. Porém, alguns dos casos estudados - convocação de emerson após o corte de romário, apreciação feita ao goleiro taffarel - permite identificar diferenças regionais existentes na avaliação, bem como preferências. Há vários exemplos semelhantes que poderiam ser citados, recentemente esse procedimento pôde ser observado no tratamento dispensado pela imprensa paulista ao técnico luis felipe scolari quando este passou a dirigir a equipe do palmeiras. Isso serve para reforçar o anteriormente descrito.

Intervenção

Ela está além da notícia e do comentário. Entende-se por intervenção a atuação sistemática no sentido de querer prevalecer o seu ponto de vista ou fazer campanha para que certas mudanças ocorram. O interventor tenta fazer valer a sua autoridade interpondo (opondo, contrapondo) as suas intenções em relação a dos demais. O grande problema, nesse caso, é que parece que as funções do

jornalista acabaram confundindo-se com as funções do técnico. Apontar o erro e potencializar é a estratégia através da qual o caminho, no sentido da intervenção desejada, fica claro. Dessa forma a consequência é óbvia: Seguindo a intervenção o sentido desejado passa o técnico a ser o personagem que deve achar argumentações para o convencimento das atitudes que toma ou que tomará; e o jornalista, no caso, assume a condição de orientar e ditar as condutas que se dizem as mais corretas.

Exemplificando o exposto, as críticas feitas ao desempenho do jogador bebeto durante a copa caracterizam a tentativa jornalística de intervenção de caráter técnico - tático na equipe. É típico, nesse caso, a pressão para escalação de jogadores, substituições e a mudança na conduta tática adotada. A pressão e a tentativa de intervenção podem ser observadas nesse episódio, na estruturação da matéria ou debate esportivo, bem como em desenhos caricaturados. A crítica, até na forma de ataque pessoal, é uma das maneiras utilizadas como comparação de que a convicção ou opinião do crítico sob determinado aspecto técnico - tático (por exemplo) está correta. O fundamento do ponto de vista do crítico é encontrado então no erro ou na característica vista como negativa na pessoa: chorão, zangado, indisciplinado, velho, caquético entre outros, são exemplos contidos no estudo, característico na sua forma de apresentação pela maneira indireta através da qual a intervenção fica sugerida ou implícita. Obviamente que esta idéia de intervenção é construída com o imaginário do leitor ou do espectador, pois, em vários casos, não é diretamente enunciada. Nesse capítulo, pode-se perceber algumas tentativas que poderiam ser caracterizadas na iniciativa de formar a opinião pública sob um certo tema em relação ao técnico, a integrantes da comissão técnica ou a determinados jogadores. O procedimento descrito acima pode ser melhor entendido ou exemplificado no caso do corte de romário, o que obrigatoriamente encaminha uma reflexão sobre o tratamento dado à informação esportiva em épocas de copa.

Reconstituição e fundamentação na fragmentação

Foi muito difícil reconstruir a crítica feita aos treinadores e jogadores e principalmente analisar a sua fundamentação, pois ela não se encontra suficientemente desenvolvida. Constatou-se que as críticas são esparsas e divergentes, o que é normal. Só pelo simples fato de que são divergentes (as críticas), deveriam elas servir para a reflexão de cronistas e comentaristas, para que os mesmos refletissem e relativizassem melhor o conteúdo da crítica por eles elaborada. O que se vê são opiniões que, devido à dificuldade de uma convergência, não podem ter conotação de consenso. A falta de fundamentação da crítica pode ser revista através de termos e designações usados no passado em relação aos treinadores brasileiros. Essas ficam bem caracterizadas nos seguintes exemplos:

Zagallo, técnico campeão de 1970, consagrado pela conquista da copa do mundo no México, foi chamado em 74 de "defensivista". Na mesma oportunidade, ele se pronunciou por ocasião do jogo da

seleção brasileira frente a seleção holandesa, sensação européia naquela copa, dizendo que, o time holandês jogava um "tico - tico no fubá". A frase foi gravada e bem guardada pelos jornalistas esportivos brasileiros. E por aquela frase, ele ficou conhecido como um técnico avesso a treinamentos, arrogante, auto - suficiente futebolisticamente e que não se importa com o adversário.

Assim, também **Coutinho** ficou conhecido como "o teórico", como aquele técnico que estudava, desenhava e escrevia muito e usava termos rebuscados como: "Ponto futuro" e "overlapping". Ele também ficou conhecido como o criador do título de "campeã moral" para a seleção de 78.

Telê Santana, "o professor" de hoje, amargou por muito tempo a alcunha do "técnico que não usava pontas". Incluiu um programa humorístico, da época em que ele treinava a seleção, pediu pelo telefone público: Bota ponta telê, bota ponta!

Sebastião Lazaroni também não escapou. O criador do "lazarônês", termo criado para explicar a linguagem utilizada pelo técnico, foi considerado o grande traidor da *pátria em chuteiras*, foi ele o "homem que europeizou o futebol brasileiro" mudando toda uma concepção em relação ao que até aquele momento se entendia por futebol no Brasil. A acusação de europeização e descaracterização do que era entendido por futebol brasileiro foi atribuída ao fato do treinador ter enfatizado o aspecto defensivo e por tentar introduzir a função de libero na seleção brasileira.

Parreira, o técnico do tetra, não foi perdoado, ele ainda hoje é conhecido como: "Teimoso", "burro", "burocrático", "defensivista" e "retranqueiro". Também foram transferidas a Zagallo, que foi seu coordenador técnico em 94, essas "qualidades" deixadas por seu antecessor. Adiciona-se ainda à imagem de Zagallo a fama de arrogante do passado (copa de 74), mais a sua devota paixão pelo número treze, seu número da sorte, e cria-se um campo vasto para a crítica.

Outro ponto a ser comentado é que a crítica também aparece, em muitos casos, através de uma linguagem pouco clara, onde fica a impressão do "dito pelo não dito", ou através de ironia e caricaturas. Por isso, fica dificultada a reconstituição das críticas e a análise de seus fundamentos. Ela se dá através de considerações fragmentadas. Um exemplo do dito acima é a explicação do porque não se deveria colocar um canhoto ou canhotos a jogar pelo lado direito de ataque na seleção brasileira. A resposta melhor formulada para essa questão ainda não foi encontrada nas buscas feitas. O suficiente ou bom desenvolvimento das razões ou fundamento das críticas feitas pelos jornalistas em relação a jogadores e à comissão técnica, seria importante para o melhor entendimento do que está sendo criticado. Por outro lado, talvez existam razões jornalísticas que justifiquem tal procedimento. A pergunta a se fazer seria: Que razões seriam essas?

O resultado como referência às críticas

Constata-se que as fundamentações das críticas anteriormente

citadas são insuficientes. Seus elementos fundamentadores são precários. O ponto de referência às críticas dos jornalistas esportivos, aos jogadores e principalmente ao treinador, é o resultado esportivo – a vitória. As apreciações críticas, positivas ou negativas, sobre o desempenho tático da equipe, dos jogadores e do treinador se esse escalou bem o time, se substituiu corretamente, usou a estratégia de jogo adequada, etc. – Partem, via de regra, da consideração do resultado. Ou seja, se o time está ganhando, a apreciação é positiva – a substituição foi correta, o sistema tático foi bem aplicado, etc. – Caso contrário, a apreciação é negativa.

É interessante enfatizar que essas apreciações podem mudar de uma posição para outra, positiva para negativa e vice-versa, em questão de minutos, dentro de uma mesma partida, conforme a variação do placar. Isso é possível se constatar não necessariamente relacionado à apreciação do desempenho técnico dos jogadores, mas sim em relação à forma de jogar e à estruturação tática, mesmo quando essa não tenha se alterado. Após o resultado definido é fácil de se perceber os pontos falhos, os erros, se existiram, se tornam visíveis.

O erro e o mérito

Na tentativa de desenvolver a lógica e a perspectiva de análise, sabe-se que uma das referências é o resultado. Se o resultado é negativo, geralmente ocorre a ênfase nos erros. Pega-se, por exemplo, uma situação de gol contra a seleção brasileira, a partir daí vem toda uma análise ou comentário baseados em cima de que fulano errou. É difícil decidir em alguns casos se foi erro da equipe ou jogador, ou mérito do adversário. Porém, o que é potencializado é o erro. Mas essa situação fica difícil de ser esclarecida, normalmente a perspectiva de análise é ver a situação sob o prisma do erro, principalmente se o gol é contra o Brasil, se é a favor do Brasil daí é mérito, fato bastante claro. É uma situação muito difícil de diferenciar, impossível talvez, até porque no jogo o erro é o que o mantém e o que o caracteriza, é a tônica; sem o erro não existe a possibilidade de gol, sem gol não existe atratividade no jogo e sendo assim, este se torna menos interessante. Então, pode-se dizer que sem erro não há mérito, ou os méritos diminuem bastante. No erro reside a alma do jogo, senão o jogador driblaria e não passaria pelo adversário, chutaria a gol e o goleiro pegaria. Assim, a racionalidade do jogo é dada em cima da possibilidade de erro. O que talvez conduza para o seguinte raciocínio: Erro nada mais é do que uma consequência normal do jogo. Tomar o drible é uma consequência normal e não um erro, às vezes. Por que o erro se torna erro? Porque quem o está vendo caracteriza-o como erro, a não ser em situações em que o jogador, por exemplo, erra o pé na bola, mas mesmo assim e sob uma certa perspectiva, sem estas "furdadas" o jogo perderia sua razão de existir, pois é disso que o jogo vive. Então, essa situação fica muito difícil de ser caracterizada. Foi erro do Zagallo ou foi mérito do adversário? O jogo faz-se com a probabilidade de erro. A análise da capacidade ou do mérito do treinador, que toma como referência

"erros" ocorridos, não deixa de ter também suas limitações,

Ética ou direito

Nos comentários e críticas expostas ao longo do estudo se pode constatar a existência de questões que parecem ferir os princípios do jornalismo. Observou-se nos comentários sobre jogadores, técnico e árbitro que as críticas não se restringem a questões técnicas esportivas.

Analisando o conteúdo dos comentários e análises críticas apresentadas se pode constatar que cuidados e preocupações de fundo ético não foram tomados na devida medida. Em todos os casos analisados verificou-se, indubitavelmente, falhas ou descasos com a postura ética propagada. Estas foram exemplificadas em casos como:

- Romário e Edmundo tiveram seus nomes e imagens vinculados a *hard-boys*. O termo foi empregado de forma ambígua e muitas vezes irônica.

- O técnico Zagallo foi indicado como um velho que deveria ser substituído depois da copa ouro de 98, e seus comportamentos relacionados a uma imagem caquética, superada e espalhafatosa.

- No episódio do corte do jogador Romário, duas pessoas em especial, foram muito atacadas: O médico Ildio Toledo e o coordenador Zico foram dispostos de maneira a travarem uma luta na definição do caso, Zico foi mostrado como um vilão e indicado como principal responsável pelo corte do jogador.

- Os adversários brasileiros, na maioria dos casos, foram tratados como coadjuvantes de um espetáculo onde o "grande astro" era a equipe brasileira. Portanto, um desprezo e uma desqualificação do contexto do jogo, assim como uma certa arrogância e desprezo frente às equipes tidas como mais fracas, são perceptíveis.

- Especulações e boatos foram apresentados em relação à vida privada de Ronaldinho e apontados como causas do "mau" desempenho técnico do jogador na copa. A privacidade do atleta simplesmente passou a ser ponto de ironias e destaque em programas e comentários jornalísticos. Deixou-se transparecer que nela poderia residir a causa das convulsões ocorridas antes do jogo com Ronaldinho. Obviamente, tudo isso foi dito com o uso da linguagem onde as conotações das palavras são utilizadas na forma de possibilitar as diversas interpretações possíveis.

Algumas considerações sobre as análises realizadas

As análises críticas descritas acima trazem implícitas algumas idéias de tática, cujos pressupostos seguem:

Unanimidade

As análises críticas dos comentaristas trazem implícita a idéia, quando da sua não-relativização, que o seu ponto de vista é o

correto, e que ele representaria a unanimidade em relação a questões de ordem tática: Planejamento, alterações, tomadas de decisões e avaliações (tanto individuais quanto coletivas). Isso ocorre naquelas manifestações onde a opinião do jornalista é apresentada de forma como se existisse uma única solução tática correta, a sua, a qual aparentemente representaria a unanimidade. Nessas situações, o ponto de vista tático do crítico é a referência única à crítica, e servirá de base para análise e apreciação do comportamento técnico-tático dos jogadores e do técnico. Nessas, encontram-se enunciados do tipo: "O treinador deveria ter feito ou tomado tal decisão, por exemplo, substituir a por b e não por c; não é esse o jogador que deveria ter entrado; errou porque tinha que ter mexido no time; errou porque não tinha que ter mexido no time; tinha que ter substituído antes; devia ter esperado mais para substituir, etc. Em consequência dos enunciados, conclui-se que o treinador ou jogador errou e é o culpado pelo péssimo resultado. As situações acima só são vistas como problemas quando não são manifestas na forma de opinião jornalístico - esportiva, portanto, pela sua absolutização e pela sua não relativização. A opinião na avaliação tática, no meu entender, apresenta-se normalmente como uma possibilidade de apreciação, o que não exclui outras possibilidades existentes. O problemático é que muitas vezes a crítica é apresentada como opinião, porém as outras possibilidades existentes de interpretação ou avaliação tática do fenômeno não são mencionadas.

Tática e a disposição de jogadores

As leituras das possibilidades táticas das equipes são frequentemente interpretadas e apresentadas unicamente através das disposições dos jogadores em campo. Existe uma limitação de se entender, através da descrição da disposição dos jogadores, sua função no sistema e principalmente em tentar-se deduzir, a partir dessa, a capacidade ou a qualidade do despenho tático. Por exemplo, a eficiência do bloco defensivo ou a qualidade da defesa não pode ser predita apenas e suficientemente a partir do número de jogadores nela dispostos.

Tática como sinônimo de substituição

Alteração, intervenção tática é, muitas vezes, compreendida pela crítica como sinônimo de substituição. Se houve intervenção tática do treinador, houve alteração tática na equipe, caso contrário não. Se uma substituição possibilitou ou não o resultado esperado, o time foi respectivamente bem ou mal estruturado taticamente. A avaliação de desempenho do técnico, sua capacidade tática foi muitas vezes julgada por essa perspectiva. Da mesma forma, muitas vezes a apreciação tática da substituição é analisada pelo efeito que essa foi capaz de produzir em termos de alterar o resultado do jogo. Em vários casos, entrou fez o gol, a substituição foi correta e era indicada, caso contrário, não. Parece ser trivial dizer que essa posição, sob o ponto de vista tático é limitada e insuficiente para o entendimento das intervenções táticas do treinador e para a avaliação do seu desempenho.

Erros, falhas e desastres

A avaliação jornalística da equipe inclui-se aqui também o treinador, e do comportamento tático do jogo se apóia fortemente nas falhas cometidas e na crítica de seus responsáveis. É observada freqüentemente exposta na 'linha de tiro', a figura do treinador incompetente, que foi incapaz de evitá-la. Este comportamento jornalístico é mais enfático quando o resultado da partida é negativo, ou seja, a equipe brasileira foi derrotada. Em muitos casos, pela rispidez da crítica, pode-se concluir que a derrota é vista em si mesma como uma falha. Também implícito nessa forma de pensar está a idéia de que as falhas e erros são sempre evitáveis, corrigíveis, antecipáveis, ou seja, como se fosse possível eliminar esses do jogo. A questão que se apresenta é:

- A) o quanto essa compreensão do jogo pode ser aceita?
- B) em que medida erros, falhas e desastres⁶ deixam-se controlar?
- C) em que medida uma análise de falhas é suficiente para a avaliação tática da equipe e do jogo?

É característica do jogo a impossibilidade do controle total do resultado, também visto como decorrente de erros e acontecimentos imprevisíveis. É disso que se constitui o que se pode chamar de "essência do jogo", condição necessária para que o jogo possa existir. Por melhores que sejam as qualificações que possuam o treinador e jogadores, sempre existirá a possibilidade de um ponto que não foi possível controlar, que falhou. Falhas existirão, devido a sua impossibilidade de controle total, e porque elas aparecem, muitas vezes, associadas ao risco, que é, também, um constituinte necessário do jogo.

Em uma situação, tomando como referência os campeonatos mundiais, onde os interesses extrapolam o âmbito do conceito original de jogo como atividade de divertimento e lazer e onde questões nacionalistas e de cunho financeiro desempenham papel fundamental, é natural que se atribua outra dimensão aos erros. No jogo, neste caso, não se pode mais incorrer em certos riscos, porque cada equipe tem que ter a certeza de que vai ganhar. Nesse contexto é compreensível que um erro, em princípio normal, 'do agir tático' ou 'do jogo', passe a ser potencializado, superenfocado, e a pessoa que cometeu esse erro passe a ser um vilão ou um 'traidor da pátria'. Porque, nesta situação, erros não poderão existir! Visto a importância dada ao resultado, se pressupõe que não poderá haver erros e conseqüentemente não se admitirá o fracasso. Não se admitindo tais possibilidades, obviamente que o encaminhamento da questão parte para uma 'crucificação' ou um 'suplicio' do culpado.

As análises jornalísticas esportivas que potencializam o erro e crucificam o culpado não deixam de apresentar-se como paradoxais em relação ao entendimento de jogo. Porque toda vez que uma partida é vencida por um lado, certamente ocorreram erros pelo outro. Como já dito, a falha, não deixa de ser uma condição necessária do jogo. Caso

contrário, não haveria nenhum tipo de superação entre as equipes. Um jogador de posse de bola não conseguiria passar pelo seu oponente, driblá-lo. Um atacante não conseguiria fazer o gol, pois seus arremates seriam sempre defendidos pelo goleiro. Conseqüentemente, todas as partidas terminariam empatadas. Neste caso, parece prudente considerar para efeito de realização das análises jornalísticas, uma adequação melhor de contexto, o que permitiria o entendimento do que é senso comum no jogo: Quando alguém ganha, alguém perde. E é nesse contexto que as equipes envolvidas devem ser analisadas.

Considerações finais

Observou-se, nas construções das informações jornalísticas sobre o futebol na copa do mundo de 1998, que análises e avaliações de cunho técnico - tático, tanto sobre a equipe como um todo, quanto sobre elementos individuais, ocupam local de destaque e abrangem a grande maioria do conteúdo jornalístico das reportagens e/ou comentários esportivos. Isso é mais característico nas transmissões de eventos esportivos pela tv. Nessas análises e comentários críticos, encontram-se juízos de valores de natureza esportiva, principalmente, referentes à avaliação de desempenho técnico - tático de jogadores e treinadores. Em síntese, pode-se dizer: Se essas questões tratam do conteúdo técnico específico do jogo de futebol, devem encontrar nessa, sua fundamentação. Por isso, adotou-se a perspectiva do conteúdo teórico específico de tática como uma das referências para a análise dos fatos jornalísticos descritos. Baseado nessa referência de análise, pode-se concluir que:

- As críticas feitas, relativas às análises táticas, foram superficiais e não encontram fundamentação suficientemente na teoria de tática. Elas devem ser entendidas, quando não contrariam o conteúdo teórico de tática, na melhor das hipóteses, como uma opinião entre outras possíveis, de como conceber o jogo. Esse enunciado implica necessariamente em uma relativização das posições jornalísticas em relação às críticas e reivindicações de conteúdo técnico - tático em relação a jogadores e técnicos.

- Não se deve esquecer que as necessárias análises táticas mais profundas, capazes de diminuir as possibilidades de erros de interpretação e garantir uma maior aproximação com o fato real, são limitadas - durante uma transmissão esportiva, mesmo em uma mesa redonda de discussões ou em crônicas em jornais - pelas dificuldades existentes. Entre outras, cita-se: Tempo disponível para a análise, dificuldade teórica de se excluir ou determinar as causas a que devem ser atribuídos méritos ou erros táticos. A superação de tais limitações é vista como muito difícil para a formação profissional e as condições de trabalho existentes no meio.

- Não se pretende reivindicar do jornalismo esportivo uma postura no sentido de uma apresentação ou discussão acadêmica do conteúdo técnico específico de tática. Da mesma forma, não é

exigência que nesse deva-se concentrar toda ou a principal tematização jornalística do jogo, e que as abordagens venham a esgotar os aspectos táticos do jogo. Essa é uma questão de competência dos jornalistas. Porém, se questões técnico - táticas são escolhidas como tema, e fundamentam críticas muito fortes, no caso aqui tratado, de jogadores e treinadores, em relação inclusive, como descrito a competência e incompetência dos mesmos, então, parece que é justificável exigir dos jornalistas que adotam tais posições a apresentação da argumentação que as fundamenta. Para posteriores estudos, fica estabelecida a questão relativa à abrangência em que os aspectos teóricos específicos do conhecimento envolvendo as questões reais do jogo precisam ser considerados ou ignorados, na prática do jornalismo esportivo.

A outra perspectiva de análise da crítica aos treinadores e jogadores foi fundamentada naquilo que os jornalistas estabelecem como os princípios orientadores do seu proceder jornalístico. Em relação a esse aspecto, pode-se concluir que:

- Em muitas das situações mencionadas no estudo, se perceber que a crítica a jogadores e técnico, toma até mesmo o aspecto de agressão pessoal. A precisão dos comentários e até mesmo da notícia foi, em alguns casos, pouco observada. Títulos e manchetes dispõem-se visivelmente para uma forma de agressão sutil. Nesse particular, também fotos e caricaturas exercem a função de reforçar a agressão ou o tom da crítica. Todas essas questões contradizem o que os jornalistas estabelecem nos seus princípios, como sendo a maneira adequada de se fazer jornalismo. A questão traz um problema bastante complexo à discussão que é a ética do jornalismo. Tal discussão já é objeto de análise em grupos de estudos dentro do jornalismo e por isso não se pretende ampliá-la.

Para finalizar, cabe uma ressalva: Certamente o fenômeno jornalismo esportivo não pode ser visto ou analisado apenas através de situações que indicam possíveis 'erros' ou problemas. Uma série de pontos positivos são existentes nas transmissões, crônicas e reportagens, porém, não foram tematizados. É bastante complexa a abrangência do fenômeno como um todo, e por isso, somos conscientes das limitações desse estudo.

Notas

1 Barros, 1972, p. 28.

2 Para Umberto Eco, falação esportiva, é o (...) discurso sobre o discurso na medida em que vê o esporte alheio como discurso [...] (ECO, 1985, p. 223). Emprega-se aqui, o termo 'falação esportiva', para caracterizar o discurso com pouco conteúdo informativo.

3 Hall, 1998, p.52-53. Cerca muito bem a relação entre tradição e nacionalismo e descreve alguns aspectos de como por meio da narrativa é possível contar uma determinada cultura nacional. Dos cinco aspectos por ele citados, separei três que considero de grande importância para o

entendimento do termo regionalismo e sua vinculação com a tradição. 1º) a narrativa da nação: Aonde a mídia participa na perpetuação de símbolos e rituais, 2º) a continuidade e tradição: A identidade nacional sempre pronta a despertar, 3º) a tradição inventada: Apoiada na repetição que perpetua valores e normas a um passado histórico adequado.

4 A atividade teórica era visto na mídia e no meio futebolístico como uma característica negativa. Por isso o emprego do termo teórico tinha uma conotação irônica e depreciativa.

5 Rodrigues, 1994.

6 Eles são entendidos como acontecimentos totalmente imprevisíveis.

Bibliografia

- BARROS, de Monteiro. **Dicionário Ilustrado do Futebol**. São Paulo: Abril, 1972.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DOMINIQUE, Maingueneau. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Editora Pontes/Universidade Estadual de Campinas, 1989.
- ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FITTIPALDI, Maristela. **Ética no Jornalismo: O Desafio do Cotidiano**. Orientadora: Ester Kosovski. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 1998. 180 fls. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura).
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo, 1996.
- KLEIN, M. A., AUDINO, S. A. **O almanaque do futebol brasileiro**. São Paulo: Escala, 1996.
- LISBOA, Márcia Rodrigues. **Jornalista: profissão passageiro**. Orientador: Muniz Sodré de Araújo Cabral. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 1994. 170 fls. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura).
- MOUILAUD, Maurice., PORTO, Dayrell S., et alii. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- _____. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora clube do livro/Estação liberdade, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Editora Razão Social, 1992.

SCHMITZ, Antonio Guilherme Filho. **O Jornalismo Esportivo na Copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas**. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 1999. Dissertação.

VERÓN, Eliseo. **A Produção de Sentido**. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **Construir el acontecimiento**. 2. Ed. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1987.

O DISCURSO DISSONANTE

*Domingos Sívio Azevedo**

A grande motivação para realizar esta dissertação foi a minha vivência como gaúcho. A forma como alguns conteúdos do universo rio-grandense eram tratados pelos jornais nos provocavam um certo desconforto. Por isto, consideramos fundamental investigar este tema, de forma mais profunda, criando talvez novos olhares para analisar a mídia impressa da capital do estado. Espero poder dividir estes olhares com meus alunos, razão principal deste trabalho.¹

A proposta deste trabalho é analisar de que forma a comunicação jornalística produz e reproduz uma noção de identidade gaúcha, atribuindo-lhe um significado ideológico. Para tanto, selecionamos, especificamente, como objeto desse estudo, toda a comunicação impressa que tematiza sobre o '20 de setembro' nos dois principais jornais diários, da capital gaúcha Porto Alegre - Correio do Povo e Zero Hora - durante a década de 90.

Após a Segunda Guerra Mundial, a humanidade entrou em um novo período da história mundial, marcado pela bi-polaridade entre Socialismo e Capitalismo, no mundo capitalista, assistimos ao mesmo tempo, o fim da diversidade histórica e cultural entre as comunidades que formavam este bloco, e a decadência da importância dos estados-nação, no que diz respeito as decisões sobre o seu próprio funcionamento.

Uma das características que permitiram que o capitalismo evoluísse até o estágio atual, que podemos chamar de pós-capitalismo, e que tem a globalização, como uma das suas mais marcantes características, foi o fim da pluralidade histórica e cultural que existia no mundo até então, e uma progressiva uniformização das sociedades capitalistas a partir do modelo europeu ocidental.

Desde o início da Revolução Industrial, o que sempre caracterizou o capitalismo, são a velocidade das sucessivas

*Professor do curso de Comunicação Social da Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL. Bacharel em Comunicação Social, Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ (projeto do MINTER com a UFSM, 1999).

revoluções tecnológicas, e o fato dele ter atravessado as diferenças de todas as sociedades e comunidades locais para se tornar universal. Neste processo os meios de comunicação de massa, assumem a importante função de popularizar as novas invenções, que são sistemáticas, e algumas vezes montadas pelos próprios meios de comunicação, como por exemplo a educação do público leitor, feita pelo jornalismo impresso.

Dois outros reflexos da evolução do capitalismo, são um primeiro e mais antigo, que é a progressiva urbanização dos indivíduos que vivem nas sociedades capitalistas; e um segundo e mais recente que é, segundo as idéias de Stuart Hall, o que denominamos de 'crise de identidade' na modernidade tardia ou no pós-capitalismo ou ainda na pós-modernidade. O capitalismo acelerou quantitativamente, o surgimento da figura do indivíduo urbano, pois o sistema de produção necessitava ser montado em lugares específicos para concentrar os lucros, que não podiam ficar disseminados no campo, com isso esta nova realidade social urbana, fez surgir a necessidade de que os homens se reidentificassem neste novo meio. Também parece estar ficando cada vez mais claro que estamos atravessando uma mudança estrutural diferente, que está colocando em crise as nossas identidades de classe, gênero, raça e nacionalidade, que até então nos definiam de uma maneira sólida como indivíduos sociais.

Com o fim da guerra fria, a partir da queda do muro de Berlim, no dia 09 de novembro de 1989, e a conseqüente aceleração do processo de globalização, colocaram a questão das identidades nacionais no centro dos acontecimentos, neste final de século. São exemplos deste fato, os atuais conflitos na antiga Iugoslava - Europa - na Eritreia - África - no Curdistão - Ásia - Timor Leste - Oceania e no México - na América do Norte, onde os 'chiapas' que vivem no sul, tentam se tornar independentes, para citar apenas alguns.

Outra modificação importante, é que atualmente a sociedade capitalista mundial, não está mais baseada em estados-nações, no que diz respeito as decisões sobre o seu próprio destino e funcionamento, mas sim em organizações transnacionais, que literalmente atravessam culturas e nações diferentes, roubando uma parte significativa de suas soberanias. Atualmente os estados-nação só existem em termos do gerenciamento de suas políticas internas, e do ponto de vista organizacional. Em muitos casos, quando surgem grupos de cidadãos que ameaçam de alguma forma a continuidade do sistema como ele está estruturado, o estado se transforma num estado policial, que tem somente a função de proteger o sistema, como acontece nos casos dos 'chiapas', no México; e dos 'sem terra' no Brasil.

No Brasil, e mais especificamente no Rio Grande do Sul, a questão da identidade gaúcha, que sempre esteve presente na articulação do Rio Grande do Sul com o restante do Brasil, ganhou ainda mais força com a modificação da situação mundial, ocorrida depois de 1989, chegando ao ponto de, nos primeiros anos da

década de 90, um grupo de gaúchos propor que o Rio Grande se separasse do Brasil. Este conjunto de fatos, justifica a escolha do recorte da década de 90 para o presente trabalho.

O '20 de Setembro' é a data em que começou a Revolução Farroupilha em 1835, mas que em virtude das tradições que foram inventadas durante a história da identidade gaúcha, se tornou uma data representativa da história particular do Rio Grande do Sul, das tradições do Rio Grande e, por tanto, da identidade gaúcha. Por este motivo, todos os anos, durante uma semana, de 14 a 20 de setembro, são celebradas as tradições e a história do Rio Grande do Sul, culminando com uma parada cívico-militar - "o desfile do 20 de Setembro" - e a cerimônia da extinção da "chama crioula", que encerra a Semana Farroupilha. Então podemos dizer que o '20 de Setembro', é a data responsável, em grande parte, pela visibilidade dada pela mídia, à identidade gaúcha. Em conjunto estes fatos justificam a escolha da temática e o recorte das edições destas datas. Para complementar a análise, foram incluídas, no universo da pesquisa, as edições do dia 21 de setembro, data na qual os acontecimentos do dia anterior repercutem no jornalismo diário.

Por outro lado, chama a atenção, a crescente importância adquirida pela mídia em geral e pela mídia impressa em particular, na produção dos sentidos, relacionados à identidade gaúcha. No caso da imprensa gaúcha, este fato fica claro, a partir do crescimento do espaço destinado a comunicação que tematiza sobre o '20 de Setembro', e o exemplo mais significativo é o aumento do número de capas que tratam deste assunto. Nos primeiros cinco anos da década, de 90 até 94, em pelo menos um ano o tema não apareceu em nenhuma das capas das edições analisadas. Correio do povo em 1990 e Zero Hora em 1994; enquanto que, a partir de 1996, e por tanto na segunda metade desta mesma década, o Correio do Povo apresenta o '20 de Setembro' em todas as capas, e Zero Hora, que começou a utilizar a contra capa com o mesma função da capa, em dois anos seguidos, 1996 e 1997, apresenta o tema respectivamente na capa e na contra capa, em pelo menos uma das edições analisadas.

A capa se define como um discurso da imprensa diária, entendida aqui como aquela produzida no país por empresas privadas, que captam, comentam e divulgam os fatos da atualidade - que são o seu produto - com esquema de produção contínuo e divisão social do trabalho similar a outras indústrias, além de relações políticas complexas de proximidade e distância do poder público.

A clientela, a qual se dirige a imprensa diária, é muito ampla. Ela tenta atingir a maior massa possível de leitores, estabelecendo relações de afinidade e interesse a partir dos diversos discursos que veicula. Nesse contexto, a capa desempenha um papel fundamental. É responsável pela primeira proposta para se estabelecer um contrato de leitura, entendido aqui como as modalidades do dizer ou 'dispositivo da enunciação', segundo Verón (1983), responsável pela aceitação ou recusa deste discurso por parte dos leitores. Por tanto a

capa da a dimensão da importância que um determinado tema tem para o enunciador, no caso o jornal; e também para os seus leitores interferindo diretamente na produção de sentido do que vem a ser a identidade gaúcha para estes.

Neste quadro, a presente pesquisa assume, características de um estudo de análise do discurso, numa abordagem qualitativa, com características etnográficas e hermenêuticas. A comunicação impressa que constitui o universo central da análise é interpretada tendo como referência o contexto histórico e cultural em que esta é produzida. Por outro lado procuramos também constatar em que medida, a noção de identidade gaúcha, reproduzida na comunicação referida, desempenha um papel ideológico, ao ocultar as diferenças sociais sob uma ênfase de uma suposta solidariedade e homogeneidade desta sociedade.

Adotamos como instrumental teórico principal, as idéias de Benedict Anderson, em que define a nação como uma "comunidade imaginada", em cuja construção a grande imprensa desempenha um papel central; as idéias de Eric Hobsbawm; e ainda os conceitos de John B. Thompson, sobre a função ideológica da mídia.

O que nos levou a incluir as charges, como foco desta investigação, foi o fato dessas se constituírem numa espécie de editorial, sintetizado num discurso gráfico-visual, em que estão expressas as opiniões de um dos principais sujeitos da enunciação, que interessa e este estudo, os responsáveis pela linha editorial do jornal. Estas charges oferecem um discurso que ironiza, através do humor, os valores e ideais associados a noção de identidade gaúcha, fazendo como um contraponto ao discurso de celebração da história, das tradições e da identidade gaúcha, presentes nos demais discursos, tanto jornalísticos como publicitários.

Trabalhou-se com nove charges, todas as que foram publicadas sobre o tema nas datas escolhidas, retiradas dos respectivos jornais, e confrontou-se estas com o restante da comunicação temática já mencionada, afim de melhor poder-se visualizar a noção de identidade gaúcha proposta. E, Pelo exposto, justificamos a importância e a atualidade, do tema escolhido para ser desenvolvido nesta pesquisa. Vamos buscar estabelecer algumas relações entre estas charges e os discursos sociais que elas produzem, tendo a figura do gaúcho como foco principal de análise, considerando as charges como formas simbólicas.

Mídia e comunidades imaginadas na Modernidade

A possibilidade de podermos imaginar a nação, tal como a fazemos hoje só se tomou possível, historicamente falando, quando e onde, três conceitos culturais básicos antigos, que eram evidentes e por este motivo dispensavam qualquer tipo de demonstração, deixaram de dominar o pensamento humano. Como afirma Anderson:

O primeiro deles era a idéia que uma determinada língua escrita oferecia acesso privilegiado à verdade ontológica, precisamente por ser parcela inseparável daquela verdade. Foi essa idéia que permitiu que surgissem as grandes congregações transnacionais da cristandade, do islamismo e das demais. O segundo era a crença de que a sociedade era organizada de maneira natural em torno de e sob centros elevados - monarcas que eram pessoas distintas dos outros seres humanos e que governavam por alguma forma de disposição cosmológica (divina). As lealdades humanas eram necessariamente hierárquicas e centrípetas, porque o governante, como a escrita sagrada, era um ponto central da existência e a ela inerente. Em terceiro lugar, a concepção de temporalidade, em que a cosmologia e a história não se distinguiam, sendo essencialmente idênticas as origens do mundo e dos homens. (Anderson, 1989, p. 45.)

Eram estas as noções que enraizavam a vida humana na natureza das coisas, dando significado às fatalidades diárias como a morte, a escravidão e outras privações.

A decadência destas certezas articuladas, primeiro na Europa ocidental e depois em todo o mundo e a partir do impacto das mudanças econômicas que o capitalismo trouxe consigo, do desenvolvimento social e científico cada vez mais acelerado, que se auto alimenta, separou definitivamente a história da cosmologia.

Por todos estes motivos, tomou-se cada vez mais necessário que os homens buscassem novamente vincular fraternidade, poder e tempo, de uma forma significativa. Estava criado assim o espaço histórico e cultural, que seria ocupado pelo ideal de nação e o sentimento de nacionalidade.

O capitalismo editorial foi um fator fundamental na aceleração desse processo, contribuindo definitivamente para a afirmação do imaginário nacional, pois possibilitou que cada vez mais pessoas pudessem pensar sobre si mesmas, e se relacionassem de forma totalmente nova para época. A esse respeito, Anderson nos diz o seguinte: "a convergência do capitalismo e da tecnologia da imprensa sobre a diversidade fatal das línguas humanas criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada que, em sua morfologia básica, prepara o cenário da nação moderna." (Anderson, 1989, p. 56).

Assim, a nação, como comunidade imaginada, mostra o autor, só foi possível a partir da morte do latim como língua oficial da Europa, e o conseqüente surgimento das línguas vulgares neo-latinas ou não, conjugado com a invenção dos tipos móveis, e o posterior desenvolvimento tecnológico da imprensa, que possibilitou a produção em série, pela primeira vez, de um produto cultural impresso chamado livro. Estes livros, editados em tais línguas

vulgares, possibilitaram o surgimento de comunidades imaginadas, pois a maioria dos leitores, embora não se conhecessem, podiam imaginar que, em outras partes do seu território, outras pessoas liam e falavam a mesma língua. A partir daí, esta "identidade coletiva" que significa que todos têm alguma coisa em comum com outras pessoas ou com outros grupos de pessoas num mesmo território serviu para constituir a nação. Neste sentido, a questão da maior ou menor autenticidade da nação ou de suas tradições, apresenta-se como um falso problema, na medida em que toda realidade nacional se apresenta, de fato, como uma construção imaginária. Renato Ortiz contribui para que possamos pensar esta questão, introduzindo a dimensão do poder da seguinte forma: "Não vem ao caso discutirmos os descaminhos dessa perspectiva, ou questionar a idéia de autenticidade ou inautenticidade de uma identidade que sabemos é fruto da construção ideológica de grupos políticos que se enfrentam." (Ortiz, 1988, p. 163).⁷

A nação se imagina como limitada, porque possui fronteiras inventadas e finitas, mesmo que possam ser elásticas, para além das quais existem outras nações. E se imaginam soberanas, porque este conceito surgiu com o Iluminismo e a Revolução Francesa em 1789, que estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico, divinamente instituído. E ainda mais, Anderson completa: "Finalmente, a nação é imaginada como comunidade porque sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal." (Anderson, 1989, p. 16).

Comunidade Imaginada e Sentimento de Pertencimento

Assim como o parentesco e a idade, a nacionalidade é uma construção simbólica, porém uma construção que se nos apresenta como fundada numa "realidade" da natureza. Assim, do mesmo modo que a idéia de família pressupõe uma relação de pertencimento, baseada numa herança genética, a nacionalidade pressupõe uma relação de pertencimento associada a um território, a um espaço geográfico determinado. O lugar onde nascemos é entendido como determinante da nossa inserção numa determinada comunidade, do mesmo modo que o nosso sobrenome expressa a nossa filiação a um dado grupo biológico determinado por relações de sangue. Algumas vezes estes dois critérios de pertencimento são contraditórios, sendo necessário articulá-los e priorizar um entre eles. É o caso de filhos de pais de nacionalidade estrangeira, que podem, segundo o caso, serem registrados com a mesma nacionalidade dos pais ou adotar dupla nacionalidade - a do país de origem dos pais e do seu país de nascimento. Stuart Hall, explica: "Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto nos efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da

nossa natureza" (Hall, 1999, p. 47).

O que Anderson propõe é que o espaço deva ser tomado como elemento central na construção da idéia de nação. No entanto nação não é somente uma comunidade imaginada do ponto de vista espacial, horizontal, no sentido indicado por Anderson quando afirma que "nem mesmo os membros das menores nações jamais conheceram a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão". Ela é também uma comunidade imaginada do ponto de vista vertical, temporal, na medida que mantemos uma relação de pertencimento com determinado lugar porque foi lá que nasceu o mais antigo de nossos antepassados. Neste caso, cabe à nossa família manter de alguma forma vivas as tradições e memórias que identificam seus membros com este lugar.⁸

Assim como, para com a família desenvolvemos uma relação construída sobre um sentimento de pertencimento fundada na crença de uma mesma matriz genética - e para a qual, nos momentos difíceis de nossa vida, sempre temos a tendência de voltar como a um porto seguro - para a comunidade imaginada horizontal e verticalmente, que é a nação, nós desenvolvemos uma relação, construída sobre um sentimento de pertencimento a um mesmo território, em que teve origem a história de nossa família.⁹

Portanto, o sentimento de pertencimento a algum grupo - seja a família, a nação ou qualquer outro, nos parece imprescindível, já que um homem precisa se identificar com seus semelhantes, para se sentir ligado a algo menos abrangente que o planeta terra, e com maior durabilidade que seus pais e irmãos. Dumont a esse respeito diz o seguinte: "[...] a percepção de nós mesmos como indivíduos não é inata, mas aprendida. Em última análise, ela nos é prescrita, imposta pela sociedade em que vivemos." (Dumont, 1995, p.56)

As idéias apresentadas por estes autores, a respeito da construção das idéias de nação, podem ser utilizadas também, na análise da construção de identidades nacionais regionais, como a identidade gaúcha.

Comunidade Imaginada e Invenção das Tradições

Segundo Eric Hobsbawn, "tradições" que parecem ou são consideradas muito antigas, são bastante recentes, quando não são inventadas. O termo "tradição inventada" é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo. As vezes tradições muito recentes se estabelecem com uma rapidez espantosa. Uma vez inventadas, estas tradições são objetificadas, segundo José Reginaldo Santos Gonçalves, que citando Benjamin Whorf, nos diz o seguinte a

respeito deste assunto: "a objetificação refere-se à tendência da lógica cultural ocidental a imaginar fenômenos não materiais (como o tempo) como se fossem algo concreto, objetos físicos existentes" (Whorf apud Gonçalves, p.1996).

Por "tradição inventada", entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuação em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto. Até as revoluções e os "movimentos progressistas", que por definição rompem com o passado, têm seu passado relevante, embora eles terminem abruptamente em uma data determinada, tal como 20 de setembro de 1835. Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições "inventadas" caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em outras palavras, elas são reações a situações novas que, ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória.

Ainda segundo o mesmo autor, "tradição" neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do "costume", vigente nas sociedades ditas "tradicionais". O objetivo e a característica das "tradições", inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas marcadas pela repetição. Consideremos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Talvez seja mais fácil determinar a origem do processo no caso de cerimônias oficialmente instituídas e planejadas, uma vez que provavelmente eles estarão bem documentados.

Provavelmente, não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a "invenção" de tradições neste sentido. Mas o normal é que ela ocorra com mais frequência, quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as "velhas" tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Resumindo, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas, tanto do lado da demanda quanto da oferta.

Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre

há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais - religião e pompo principescas, folclore e maçonaria (que, por sua vez, é uma tradição inventada mais antiga, de grande poder simbólico).

Naturalmente, muitas instituições políticas, movimentos ideológicos e grupos - inclusive o nacionalismo - sem antecessores tornaram necessária a invenção de uma continuidade histórica, por exemplo, através da criação de um passado antigo que extrapolasse a continuidade histórica real, seja pela lenda ou pela invenção.

Não devemos nos esquecer da ruptura da continuidade, que na maioria das vezes está bem visível. Aliás, o próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições, sejam eles "tradicionalistas" ou não, já indica essa ruptura. Tais movimentos, comuns entre os intelectuais desde a época romântica, nunca poderão desenvolver, nem preservar um passado vivo (a não ser, talvez, criando refúgios naturais humanos para aspectos isolados na vida arcaica); estão destinados a se transformarem em "tradições inventadas". Por outro lado, a força e a adaptabilidade das tradições genuínas não deve ser confundida com a "invenção de tradições". Segundo Hobsbawm, não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos se conservam.

O autor classifica as tradições inventadas desde a Revolução Industrial em três categorias superpostas que são: A - aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; B - aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade; e C - aquelas cujo propósito principal é a socialização, de inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento. Ressalta ainda que, embora as tradições dos tipos B e C tenham sido certamente inventadas, pode-se partir do pressuposto de que o tipo A é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma "comunidade" e/ou as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a "nação".

O autor destaca ainda o fato de que não nos devemos deixar enganar por um paradoxo curioso, embora compreensível: as nações modernas, com toda a sua parafernália, geralmente afirmam ser o oposto do novo, ou seja estar enraizadas num passado bastante remoto, e o oposto do construído, ou seja, ser comunidades humanas, "naturais" o bastante para não necessitarem de definições que não a defesa dos próprios interesses. Sejam quais forem as continuidades históricas, envolvidas ou não no conceito de uma determinada nação, este mesmo conceito deve incluir um componente construído ou "inventado". E é exatamente porque grande parte dos constituintes subjetivos da "nação" moderna consiste em tais construções, estando associados a símbolos adequados e, em geral,

bastante recentes ou a um discurso elaborado a propósito (tal como o da história nacional), que o fenômeno nacional não pode ser adequadamente investigado sem dar-se a atenção devida à "invenção das tradições". Estas idéias podem ser aplicadas na análise das tradições locais, como as que vamos estudar neste trabalho. Pode-se considerar o '20 de Setembro' hoje, como uma tradição inventada, pois foi uma data selecionada entre outras possíveis para simbolizar a identidade específica do Rio Grande do Sul, marcando a sua diferença com a identidade brasileira. As comemorações e os símbolos presentes nelas, são apropriações de elementos antigos, cujo valor é renovado a cada ano, em rituais que se repetem. Estes aspectos serão discutidos com maiores detalhes no próximo capítulo, através de sua presença na comunicação temática e nas charges analisadas.

Os monumentos históricos, que são elementos que constituem algumas destas tradições inventadas e também servem para afirmar outras, desempenha uma função muito importante na construção da identidade nacional, são considerados signos visuais de uma condição civilizada necessária para que um grupo de seres humanos, sejam capazes de formar uma nação. São uma característica das cidades importantes da maioria das nações, onde representam a fisionomia dos seu passado, e lhes conferem prestígio. Os monumentos nacionais cumprem a função de serem poderosos catalisadores do sentimento nacional de um povo, e de suas imaginações de pertencimento a algo maior do que o núcleo familiar primitivo.⁷

O grande mérito do sentimento de pertencimento e, por tanto de todas as formas de nacionalismo ou identidades regionais, é justamente o fato de que elas dão um significado menos volátil que o acaso para explicar o porquê nascemos aqui, e não em qualquer outro lugar. Aqui também a comunidade imaginada transforma a morte de seus integrantes em continuidade, associando a sua existência a um passado imemorial. Benedict Anderson, citando Debray, diz que ele teria dito o seguinte: "Sim é inteiramente acidental que eu tenha nascido francês; mas, afinal de contas, a França é eterna." (Debray apud Anderson, 1989, p. 20).

Considerações finais

Assim, podemos entender que estas charges, como construções discursivas, remetem à identidade cultural gaúcha, que está baseada num passado histórico e mítico e, portanto, é uma remanescente do passado; além de hoje abrigar na sua maioria elementos de cultura urbana e/ou, como identidade, tem origem numa cultura rural do passado. Este fatos explicam por que, nestas charges, a diversidade cultural gaúcha tende a ser apagada e substituída por uma visão homogênea onde todos os gaúchos são iguais. É interessante observar que a charge de Zero Hora do dia 20 de 1997, mostra uma visão heterogênea da sociedade gaúcha, mostrando claramente a diversidade social do Rio Grande, onde existem gaúchos pobres (representados aqui pelos 'sem cavalo'), e gaúchos ricos (representados pelos 'com cavalo'). Está claro

também que existe uma hierarquia entre ricos e pobres, pois os ricos vêm na frente dos pobres. Esta charge, como construção discursiva, nos remete à identidade cultural gaúcha, e por tanto às tradições particulares do Rio Grande e à sua história, aqui representada pelo '20 de Setembro', e pela Revolução Farroupilha, na qual de 1836 a 1845, os gaúchos construíram uma nação e um estado independentes. Esta faz parte de uma história maior que é a História da Construção do Estado Nacional no Brasil, da qual a experiência Farroupilha faz parte.

Com o desenvolvimento deste trabalho, foi possível explorar um pouco o universo da identidade cultural gaúcha, e verificar suas posições diante da comunicação jornalística, publicitária e chargística.

Ficou claro que o papel da identidade cultural gaúcha, da história particular do Rio Grande do Sul e das tradições gaúchas, enquanto bens, são uma 'referência cultural' no desenvolvimento da cultura gaúcha.

O discurso da mídia impressa do Rio Grande do Sul, exposto no seu discurso chargístico e nos demais, é basicamente um discurso que expressa uma concepção de nação que não evidencia nenhuma relação entre matrizes culturais diversas. A ênfase está numa representação da cultura nacional, onde não se valorizam as diferenças.

A proposta deste trabalho é analisar de que forma o discurso jornalístico constrói uma noção de identidade gaúcha, atribuindo-lhe um significado ideológico. Para tanto, selecionei, especificamente, como objeto deste estudo, toda a comunicação impressa que tematiza o 20 de setembro nos dois principais jornais diários, da capital gaúcha, Porto Alegre - Correio do Povo e Zero Hora - durante a década de 90.

O discurso jornalístico estudado produz, através de textos e de imagens, uma noção de comunidade, o Rio Grande do Sul, imaginada como resultado da história particular deste estado, tendo como marco fundador a Revolução Farroupilha, cuja memória é preservada através das tradições que, todo ano, no 20 de setembro, fazem reviver aquele momento.⁸

A comunicação jornalística, assim, apropria-se de uma noção de identidade gaúcha que já existe na cultura da sociedade rio-grandense, e que é promovida pelo movimento tradicionalista gaúcho, levando-a ao conhecimento de uma parcela considerável de leitores que, de outro modo, teriam pouco ou nenhum contato com a noção de identidade divulgada por aquele movimento.

Ao fazê-lo, o jornalismo impresso de grande circulação no Rio Grande do Sul inventa, para o seu público leitor, a população daquele estado, a sua identidade comunitária local em contraposição a uma identidade brasileira geral. Este discurso, ocupa, portanto, o lugar de uma narrativa nacional local.

Tanto a narrativa nacional gaúcha, como as tradições inventadas em função desta são "objetificadas" (Gonçalves, 1996), ou

seja, são propostas para serem pensadas não como fenômenos não materiais, que efetivamente são, mas sim como algo concreto, como se possuíssem existência física.

Nesse sentido é relevante analisar os elementos através dos quais se produz essa noção objetificada de identidade, pensando-os não apenas como um discurso abstrato, mas como discursos móveis de ações dotadas de um propósito ideológico.

Vale ressaltar, especialmente, no caso do discurso jornalístico em questão, o uso de palavras ou expressões que produzem um significado de homogeneidade e de unidade, como, por exemplo, a própria categoria "gaúchos", que transforma a população do Rio Grande do Sul, numa totalidade destituída de qualquer traço de diversidade.

Outra consideração importante que se pode fazer a partir deste trabalho, é que os dois principais jornais diários de Porto Alegre interpretam os eventos históricos da Revolução Farroupilha, através de formas narrativas que lhes emprestam um sentido lógico e linear. Em outras palavras, a própria narrativa histórica aparece objetivada, os fatos sendo contados como se fossem uma descrição fiel do que "realmente aconteceu" (e não, como de fato é o caso, o resultado de uma seleção feita pelos jornalistas), numa sequência dotada de começo, meio e fim.

Nota-se, entretanto, na diferença entre os discursos da publicidade e do jornalismo e o discurso das charges, um contraponto em que a ironia das últimas denuncia o caráter arbitrário da construção dessa tradição, dessacralizada e desafiada pelas charges. "Vale a pena ser gaúcho? O que essa identidade tem significado para a população do Rio Grande do Sul?". Estas são perguntas que ficam no ar.

Notas

1 Faz-se necessário acrescentar que existe muito da minha emoção neste trabalho, pois foi necessário ir no fundo de todos os gaúchos e gaúchas, que, como eu, clamam por igualdade, liberdade e dignidade. Isto não é só uma dissertação de mestrado, é o que eu quero estudar a vida inteira, para, através do meu trabalho, criar uma consciência ainda maior da força da identidade gaúcha, e de suas consequências.

2 Mais uma vez vou pedir ajuda, para ressaltar o caráter moderno da noção de nação e nacionalismo, a Benedict Anderson, que enfatiza: "É típico que até mesmo um estadista tão solidário com o nacionalismo quanto Tom Nair tenha no entanto profundo escrever que: o 'nacionalismo' é a patologia da moderna história do desenvolvimento, tão inevitável quanto a 'neurose' do indivíduo, trazendo consigo muito da mesma ambigüidade essencial, uma capacidade implícita semelhante para degenerar em demência, entalhada nos dilemas do desamparo imposto à maior parte do mundo (o equivalente ao infantilismo, para as sociedades), em grande medida incurável." (Anderson,

1989, p. 13-14)

3 Stuart Hall, citando o filósofo Roger Scruton, complementa: "A condição de homem exige que o indivíduo embora exista e aja como ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo - como membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar." (Scruton apud Hall, 1999, p. 48).

4 Mais uma vez vamos nos valer do pensamento de Stuart Hall, que citando Ernest Gellner, diz o seguinte: A ideia de um homem sem uma nação parece impor uma tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal. (Gellner apud Hall, 1999, p. 48)

5 O exemplo mais forte desta afirmações são os túmulos do soldado desconhecido e como diz Anderson: "A reverência pública ritual que é outorgada a tais monumentos, precisamente por que são deliberadamente vazios, ou ninguém sabe quem jaz dentro deles, não encontra precedentes em épocas passadas." (Anderson, 1989, p. 17)

6 Os temas que mais estiveram presentes nas charges analisadas nas edições do Correio do Povo do dia 20 de 1990, do Correio do Povo do dia 20 de 1998, de Zero Hora do dia 20 de 1990, de Zero Hora do dia 20 de 1991, de Zero Hora do dia 20 de 1995, de Zero Hora do dia 20 de 1997, de Zero Hora do dia 20 de 1998, de Zero Hora do dia 21 de 1992 e de Zero Hora do dia 21 de 1997, é a questão da preservação das tradições e da história do Rio Grande do Sul, como um patrimônio cultural que é a principal fonte da identidade cultural gaúcha. Nestas charges acontecem apropriações visuais da história da Revolução Farroupilha, e por tanto da história do Rio Grande do Sul por ela representada, e de suas tradições; ou seja, da identidade cultural gaúcha, pois se analisarmos a história da identidade gaúcha, perceberemos que, o Rio Grande, desde sua integração tardia ao Brasil Colônia, é em maior proporção o equivalente ao lar dos gaúchos, seu espaço geográfico personalizado, sua residência, seu local particularizado, seu pedaço de terra privado.

Bibliografia

- ANDERSON, B. *Nação e Consciência Nacional*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- GONÇALVES, J. R. S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio*

- cultural no Brasil, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- HALL, S. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D. P & A, 1999.
- HOBBSBAWN, E. e TERENCE, R. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.

A MÍDIA E O EXERCÍCIO DO PODER NA ATUALIDADE

*Elizabeth Huber Moreira**

Apesar de o objeto de estudo do filósofo e epistemólogo francês Michel Foucault, em praticamente todas as suas obras, voltar-se para a preocupação da constituição do sujeito moderno, o poder é um tema que sempre aparece. O poder, para este filósofo, é um dos elementos determinantes na construção deste sujeito. O ser do homem é configurado pelas relações de poder que existem na sociedade em que ele vive; são elas que ajudam a moldar este ser e a determinar seu comportamento e suas ações.

Michel Foucault foi um pensador que não se ocupou diretamente do campo da comunicação, porém seu trabalho é de grande valia para o estudo da importância que a mídia - especialmente as novas tecnologias de comunicação que surgiram no século passado - possui na sociedade contemporânea. O trabalho de Foucault é especialmente profícuo para se pensar o papel dos meios de comunicação hoje e oferece inúmeras possibilidades de análise neste sentido.

Este estudo parte das concepções de Foucault sobre o poder na Modernidade, com vista ao entendimento de como o poder se exercia neste período. A partir desta análise, é possível comparar o exercício do poder naquela época com o exercício do poder na Atualidade. E é possível também, a partir das concepções de Foucault, realizar uma análise da relação entre a mídia e o exercício do poder na sociedade pós-moderna.

Para estabelecer as configurações do poder moderno, Foucault compara o poder exercido pelas figuras do cuidado modernas - os pais, os professores, os médicos etc. - com o poder que era exercido pelo pastor no Cristianismo. Desta forma ele afirma serem as

* Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, graduada em Comunicação Social - Relações Públicas pela UFSM (1991) e Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ (projeto do MINTER com a UFSM, 1999).

autoridades do cuidado modernas uma reencarnação do sacerdote ascético. Esta forma de associar o exercício do poder moderno com o poder exercido pelo sacerdote ascético é uma herança Nietzscheana do poder em Foucault. Ou seja, foi a partir do estudo do pensamento de Nietzsche sobre o poder que exercia o sacerdote no Cristianismo que Foucault elaborou sua tese.

O objeto de estudo deste trabalho centra-se na questão de apresentar a mídia como a última encarnação do pastor, por ser ela hoje a figura que cuida da vida - do corpo, do comportamento e dos desejos (e, não se pode esquecer, dos prazeres) - do homem pós-moderno. O trabalho pretende, portanto, analisar o exercício do poder na Atualidade e a influência da mídia na forma como o poder é exercido hoje. Para tanto são feitas algumas considerações a respeito de como se dá o cuidado do outro hoje e sobre quem ocupa este lugar do cuidado em uma sociedade tecnologicamente definida, como a que hoje se configura. O objetivo aqui é pensar a sociedade atual em relação à moderna, e verificar qual o lugar que a mídia ocupa hoje.

Foucault e o poder moderno

Nada escapa ao poder. Ele está em toda parte e sua onipresença se reproduz a cada instante. E não é possível localizá-lo senão na relação entre os sujeitos, porque ele não é um objeto que se possa possuir ou uma posição que se ocupe, mas sim uma determinada situação estratégica vivida por uma sociedade.

É este o significado que Foucault dá ao termo poder. Em sua concepção, o poder está em todos os lugares e deles emana, não podendo, porém, ser localizado em nenhum ponto específico ou num topos determinado. Somente pode ser percebido como uma força que perpassa os pontos tocados por ele. Ou seja, o poder está em todos os lugares mas não os pertence; existe em relação.

O poder não existe como coisa, mas como estratégia que permeia as relações sociais, que perpassa o caminho entre as pessoas e entre as instituições ou grupos, determinando como estas relações se configurarão. O que há não é o poder como objeto de pertencimento, mas como exercício de uma "multiplicidade de correlações de força" (Foucault, 1988, p.88) que nada ou ninguém domina, mas que todos sentem e vivenciam.

O poder não é, portanto, uma mercadoria ou uma posição que uma pessoa, um grupo ou mesmo uma instituição possam deter, mas é uma operação de tecnologias políticas que atravessam o corpo social. Não existe o poder como coisa, como objeto, mas como um conjunto de relações vividas pela sociedade. E não há como escapar de sua ação, visto que não é possível conceber uma sociedade sem relação de poder. Não é possível, sequer, imaginar a realização de outras relações sociais entre indivíduos e instituições sem que estas estejam impregnadas de relações de poder.

Foucault (1988, p. 89 - 92) sintetiza em alguns itens as suas proposições acerca do poder. Em primeiro lugar, se refere ao poder

não como objeto, mas como exercício, que se configura através de "relações desiguais e móveis". Ou seja, o poder se exerce através de relações entre pessoas, grupos ou instituições, não pertencendo a ninguém e, portanto, não podendo ser adquirido, arrebatado ou compartilhado. E muito menos mantido consigo para sempre. O poder é concebido como uma estratégia para atingir determinado objetivo e não como uma posição pela qual se luta. Muito menos como um objeto que possa ser tomado de outrem.

Foucault diz também que as relações de poder encontram-se vinculadas à outras relações que se efetuam em nível social, como as relações sexuais e econômicas. Porém, as relações de poder não são delas inseparáveis; são, na verdade, efeitos das demais relações sociais, no que elas acarretam em termos de desigualdades e desequilíbrios. Foucault (1995, p. 232) diz que lhe pareceu que "enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas".

Foucault (1988, p. 90) diz que o poder emana das microrrelações, dos confrontos locais, como na instituição familiar, por exemplo. Ele descarta a oposição binária entre dominadores e dominados, na qual o poder vem do alto. Não aceita a idéia de dominadores, de um lado, com poder e de dominados, de outro lado, sem poder. Se o poder não é objeto ou posição, e por isso não pode ser possuído por ninguém, também não nasce nos grandes conflitos, mas sim nos pequenos confrontos. O poder não é atributo, mas relação, que "passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes" (Deleuze, 1995, p. 37). O poder vem de baixo, dos grupos restritos, e perpassa então todo corpo social. São os pequenos afrontamentos que sustentam as grandes dominações.

E o poder para Foucault não pode ser comparado com a violência. Relação de poder é diferente de relação de força física, pois pressupõe que o outro tenha liberdade de ação. Para Foucault uma das características do poder é justamente ser uma ação sobre a ação possível dos outros, na tentativa de delimitar o conjunto de ações do outro. Portanto, relação de poder é diferente de relação de força física, porque supõe que aquele que está agindo é capaz de fazer outras coisas. A relação de poder supõe que o outro seja livre. Enquanto há espaço de ação há relação de poder.

Na verdade o que Foucault quer dizer é que o poder é algo que se exerce, não que se possui. É, portanto, uma ação, mas que não age diretamente sobre os outros, mas sim sobre a ação dos outros. O poder moderno pressupõe que as pessoas sejam livres para agir e sua forma de se exercer é sobre a ação dos outros, o que faz com que ele se diferencie da violência. É uma ação sobre ações e não uma ação direta sobre os outros.

Um aspecto que tem sido pouco analisado por estudiosos do pensamento de Michel Foucault é que, porém, apresenta-se como de grande importância para a compreensão do conjunto de suas idéias sobre o poder é a articulação que Foucault faz entre a concepção

católica de pecado e a concepção de norma, a qual articula-se à idéia de culpa. Esta forma de pensar o poder moderno representa uma herança teórica que Foucault recebeu de outro pensador, o alemão Friedrich Nietzsche, quando este critica o poder pastoral, ou seja, o poder dos sacerdotes que representavam a verdade e a vontade de Deus na Terra, segundo as concepções do Cristianismo.

Nietzsche, em sua *Genealogia da moral* (1998), analisa e contesta o imenso poder atribuído ao sacerdote ascético e ao seu ideal, que é a salvação eterna. O pastor representa, no Cristianismo, aquela pessoa que vai cuidar individualmente de cada membro da comunidade para garantir sua salvação eterna. Mas o que o pastor faz para ter poder sobre os outros? Ele gera o mau dentro de cada um, ele convence as pessoas de que elas têm ao menos uma parte dentro de si que é má, convence que elas são pecadoras e se apresenta como a figura que pode cuidar da salvação da alma de cada um. Ele se apresenta como a cura para o negativo, porém antes ele cria a negatividade, gera no real aquilo que ninguém pode ser, gera o mau e o coloca dentro de cada pessoa, para somente então apresentar-se como a cura.

E a este pastor seguem e nele acreditam os que sofrem. Mas sofrem justamente porque acreditam no ideal ascético, porque creem ser ele a verdade de Deus, acreditam que somente ele contém a salvação. O ideal ascético representa a salvação eterna, a cura para o negativo. Este raciocínio de Nietzsche é, como veremos mais adiante, um ponto importante para a análise e o pensamento de Foucault sobre o poder moderno.

A promessa do pastor é, pois, de salvação no outro mundo. E para trazer a salvação aos "pecadores", ele cuida, a seu modo, da vida das pessoas. Ele se apresenta como um artifício para a proteção da vida, no sentido de salvação eterna. Pode-se dizer que o poder pastoral implica a produção do negativo e se legitima por uma utopia. Isto é, ele cria o mal, faz existir no mundo o negativo, abre a ferida no interior do homem, para então apresentar a cura pela salvação. A utopia que o poder pastoral instaura é a salvação eterna. E ele legitima o seu poder pela promessa de salvação eterna, o que é uma utopia.

Com a criação desta negatividade no interior de cada um surge a noção de pecado e, com ela, a noção de má-consciência. O ressentimento, que outrora voltava-se para fora, passa a ser interiorizado. O ressentimento do homem volta-se para o seu interior e então ele se percebe como "mau", passa a ter consciência de si como pecador. A partir de então surge o sentimento de consciência de culpa, que é um sentimento moderno. Para Nietzsche (1998, p. 72), a culpa surgiu "como uma profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu - a mudança que sobreviveu quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz". A culpa é, pois, uma condição social.

Aqui percebe-se a articulação entre a noção católica de

pecado e a noção de norma, e a relação de ambas com o sentimento de culpa. Ao perceber-se como pecador, como o verdadeiro responsável por suas mazelas, o homem sente-se culpado. Ao ver-se como pecador, como mau, luta para tornar-se normal, ou seja, bom. Os bons é que são considerados normais, de acordo com a valoração estabelecida pela sociedade. E, nas relações sociais, aqueles que não se adequam à norma, e que, portanto, não são normais, são excluídos e controlados, até que introjectem em si a norma e se curem. Mas o homem apenas se verá como mau se tiver introjectado as normas sociais e, conseqüentemente, tiver desenvolvido o sentimento de culpa. A articulação entre norma, pecado e culpa passa a ser imprescindível para o exercício do poder moderno.

É inegável que o poder dos sacerdotes diminuiu consideravelmente nos últimos tempos. Porém, esta forma de poder deixou um legado que se ampliou fora da instituição religiosa e ajudou a constituir o Estado moderno. Muitas mudanças foram operadas no interior deste processo, no que diz respeito ao exercício do poder.

Com o declínio do poder pastoral e a constituição do Estado moderno, o poder passa a não se preocupar mais em conduzir o povo para a salvação no outro mundo, mas em garanti-la neste. O poder pastoral, que estava associado durante séculos a uma instituição definida, a religião, ampliou-se e conquistou todo campo social, instalando-se também em diversas instituições modernas - a família, a medicina, a educação etc. E a palavra salvação ganhou novos significados, como saúde, segurança, proteção contra acidentes, bem-estar.

O que se verificou foi uma modificação de objetivo, pois antes o que era visado era a salvação espiritual em outro mundo, sendo que a partir de então é garantir a saúde física e mental neste mundo. E quem administra este poder não é mais o sacerdote, mas sim o Estado moderno, através da polícia e de outras instituições sociais, como a família, a escola, o exército etc.

E o poder moderno também se legitima por uma utopia, que não é mais a salvação eterna, mas uma idéia de cura, de normalidade. E as instituições sociais modernas funcionam como instrumentos para a legitimação deste poder. O ideal da prisão, por exemplo, é curar os homens. Ou seja, o seu ideal é que os prisioneiros saiam tomados novamente bons cidadãos. O que o poder faz é gerar um desdobramento utópico entre aquilo que os homens não devem ser e fazer e uma esperança de salvação na cura. É isto que contribui para a sua legitimação na Modernidade.

Para viver em sociedade, os indivíduos precisam aprender e assimilar certas normas e comportarem-se de acordo com critérios estabelecidos e considerados normais. Algumas instituições sociais criadas com o advento do Estado moderno, como a escola, procuram ensinar a normalidade aos indivíduos. Se o ensinamento falhar, outras instituições, como a prisão, ocupam-se de reeducar e curar tais indivíduos.

O Absolutismo e o poder do rei

Para conhecer o poder moderno é interessante analisar o exercício do poder antes do advento do Estado. Este período, conhecido como Absolutismo, foi o período histórico que antecedeu à Modernidade¹, vigorando entre os séculos XVI e XVIII. A forma de exercício do poder neste período apresenta grandes diferenças em relação a como o poder passa a ser exercido após. Conhecer estas diferenças torna mais interessante a análise do poder moderno, pois são justamente as disparidades verificadas nos dois momentos históricos que caracterizam e dão forma ao exercício do poder na Modernidade. Um dos períodos da história da sociedade em que o poder se exerceu de forma mais dura e excessiva foi com certeza o Absolutismo. E isto pode ser concluído a partir de uma análise do estilo penal vigente na época. A forma de punição aos criminosos utilizada neste período era o suplício, que é um modo de fazer o corpo sofrer. Além disso, a forma como o poder real se manifestava em relação às práticas punitivas era determinada pelo excesso. O castigo, portanto, era sempre corporal e tinha que ser excessivo, aplicado com muito rigor.

O sofrimento do corpo durante o castigo, além de ser marcado pelo excesso, tinha que ser mostrado para todos, realizado em praça pública, muitas vezes em frente às igrejas. O sofrimento do corpo, por ser um modo de exercer o poder, tinha que se dar como espetáculo. Mostrar o sofrimento em praça pública também era um modo de exercer o poder. Não com o intuito de tentar mostrar aos criminosos a certeza da punição, de atemorizá-los, mas sim de ser uma espécie de ritual onde a força do rei era reavivada. Era para tornar os espectadores sensíveis ao espetáculo do poder, ou seja, à força que garantia a existência da ordem.

Duas eram, portanto, as estratégias do exercício do poder durante o Absolutismo: a visibilidade (porque aquilo que não era visto era como se não houvesse acontecido) e o espetáculo, que reafirmava o poder do rei.

Outro aspecto interessante deste período é que quem devia ser visível era o poderoso, ou seja, era a força do rei, seu poder. Aquele que era anônimo somente tornava-se visível quando rompia com o poder. No texto **A vida dos homens infames**, Foucault (1992) apresenta e analisa o que chama de "uma antologia de existências", que são relatos de internações de algumas pessoas que viveram no século XVIII e que somente saíram do anonimato porque se confrontaram com o poder. São existências das quais jamais alguém teria conhecimento e para que algo delas chegasse até nós, foi porém necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar. Luz essa que lhes vem do exterior. Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam, e talvez deveriam sempre, ter ficado, é o encontro com o poder: sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajeto. O poder que vigiou aquelas vidas, que as perseguia, que, ainda que por um só instante, prestou atenção às suas queixas e ao seu breve

burburinho e que as marcou com um golpe das suas garras, foi também o poder que suscitou as poucas palavras que delas nos restam. (Foucault, 1992, p. 97-8)

Só conhecemos hoje o que aconteceu a estes indivíduos porque eles se confrontaram com o poder. Seres infames, que só suscitarão do poder poucas linhas e breves instantes de atenção. Um rápido momento de fama foi tudo o que conseguiram ao baterem de frente com a forma de poder dura e repressora que então vigorava.

Além de tornar visível a força do soberano, o que o poder durante o Absolutismo queria fazer era excluir do real aqueles que se opunham a ele. Não basta o espetáculo do suplício e da morte, é preciso ainda consumir com o corpo do criminoso para que nada dele permaneça. Por isso os corpos dos castigados eram desmembrados e, quase sempre, queimados. Pelas estratégias do poder pode-se perceber que o suplício é todo marcado pela exterioridade (pela acusação do outro que conta o que vê), podendo-se associá-lo à vergonha e ao ressentimento. A passagem decisiva da vergonha para a culpa, que é uma emoção moderna, acontece quando ocorre uma interiorização do olhar do outro, ou seja, quando as pessoas começam a olhar seus próprios desejos como se fossem outros a olhá-los, como se fosse a sociedade que lhes estivesse julgando.

Em princípios do século XIX desaparece o suplício como forma de punição aos criminosos, dando lugar ao que Foucault (1996, p. 19) chama de "sobriedade punitiva". Surgem, então, as instituições disciplinares, que são as prisões, as escolas, os hospitais, as fábricas. E a pena passa a não ter mais o intuito de punir, mas sim de reeducar, corrigir. Desaparecem o espetáculo e o domínio sobre o corpo. As novas práticas punitivas não pretendem mais atingir o corpo, elas agora se dirigem à alma. O poder moderno não pretende mais excluir comportamentos indesejáveis, mas intervir na alma para produzir comportamentos socialmente aceitáveis (Vaz, 1997, p. 22). O que Foucault pretende mostrar é que o poder moderno produziu uma alma no sujeito.

Ao afirmar que a Modernidade surge como uma forma de poder que visa atingir a alma do homem, Foucault inverte o ditado clássico cristão que diz que o corpo é a prisão da alma e que, portanto, morrer é uma libertação. Ele diz justamente o contrário, que uma alma habita o homem e o leva à existência, sendo "ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo" (Foucault, 1996, p. 31-2). Outra tese de Foucault diz tratar-se a Modernidade de uma forma de poder que divide os homens entre si e cada um no interior de si mesmo. Ou seja, o que o poder moderno faz é separar os bons dos maus de tal modo que cada um terá uma parte de si que é boa e outra que é má. E todo esforço passa a ser o de controlar aquilo que em si é mau. Há uma tentativa de controle do negativo.

O que o poder moderno faz é criar a negatividade ética - aquilo que ninguém quer ser - e por criá-la gera um embute no

interior do sujeito. Gera no sujeito todo o esforço de ser aquilo que ele deve ser e de não ser o negativo. A primeira coisa que o poder moderno faz é criar o negativo, isto é, negativizar a diferença. Há aqui um processo de criação e de interiorização do negativo, ao mesmo tempo em que ocorre uma tentativa de controle deste negativo. Esta é, para Foucault, uma das características do poder moderno e representa uma herança nietzscheana em seu modo de pensar o poder.

O poder moderno tem ainda a característica de ser uma forma de poder que estabelece vínculos circulares entre o exercício do poder e a existência de seu objeto. Ou seja, o poder é tão mais forte quanto mais ele fizer existir no real a negatividade que ele pretende reduzir. Exemplificando, pode-se dizer que o poder precisa criar o delinqüente para justificar a existência das prisões que intencionam curá-lo. E a prisão, justamente, produz o delinqüente. Já durante o Absolutismo, o que o poder queria era eliminar do real aqueles que se opunham a ele.

A Modernidade traz também uma mudança na estratégia da visibilidade. Se no Absolutismo quem devia aparecer era o soberano, agora é o objeto do poder que brilha. Isto marca a saída de uma sociedade do espetáculo, que é a da soberania, e a entrada numa sociedade que é a da vigilância e da disciplina. Além desta mudança na estratégia da visibilidade que torna o objeto do poder visível, a vigilância hierárquica precisa de espaços fechados. Então são criadas as instituições disciplinares, que são as instituições sociais.

Além da criação das instituições sociais, Foucault diz que o que também contribui para a produção da consciência e da culpa é o que ele chama de a sanção normalizadora do poder moderno. Ou seja, além de ser preciso a interiorização do olhar do outro, é necessário também que o homem interiorize as normas sociais, que ele queira se julgar segundo as normas sociais, poder moderno visa, pois, governar, dirigir a conduta dos indivíduos e delimitar seu comportamento, agindo sobre a possibilidade de ação dos indivíduos. Seu objetivo é estruturar o eventual campo de ação dos outros. Desta forma, desde que o homem vive em sociedade, existe a possibilidade de alguns agirem sobre a ação dos outros. O poder moderno tem esta característica e, portanto, pode-se dizer que, a partir da Modernidade, é impossível haver sociedade sem relação de poder.

O cuidado do outro na Modernidade

A modernidade foi, sem dúvida, uma forma de exercício de um poder que se preocupava com o cuidado do outro. Tanto que foi justamente neste período que surgiram as grandes instituições sociais, também chamadas de instituições disciplinares, que visavam corrigir a conduta alheia para formar bons cidadãos, cientes de seu espaço na sociedade e conhecedores das normas que regem a sociedade na qual vivem.

E as instituições sociais foram justamente criadas para evitar que os homens se tornassem maus. Foram instituídas para formar o indivíduo desde a mais tenra idade, para cuidar dele desde seu nascimento até o ocaso para que ele não se desviasse do caminho que a sociedade havia lhe traçado e se tornasse bom cidadão como ela queria. Em cada uma destas instituições disciplinares existem figuras que representam uma mescla de poder e saber e que tomam para si a tarefa de cuidar do outro. São os pais, os professores, os chefes, os médicos, os carcereiros, que zelam pelo aprendizado e que procuram, sempre, introduzir naqueles que estão sob seus cuidados as normas e regras que regulam o ambiente em que se encontram e, de forma mais ampla, toda a sociedade (Vaz, 1999, p. 166).

Para formar um bom cidadão, porém, é imprescindível que haja cuidado. Formar é também zelar, orientar, estar sempre presente. É vigiar o outro para evitar maus comportamentos, para garantir sua boa formação. Ou seja, a condição para a formação de um sujeito na Modernidade depende da vigilância e do cuidado. A vigilância representa a garantia de um eficiente cuidado e de uma boa formação. É quando a presença que vigia não pode se dar de fato, é preciso que o superior, aquele que cuida, esteja dentro do outro, interiorizado no sujeito. Só assim o poder garante uma formação contínua. Só assim o poder sabe que o outro estará permanentemente sendo observado: ou por um superior que tem autoridade e saber para tanto ou pelo próprio indivíduo, que interiorizou o olhar do superior e as normas de sua sociedade.

O homem moderno, sem dúvida, teve sua vida permeada pela influência de um poder que cuida, que visa formar e que se ocupa com a vida - e com os sonhos, pensamentos, atitudes, desejos - dos outros. Um poder do qual ele não podia escapar, pois ele nasce e morre em instituições criadas para o seu cuidado e que exercem poder sobre sua vida.

Mídia e poder na Atualidade

As instituições sociais criadas na Modernidade, porém, jamais tiveram total êxito em seu propósito de cuidar do outro. A família e a escola, por exemplo, nem sempre conseguiram formar bons cidadãos. Muitas vezes as autoridades de saber destas instituições não sabem como tratar os jovens e qual teoria educacional pode ser a mais indicada para a educação das crianças. A prisão, por sua vez, também não consegue curar os delinqüentes.

O que acontece hoje é que não existe mais a intenção de se investir na reforma das instituições disciplinares como resposta ao seu fracasso. Elas nunca funcionaram bem, mas na Modernidade ainda era pensada sua reestruturação, para transformá-las em instituições capazes de cumprir com êxito seu papel. Hoje o que existe é um desinvestimento social na reforma das instituições como meio de lidar com seus fracassos e uma busca por alternativas que supram a carência por elas deixada.

Atualmente a mídia tem ocupado cada vez mais o lugar do cuidado do outro, não mais vigiando ou restringindo, mas através da informação. Numa sociedade individualista e que preza sobretudo a liberdade individual, como é caracterizada a sociedade pós-moderna, aquele que cuida do outro só pode ser aquele que informa. Isto porque hoje vigora uma forma de poder na qual a preocupação é de cada um consigo mesmo. Hoje mudou a forma do cuidado do outro através da instituição de um cuidado de si, de uma preocupação com o próprio corpo, com a própria saúde, com a longevidade e a qualidade de vida de cada um.

O que mudou também hoje é que as tecnologias de cuidado do outro evoluíram cientificamente. Hoje a vigilância pode ser praticada sem qualquer contato com o sujeito que está sob investigação. A mudança que ocorreu é que hoje a vigilância é feita com a utilização das novas tecnologias. Ela é realizada através de técnicas calcadas em informação - na recolha, no processamento e, principalmente, na divulgação da informação. E esta informação diz respeito ao futuro do homem e aos riscos futuros. Desta forma, o poder hoje não visa mais intervir no sujeito concreto, mas formar um banco de dados onde possam ser realizadas correlações estatísticas com diferentes elementos de forma a poder prever e controlar o futuro dos indivíduos. Com o auxílio das novas tecnologias (em especial as da área biomédica e de comunicação) é possível desconstruir o sujeito concreto e reconstruí-lo como virtualidade, através da combinação de fatores responsáveis pela produção do risco. E o risco é entendido como o efeito de uma combinação de fatores abstratos que tornam mais provável a ocorrência de modos indesejáveis de comportamento.

O que acontece é que as novas tecnologias estão realizando uma dissolução da noção de sujeito concreto e instituindo um sujeito virtual, que é formado por uma combinação de fatores de risco. Isto acarreta um modo novo de vigilância que é a de antecipar e prevenir o aparecimento de algum evento indesejável como, por exemplo, enfermidades, anormalidades, comportamentos não-convencionais. E esta vigilância dispensa a presença atual, próxima; descarta a relação recíproca entre quem assiste e quem é assistido, entre quem cuida e quem é cuidado. Pode-se dizer que a utopia hoje é poder controlar o futuro através dos registros dos dados no presente. Através de cálculos de probabilidade, eliminar os riscos. A utopia sempre representou uma alteridade em relação ao presente; hoje a utopia é fazer com que o presente permaneça, é acabar com a incerteza. Não é mais criar um mundo novo, não é buscar a mudança, é garantir a preservação. Já na Modernidade, o poder era mais corretivo e reparador do que preventivo.

Se a disciplina, para legitimar seu poder, fazia existir a anormalidade, a sociedade atual produz o risco (Vaz, 1997a, p. 7-8). E no lugar da culpa surge, então, a necessidade de o homem calcular os riscos de cada ação. Esta nova relação de poder trouxe também novos mediadores na relação de cada um consigo mesmo que não

precisam mais ser aqueles que podem vigiar; cabe sim, aos meios de comunicação informar aos indivíduos dos riscos que correm dado o que fazem e o que trazem como herança. A forma do poder não é a vigilância, mas a da informação que adverte sobre riscos tendo em vista o próprio interesse do indivíduo: ela se dá como convite à moderação. Nada mais adequado a uma sociedade hedonista, individualista e modulada diariamente pelos meios de comunicação. (Vaz, 1997a, p. 8)

A mídia ocupa hoje um lugar singular na mediação entre o indivíduo e aquilo que lhe dá prazer. O grande valor hoje é a informação, pois é preciso saber, estar muito bem informado, para poder controlar o risco e antever os resultados da ação.

E o alerta, atualmente, é feito pelos meios de comunicação. São eles que nos oferecem, a cada dia, informações sobre nossa saúde e sobre como cuidar dela, notícias sobre os avanços tecnológicos e as novas descobertas da ciência que trazem consigo fórmulas para o bem-viver, com segurança e garantia de minimização dos riscos.

Hoje o poder não se exerce mais pela vigilância, mas pela informação, veiculada pela mídia, que diz o que o homem pode fazer, como deve fazer e o quanto pode ser feito. Esta informação sempre traz também os riscos que as ações contemporâneas comportam e sugere moderação. A vigilância hoje se dá pela disponibilização das informações sobre os riscos que o homem come ao decidir que ações realizar. Tais informações devem ser consideradas pelo indivíduo no momento de sua ação.

Considerações Finais

A aposta deste trabalho é demonstrar que as figuras do cuidado na era moderna, ou seja, aquelas figuras imbuídas de poder e de saber, que representavam as autoridades dentro das instituições sociais e que tinham a tarefa de formar e/ou corrigir comportamentos, eram os pais, os professores, os chefes, os policiais, os médicos etc. Estas figuras, próprias da Modernidade, substituíam o pastor (ou sacerdote ascético) no cuidado do outro.

Da mesma forma que o sacerdote ascético representava para o Cristianismo aquele que cuidava individualmente de cada membro da comunidade, para assegurar a salvação do indivíduo, as autoridades do cuidado na Modernidade também visavam formar e corrigir comportamentos de forma individualizada, para garantir também a sua salvação. A diferença é que o sacerdote ascético se preocupava com a salvação da alma no outro mundo e o poder moderno se ocupava em garantir a vida do indivíduo neste mundo.

Hoje o que acontece é que as figuras do cuidado modernas estão passando por uma crise e sendo substituídas pelas novas tecnologias, principalmente as de comunicação, com ênfase para a mídia. Pode-se dizer que a mídia é a última encarnação do pastor, porque é ela que cumpre o papel hoje de alertar o homem

sobre os riscos que ele corre, os quais são decorrentes de suas ações.

Na Modernidade, quem alertava os homens para terem cuidado eram as autoridades de poder. Na verdade, elas cuidavam de perto do comportamento dos indivíduos para que eles não se desviassem do bom caminho. Atualmente é a mídia que diz ao indivíduo com o que ele deve tomar cuidado e como devem ser suas ações.

E já não interessa mais diferenciar os atos entre aqueles que são considerados normais e os considerados anormais, os quais deviam ser evitados. Hoje os únicos comportamentos não aceitáveis são aqueles que não levam em conta os riscos. O poder hoje não cuida diretamente do outro, mas ele fornece as informações necessárias para que cada um cuide de si mesmo. O poder quer que cada um conheça os riscos futuros de suas ações e se cuide. A ordem hoje é que cada um saiba cuidar bem de si.

E a mídia está, cada vez mais, ocupando este lugar de figura do cuidado, que é próprio de um poder concebido como informação. Informação sobre como cuidar de si mesmo. A mídia, pois, incita o homem ao cuidado. Ela faz o mesmo que fazia, na Modernidade, o pai e o médico, por exemplo.

O novo lugar do cuidado, pois, pertence à mídia. Hoje é ela que gera a necessidade do cuidado e mostra o modo de o homem se cuidar. E é por fazer isto que ela consegue legitimidade e credibilidade. Ou seja, ao dar conselhos ao indivíduo sobre como administrar sua vida ela legitima seu poder, que é o de informar. A mídia ocupa, hoje, o lugar daqueles profissionais da formação que imperaram na Modernidade. O poder hoje visa mais informar do que formar. Praticamente tudo que a mídia veicula tem o objetivo de fazer com que o indivíduo pense sobre sua vida e sobre suas ações e, de preferência, que ele aja. Mas que aja levando em conta o risco futuro que ele corre.

Assim como o poder moderno gerava a negatividade que pretendia reduzir, estabelecendo vínculos circulares entre o exercício do poder e a existência de seu objeto, também a mídia gera o risco e o modo de lidar com ele. Isto é, ela gera aquilo que leva o homem a se cuidar. É exatamente isto que já fazia o poder pastoral, ou seja, gerar aquilo que leva o indivíduo a cuidar dele mesmo, para salvar-se. Eternamente policiar-se e pensar que no futuro ele irá se salvar.

E a credibilidade da mídia como figura de poder se fundamenta no fato de que ela dá ao indivíduo a notícia que realmente lhe interessa. Ou seja, ela responde às expectativas de informação e de ação que o indivíduo possui e que precisa ter satisfeitas, e que não o são mais hoje pelas instituições modernas. A mídia atende ao desejo do indivíduo de gerir com autonomia sua vida.

Pode-se dizer que o poder contemporâneo é tecnológico e todas as formas de exercê-lo passam pelas novas tecnologias disponibilizadas pelo rápido avanço atual das ciências. Se na Modernidade o que conferia poder era o conhecimento, o saber

sobre o outro, hoje o que confere poder é o acesso à tecnologia e à informação.

Outra diferença pode ainda ser apontada entre o exercício do poder moderno e do atual em função do avanço tecnológico dos meios de comunicação. Na Modernidade o poder era local, pois era exercido através de microrrelações entre os homens e determinadas instituições, as quais visavam imobilizar os indivíduos e controlar (ou mesmo impedir) certos movimentos autônomos. Já na Atualidade, com a consagração da mídia como uma forma de exercer o poder, a vigilância não é mais local, mas torna-se globalizada. Portanto, mesmo estando hoje em lugares topograficamente diferentes, vigilantes e vigiados exercem poder uns sobre os outros. Ou seja, mesmo distantes fisicamente, eles permanecem ligados por uma rede tecnológica que possibilita a vigilância.

Este é o poder da mídia hoje. Também pode-se dizer que o poder hoje passa inevitavelmente pela mídia, pois ele se exerce pela informação que permite ao homem cuidar de si. O poder contemporâneo é tecnológico, virtual, desterritorializado. Ele passa, inevitavelmente, pelas novas tecnologias de comunicação e se define pelas mudanças que elas trazem à sociedade. Sem dúvida, o poder que hoje vigora apresenta uma forma de exercício muito diferente daquela que havia na Modernidade.

Notas

1 Consideramos como Modernidade o período histórico iniciado no final do século XVIII e início do século XIX, conforme é proposto por Michel Foucault.

Bibliografia

- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P., DREYFUS, H. **Michel Foucault - Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. A vida dos homens infames. In: **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992, p. 89-128.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polémica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VAZ, Paulo. **O inconsciente artificial**. São Paulo: Unimarco Editora, 1997.
- _____. Corpo e risco. In: VILLAÇA, N., GÓES, F., KOSOVSKI, E. (Org.).

Que corpo é esse? Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. O corpo-propriedade. In: NETO, A. F.; PINTO, M. J. (Org.). **Mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.

A ESCRITA COMO VEÍCULO DE TRANSMISSÃO DA CULTURA E DO LUTERANISMO

*Enaida Izabel Schirmer Richter**

Ao longo dos tempos, a religião sempre serviu de refúgio para os homens. Os rituais religiosos primitivos constituíram-se em algumas das primeiras formas de comunicação social, o que foi preservado e acentuado por todas as religiões e igrejas modernas. Porém em sua aparência magnânima, muitas vezes a religião foi utilizada como pretexto para a tomada de territórios e mentalidades. Hoje, a religiosidade permanece indissociável ao ser humano e a sede de poder continua dominando os líderes mundiais. As disputas e as guerras religiosas mudaram de fisionomia e o campo de batalha e as armas foram, em parte, substituídos pelos discursos preparados com esmero e propagados através dos meios de comunicação de massa.

Num esforço para integrar os conhecimentos de comunicação e cultura, partiu-se do estudo teórico da Reforma e de seu principal personagem o monge agostiniano Martin Lutero. Esse movimento religioso do século XVI marcou a Modernidade. O texto focaliza Lutero e sua firmeza de idéias impregnadas no discurso que manteve com a Igreja Católica Romana, até deixar de ser *o outro para transformar-se no interlocutor e no autor de um novo discurso religioso e social que se instalou na Europa Ocidental*.

No caminho percorrido pela evolução da escrita, surgiu a letra gótica que serviu de veículo para Lutero divulgar suas idéias religiosas com a utilização da imprensa na disseminação das idéias reformistas.

* Professor Adjunto do departamento de Arquivologia da UFSM. Bacharel em Comunicação Social- Relações Públicas (UFSM, 1976), licenciada em História (UFSM, 1977), especialista em História Administrativa e Social do Brasil (UNIFRA, 1981), Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ (projeto do MINTER com a UFSM, 1999).

O enfoque diacrônico da escrita tem a finalidade de evidenciar a importância deste campo de estudo como imprescindível para o desenvolvimento da cultura e do novo saber.

A história da humanidade iletrada, alicerçada essencialmente na oralidade é algo incomensurável. Sem a utilização dos sistemas de escrita e dos registros fonéticos, estaríamos vivendo em um estágio cultural rudimentar. Antes da invenção da escrita, a transmissão cultural acontecia diretamente entre emissor e receptor, em situação de co-presença. O primeiro sistema completo de escrita foi desenvolvido pelos sumérios, no sul da Mesopotâmia, em torno do ano 3.100 a.C. Na mesma época, foi inventado o sistema hieroglífico pelos antigos egípcios no delta do rio Nilo. O desenvolvimento de textos escritos estava estreitamente ligado à tarefa de gravar informações relevantes para viabilizar a atividade de comercialização de produtos e a fiscalização dos impostos e para exercer o poder político e religioso.

O alfabeto foi inventado pelos fenícios durante o segundo milênio a.C. e se espalhou rapidamente pelo Oriente Próximo e pela Bacia do Mar Mediterrâneo. A invenção do alfabeto foi um grande acontecimento para o progresso da humanidade, porque aumentou os registros escritos. Porém, a escrita fenícia requeria um conhecimento externo ao texto, uma vez que o leitor podia "interpretar" a escrita para poder lê-la. Os gregos adaptaram os sinais semíticos e introduziram as vogais; conseqüentemente o texto passou a ser mais autônomo. O pensamento analítico grego foi possível no contexto criado pelos efeitos do alfabeto de consoantes e vogais, cumprindo um passo para o desenvolvimento cognitivo. Possibilitou a reflexão sobre o mundo objetivo com relação ao sujeito pensante. O alfabeto grego propiciou o surgimento de grandes obras de literatura, filosofia e geografia e foi difundido também na Península Itálica. Através da comunicação dos povos, a escrita propagou-se e adaptou-se segundo as necessidades daqueles que assimilavam novos valores culturais. Na propagação do cristianismo, os apóstolos ensinaram a religião cristã aos povos pagãos através da oralidade e da leitura das Escrituras Sagradas. A antiga escrita romana, chamada de *capital*, possuía tipos maiúsculos e tinha algumas variantes. A letra *uncial*, utilizada em códices (livros manuscritos) e documentos, foi produto do arredondamento da *capital rústica*. As primeiras traduções latinas da Bíblia foram feitas na escrita *uncial*, o que confere a esta uma característica de "escrita cristã". Com o passar do tempo, as letras foram se ligando umas às outras, devido à necessidade de escrever mais rápido e à mudança do suporte material e do instrumento para escrever.

O nome de *escritas nacionais* denomina as manifestações gráficas de cada uma das populações bárbaras que, a partir do século V, encontravam-se assentadas aonde havia sido território do Império Romano. Pertencem a esse período a escrita visigótica (usada na Península Ibérica), a *merovingia*, a *insular* e a *longobarda*, entre outras. O termo pré-carolina é designado para nomear as *escritas*

nacionais e assinala um processo gráfico que iniciou com a antiga escrita romana e finalizou com a canonização da carolíngia. Se as *escritas nacionais* tivessem evoluído de forma independente ao longo do tempo, cada país teria hoje uma escrita típica, distinta da escrita de seus vizinhos e incompreensível para eles. O procedimento teria sido análogo ao que ocorreu com as línguas românicas, que derivam do latim. Mesmo mantendo traços em comum, esses idiomas são tão diferentes entre si, que os falantes de uma língua são quase incapazes de entender as outras, sem uma especial aprendizagem.

A difusão, por toda a Europa, do sistema de escrever que conhecemos hoje, tem suas raízes na escrita carolíngia, que constituiu um dos grandes acontecimentos culturais da Idade Média. No império de Carlos Magno, foi concretizada a idéia de obter-se uma escrita para melhor difundir o cristianismo e cujo traçado não fosse tão complexo como o da escrita *uncial* nem tão fatigante para os leitores como o da *merovingia*. Frente à poliformia que começou a dividir o mundo pós-romano em grupos nacionais gráficos distintos, o triunfo da carolíngia impôs a unidade gráfica. Surgiu uma escrita fácil de ler e bela em sua apresentação. Já no início do século IX, a escrita carolíngia havia destronado suas antecessoras nos códices e logo foi utilizada para redigir documentos.

Várias mudanças culturais, políticas, religiosas e econômicas operaram-se no seio da sociedade europeia a partir do século XII, como o aparecimento de novas nações e de cidades com estatutos jurídicos próprios, o desenvolvimento do comércio, a fundação de ordens religiosas e a criação de universidades. Com a secularização da cultura, os livros tornaram-se requisitados e surgiram copistas leigos. No mundo ocidental, a cultura era vinculada à Igreja e esta detinha o monopólio do ensino. Os "monges-escreventes" recebiam um rígido ensinamento. Naquele período, a evolução na forma de escrever foi fruto de modificações da escrita carolíngia. A técnica de escrever democratizou-se e seu efeito foi decair artisticamente, pois podia ser empregada por um público com razoável conhecimento. Houve também a mudança no instrumento para escrever, que era a pena de ave, passando a ter um corte oblíquo na ponta. As conseqüências gráficas dessa modificação foram várias. Salienta-se o predomínio do ângulo sobre a curva e a configuração do traçado, onde os traços descendentes eram grossos, pois a tinta fluía com facilidade, em contraposição aos traços ascendentes, que eram finos. Essa nova escrita chamou-se escolástica ou monacal. Posteriormente os humanistas designaram-na de gótica, pois consideravam-na símbolo do medievalismo.

No ambiente librário, os códices tiveram reformulações na escrita e na decoração. Os signos deixaram de ser naturais e espontâneos, passando a ser ditados por padrões rígidos como se fosse um trabalho mecânico. Até o século XV, toda a Europa utilizava a gótica, que foi considerada a escrita europeia sem rival. Para fins de estudo, a escrita gótica está dividida em dois tipos básicos: a gótica *libraria* e a gótica *documental* ou cursiva. A gótica

disseminou-se logo através das cursivas das diferentes regiões e em cada país foi adquirindo perfis próprios. O desenvolvimento dessas formas cursivas foi muito rápido. No campo documental, a gótica mudou sempre para pior, provocando a reação dos intelectuais durante a Renascença.

O fenômeno desagregador aumentou até surgir outro movimento gráfico unificador e reformista - o da escrita *humanística* - quando surgiu um novo estilo de escrever, cujo êxito e cujas conseqüências chegaram até nossos dias. A escrita *humanística* não se originou de tipos gráficos anteriores por um processo de evolução gradual. O descobrimento de muitos códices carolíngios, que continham obras de autores da literatura clássica, foi ponto de partida para a reforma caligráfica. Os humanistas tinham uma admiração muito grande por aquele tipo de letra, cujo traçado foi imitado, pois imaginavam ser a verdadeira "letra romana" da Antigüidade. Inicialmente, os humanistas aplicaram a carolíngia, com algumas alterações, nos códices e logo na redação de documentos, justamente no momento histórico da invenção da imprensa. O sistema mecânico de produzir livros tomou conta de uma atividade que durante milênios fora tarefa de escreventes. As primeiras impressões reproduziram perfeitamente modelos góticos ou humanísticos e o observador podia duvidar se era um livro manuscrito ou impresso. Apesar da adoção da letra *humanística* no mundo a partir do Renascimento, os Estados Alemães continuaram a adotar a letra gótica, valorizando-a como letra nacional. Porém, a imprensa solidificou-se com a letra *humanística*, utilizada em todos os continentes até os dias atuais.

Quanto ao Renascimento cultural, a influência da arte greco-romana, os novos materiais documentais encontrados e o trabalho dos eruditos modelaram uma nova fisionomia universal, onde os conhecimentos de vanguarda superaram o saber antigo, aliado à clausura monacal.

No panorama da Europa em transformação, o movimento da Reforma religiosa, promovido por Martin Lutero, encontrou ótima receptividade e revestiu-se de grande importância cultural, marcando profundamente a vida de inúmeros povos. O retorno às Sagradas Escrituras foi auxiliado pela invenção da imprensa, que permitiu sua difusão nos meios laicos, multiplicando as traduções em língua vernácula. A invenção da imprensa despertou a curiosidade intelectual e difundiu os princípios reformistas. A grande maioria dos fiéis não estava habituada a ler esses textos: pois além de estar redigidos em latim ou grego, eram de difícil entendimento pelo receptor da mensagem cristã.

A Reforma ingressou na história no século XVI porque era uma época de expansão em todas as áreas. Anteriormente houve homens de espírito inquieto e reformador, porém, tais testemunhos e mesmo certos movimentos alforaram em uma sociedade hermética. Naquele século de expansão, a cultura e a religião avançaram através do Renascimento e da Reforma. Entre ambos os movimentos há

certas similaridades. O retorno aos documentos antigos, o imprescindível conhecimento dos idiomas e das escritas que eram usadas para o registro das informações testemunhais, a explicação dos textos e seu comentário, a pesquisa de seu significado, constituíram um conjunto de preocupações comuns às duas orientações, à humanista e à reformista. O humanista procurava o sentido de um texto para adquirir o conhecimento deste texto em si mesmo; o reformista buscava o significado do texto teológico com o objetivo de esclarecer e de orientar sua vida segundo a vontade de Deus.

Simultaneamente os humanistas aplicavam aos textos sagrados o método crítico, reforçando o interesse pela Bíblia, que desejavam colocar à disposição de um número maior de pessoas. Os homens estavam no caminho da livre interpretação das Sagradas Escrituras, porém a maioria dos humanistas não se uniu aos reformadores.

A mentalidade européia da época propiciou o movimento da Reforma que repercutiu em toda a cristandade ocidental. A expressão **Reforma** designa a crise religiosa do século XVI, que dividiu a Igreja Cristã do Ocidente em dois campos: o Católico e o Protestante, a partir do processo de renovação da Igreja, iniciado em 1517 com a Disputa para o *Esclarecimento das Indulgências*.

Martin Lutero elaborou um documento apresentando **noventa e cinco teses** onde questionava certos aspectos da vida eclesiástica, com os quais não concordava, mas visavam a recuperar a antiga pureza evangélica. O texto circulou em grupos restritos de teólogos para que seu conteúdo fosse discutido. Após, afixou as **noventa e cinco teses** na porta da igreja do Castelo de Wittenberg, na Turingia. As noventa e cinco proposições denunciavam a falsa segurança alcançada pelas indulgências. Foram traduzidas para o alemão e divulgadas para o povo, conferindo à escrita seu poder de transmissora de novas idéias. As **noventa e cinco teses** foram aceitas nos círculos humanísticos opostos à Igreja, desgostosos com os abusos eclesiásticos existentes.

A bula *Exsurge Domine* (1520) condenou quarenta e uma das noventa e cinco proposições luteranas e dava, ao reformador, sessenta dias para retratar-se sob pena de excomunhão. Lutero queimou a bula papal *Exsurge Domine* na praça de Wittenberg, suscitando grande entusiasmo entre seus seguidores. Desta forma estava definitivamente formalizado seu rompimento com a Igreja de Roma. Lutero enfrentou o risco de ser excomungado, morto ou banido do Império Alemão.

Lutero expôs com mais veemência seus pontos de vista escrevendo três importantes tratados: *Apelo à Nobreza Cristã da Nação Alemã*, *Do Cativo Babilônico da Igreja*, *Da Liberdade do Homem Cristão*. A mensagem do monge rebelde foi amplamente divulgada pela imprensa. Depois disto não havia mais como retroceder, pois suas idéias haviam sido documentadas e propagadas através da retórica escrita conclusiva. A bula *Decet Romanorum Pontificem* (1521) excomungava Lutero e o Édito de Worms, um mês



Capa da tradução da Bíblia por Lutero na escrita gótica libraria

após, banuí-o do Império. No entanto, Martin Lutero recebeu abrigo do Príncipe-eleitor da Saxônia Frederico, o Sábio. Durante dezito meses permaneceu escondido no castelo de Warburgo. Traduziu a Bíblia para o alemão, compôs cânticos e escreveu tratados de Teologia e sermões admiráveis. Seus escritos tinham rica sedimentação doutrinária e literária.

A *Confissão* de Augsburg foi a primeira formulação confessional das igrejas luteranas. Foi composta por Melancton, discípulo de Lutero, para expor a fé dos reformados à Dieta, reunida pelo imperador Carlos V, em Augsburg, em 1530. Após vinte e cinco anos, o imperador Carlos V reconheceu oficialmente as igrejas luteranas.

Nossa realidade ocidental alfabética levou-nos a este momento cultural, onde fazemos ilações sobre as implicações da escrita na sociedade humana moderna. A escrita propiciou a acumulação e a transmissão do conhecimento do emissor intelectual, que possuía o domínio do saber, para o receptor desprovido de conhecimento. Os símbolos escritos tiveram um papel de primeira grandeza no despontar do debate luterano e na divulgação do luteranismo pelo mundo.

Em 1518, Lutero remeteu ao Papa Leão X as Resoluções em que explicava sua perfeita submissão à Igreja e repelia as acusações que lhe faziam de herético. Leão X não aceitou a explicação de Lutero e este enviou um opúsculo onde solicitava o julgamento das **noventa e cinco teses** de forma legal, era o Apelo ao Papa Melhor Informado. Esta fase moderada encerrou-se com a Disputa de Leipzig (1519), onde debateu com o teólogo dominicano Johann Eck, cujo debate conservava o estilo acadêmico. Lutero admitiu a falibilidade de um concílio geral e se mostrou pronto a por em dúvida as decisões do Papa.

Na enunciação do discurso dos primeiros séculos da Era Cristã, os receptores mantinham-se calados e tudo aceitavam, sem questionar e afrontar os detentores do poder dos altos dignatários da Igreja de Roma. No discurso reformista, extinguiu-se o medo do interlocutor poderoso, revestido do poder espiritual e temporal. Nas disputas, através das argumentações orais ou escritas, o luteranismo fortaleceu-se e disseminou-se no tempo e no espaço.

NOTAS GERAIS SOBRE A CONSTITUIÇÃO E O APAGAMENTO DO SUJEITO

*Jocélia Maris Mainardi**

*Não suportamos ser completamente iguais,
mas nem completamente diferentes.*

Inicialmente é importante destacar que as categorias de pensamento e, portanto, de apreensão das coisas do mundo são nada mais que construções simbólicas referenciadas por um dado contexto social, político, histórico, econômico... Sendo assim, as categorias constituem-se em classificações que permitem a compreensão/interação com um real através da mediação deste pelo discurso, pela construção simbólica. Disso depreende-se que a construção de um dado real é consequência de uma prática discursiva de nomeá-lo.

Apesar de não constituir-se em novidade, essa reflexão permite que se compreenda que muitas das categorias de referenciação do mundo que tomamos como naturais – por exemplo a noção do Sujeito – são apenas construtos de um determinado contexto e que foram plenamente assimilados por uma dada sociedade. Para demonstrar isso, tomemos como eixo central de problematização o conceito de “Sujeito”, veiculado e aceito – numa sociedade ocidental e até recentemente moderna como a nossa – como um indivíduo centrado, racional e detentor de uma identidade única, estável e coerente.

* Professora do departamento de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Metodista de São Paulo -UMESP. Bacharel em Comunicação Social - Relações Públicas (UFSP, 1994), especialista em Teorias e Estratégias da Comunicação (UFSP, 1996), Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ (projeto do MINTER com a UFSP, 1999).

Aqui começamos nossa digressão histórica – sustentada pelo percurso traçado por autores contemporâneos – em busca de referências que nos possibilitem entender como essa noção de sujeito foi construída e desconstruída ao longo da *démarche* histórico-cultural que nos leva das sociedades modernas à atualidade.

A constituição do sujeito

A Grécia Antiga é tida como berço do modo de experiência cultural do Ocidente, pois foi onde originou-se o pensamento binário, a partir da constituição de Tróia como Outro Ontológico (ou como Oriente) Grego, a partir do qual cunhou-se uma série de categorias como bem/mal, dentro/fora e mesmo/outro. A existência de um Outro como referência oposta a um Mesmo, portanto, não é algo “natural”, mas uma invenção cultural baseada na ousadia de Aquiles de pedir à deusa Afrodite a mulher mais bela do mundo: Helene, fato que deu origem à guerra que todos os demais clãs de Aques se voltaram contra Tróia.

Instituída essa dicotomização mesmo/outro, configurou-se a idéia de um Outro externo, separado, que é mau, pois é diferente de mim, que sou bom. Assim, os gregos se criam como Mesmos pela oposição a esse Outro, visto como configuração do mal. Para Ieda Tucherman, esse procedimento de “determinar e excluir o outro é fundamental para que se possa delimitar o que é idêntico no sujeito em questão: o processo que estabelece identidade é o que demarca uma fronteira entre o que é idêntico (Mesmo) e o que é diferente (Outro).”¹

Essa idéia binária pressupõe a integridade ontológica de uma parte – o eu – que, além de ser unitária e constante, é um padrão, um modelo a ser seguido por um Outro imperfeito. Depois de Freud e de Lacan, essa relação pôde ser explicada pela desnaturalização do Eu inteiro e unificado, ou seja, pelo reconhecimento de que esse Eu não faz parte da essência do ser humano; é algo apreendido em nossa infância por um processo gradual, parcial e extremamente penoso. Sem ter noção de sua imagem inteira, a criança espelha-se no Outro – geralmente investido nas figuras de pai e mãe – e vê-se refletida como uma pessoa inteira. Cria-se, dessa forma, uma ilusão de totalidade que tensiona o indivíduo ao longo de toda sua existência. Lacan define esse espelhamento como a “formação do eu no olhar do Outro”.²

Ainda a esse respeito, poderíamos resgatar a caracterização que Alain Badiou formula sobre essa relação enquanto concepção mimética, ou seja, que “situa a origem do acesso ao outro em minha própria imagem redobrada (...) [e] mostra o que há de esquecimento de si mesmo na captura desse outro: o que valorizo é esse eu-mesmo-à-distância”.³

Ainda segundo Ieda Tucherman⁴, para que esse modelo de alteridade fosse inteiramente difundido e aceito por todos os clãs de aques que formavam a Grécia antiga, foi necessário articular duas

operações distintas. A primeira, de classificação e hierarquização desse Outro Ontológico, alimentando a cisão entre o Mesmo e ele. A Segunda, de construção de uma sólida integração entre clãs gregos, a qual foi baseada nos seguintes elementos: a construção do Mesmo como integridade ontológica; a definição de espaço como cosmos harmônico, centrado e finito; a definição de tempo como ciclo da repetição em oposição ao caos, configurando como o ilimitado, o movimento, a metamorfose, o que foge do modelo.

A concepção do cosmos como harmonia (cosmogonia) era, portanto, central à unidade de pensamento grego. O cosmos era considerado uma bola redonda, limitada, centrada, que circulava em torno do próprio eixo, gerando harmonia e o eterno retorno. A reincidência no mesmo era considerada a base do Modelo Ontológico do Bem, onde identidade e existência só se dariam na unidade e na permanência. Em oposição a essa existência estável e harmoniosa estava o Outro Ontológico que, com seu comprometimento com a (des)ordem do caos e do ilimitado, negava a “naturalidade” da imutabilidade do cosmos.

Século depois, a experiência cristã no ocidente medieval ordenou a construção de um novo Outro, especialmente interno à sociedade, investido principalmente na figura das feiticeiras e dos hereges, identificados como semelhantes a Satã e não a Deus, o que determinava a necessidade de seu banimento. Deus era tido como o super-supremo, pois remetia à origem, à essência, ao que há de melhor. O Diabo, por sua vez, era visto como a figura do caos, como o monstro que podia contaminar o corpo perfeito do homem através das leis do mundo: a ciência e o social. Mas a criação desse Outro interno não exclui a permanência do Outro externo, identificado essencialmente nos muçulmanos (orientais), tidos como anti-cristos.

É interessante notar as estratégias utilizadas pela Igreja para conformar a padronização dos comportamentos. Além da demonização da ciência e do social – que representam a iminência da mudança, do novo e, portanto, a negação da tradição – também foi essencial a fundação do medo (relacionado à ira divina contra o pecado dos cristãos) e da culpa (interiorizada pela crença de que Deus tudo vê, portanto, seu olhar está dentro de cada um). A instituição da confissão funcionou como principal mecanismo de controle do indivíduo, pois os pecados, maus pensamentos e falhas tinham de ser oralizados sistematicamente, gerando mais culpa, além de vergonha e arrependimento. Além disso, a inquisição ampliou o medo e o conseqüente desejo de afastamento em relação à diferença.

Na metade do século XIV, iniciaram-se as grandes rupturas na forma ocidental tradicional de pensar, quando Nicolau Copérnico abalou a crença na cosmogonia ao descobrir que o Sol, e não Terra, era o centro do universo. Em seguida, Giordano Bruno descobre que o universo é infinito e, dessa forma, descentrado. Essas descobertas, apesar de não terem sido aceitas pela Igreja senão depois de muitos anos, desarticularam sumariamente a idéia de que a Terra era o centro do universo e de que podia fazer movimentos circulares perfeitos, os

quais permitiam o eterno repouso. Assim, Deus não poderia mais estar no centro, que não existe, o que levou ao questionamento de sua onipresença. Assim, os indivíduos passam a sentir-se livres da presença culpabilizadora dele dentro de si.

Com a relativização da crença determinista de que o homem era totalmente guiado por Deus, foi instituído o livre-arbítrio como mecanismo de controle social disfarçado de sob a égide da liberdade individual. Com ele, "nunca mais as figuras do Outro serão totalmente externas pois estarão sempre mobilizadas ou mobilizando nossos próprios movimentos". A referência do medo e da culpa deixou de ser a ira divina e passou a ser a própria sociedade, vigilante em relação a qualquer demonstração de anormalidade. Para Nietzsche, o livre-arbítrio era sinônimo de mediocridade, de amadurecimento da vontade de potência, pois consistia num mecanismo destinado a levar o homem a ser o que ele deveria ser, culpabilizando-o por seus desejos e desvios.⁶

Seguindo o lento percurso em que as mudanças se davam nas sociedades pré-modernas, foi somente três séculos mais tarde que esses abalos convergiram com outros acontecimentos, dando origem à Era Moderna.

As sociedades da Europa ocidental passaram por uma série de transformações econômicas e políticas sem precedentes ao longo dos séculos XVII e XVIII, as quais culminaram com a Revolução Francesa e com a Revolução Industrial, configurando um novo mundo caracterizado pela industrialização, divisão de trabalho, urbanização, formação dos estados nacionais e o surgimento da democracia de massa.⁷ Somando-se a essas transformações emergiram novos valores, como a razão, a liberdade e a igualdade, constituindo o conjunto do projeto da Modernidade⁸, baseado na ruptura total com os fundamentos das sociedades tradicionais que o antecederam.

Como demonstra Anthony Giddens, "nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações(...)"⁹. Como o passado, o presente e o futuro eram vistos como continuidade, essa experiência habilitava totalmente os indivíduos a lidar com as práticas sociais recorrentes. A Modernidade inaugurou uma nova forma de lidar com o tempo. O passado não habilitava mais os indivíduos a lidar com suas práticas sociais, na medida em que todas as relações e referências estavam sendo questionadas e modificadas, como veremos a seguir.

Mesmo correndo o risco de extrema simplificação, mas respeitando uma forma binária modesta de se pensar, poderíamos compor dessa forma um retrato (talvez mesmo um daguerótipo) da modernidade em comparação às sociedades tradicionais: à hierarquia dessa últimas opõe-se o igualitarismo moderno; à tradição, a racionalidade; à religião, a ciência; ao constrangimento, a liberdade; e ao "holismo", o individualismo.

Essas oposições vêm na esteira de alguns movimentos¹⁰ que

marcaram o período: A Reforma e o Protestantismo tomaram a relação com Deus um ato direto e individual entre ele e o homem, libertando este da necessidade de mediação da Igreja. O Humanismo Renascentista colocou o Homem no centro do universo, no lugar antes ocupado por Deus. A ciência permitiu ao homem questionar muitas de suas práticas e ampliar suas possibilidades de intervir na Natureza. O Iluminismo promoveu a imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância e que poderia compreender e dominar sua história. A partir dessa concepção, religião, ciência, moral e arte passaram a constituir-se em campos autônomos de atuação (embora alguns deles continuem se combinando com certa frequência até hoje). Por último, poderíamos destacar a constituição do sujeito cartesiano, ou seja, daquele indivíduo que, poder racionar e pensar, existe.

Segundo Paulo Vaz¹¹, Kant marcou essa ruptura com a forma tradicional de pensar, ao dar início à forma histórica moderna de a filosofia pensar sobre si mesma e sobre o homem, destacando-se da perspectiva da eternidade e centrando-se na apreensão da singularidade do presente enquanto emergência da possibilidade de não ser mais o que ainda se é. O presente configura-se como o locus dos múltiplos futuros possíveis, pois "está sempre se abrindo para o não mais e o não ainda."

As ciências humanas surgiram nesse período como forma de pôr às claras o funcionamento de uma sociedade estranha a si própria, assim como de auxiliar os homens a administrar seu destino de forma a construir um futuro melhor. A fuga do determinismo histórico estava aliada à idéia de possível, ou seja, de que o futuro deixara de ser determinada pelo passado, configurando-se como possibilidade de que dependia do engajamento do indivíduo para ser efetivada. Nesse sentido, os intelectuais desempenharam papel fundamental na construção dos projetos utópicos, pois considerava-se que os homens comuns eram alienados e precisavam do apoio de agentes que lhes conscientizassem, que lhes mostrassem como poderia ser esse novo futuro. O projeto utópico característico era o que vislumbrava um futuro pleno de universalidade, de direito à igualdade e à liberdade, cuja referência emblemática é a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão¹².

A articulação entre o processo de racionalização, a abertura aos possíveis, a mudança da relação do homem com seu passado e com sua crença religiosa, fez surgir a figura do sujeito, do sujeito-da-razão. A separação entre cultura e natureza permitiu ao indivíduo reconhecer-se não mais apenas como um ser dentro da cadeia natural, mas como um sujeito racional entre objetos, capaz de conhecer a natureza e determinar um rumo para sua vida. Segundo Stuart Hall, "o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior (...) contínuo e idêntico (...) ao longo da existência do indivíduo." Esse centro era a sua identidade,

representada como contínua, idêntica, pertencendo exclusivamente ao indivíduo e, nesse sentido, constituindo-se em sua própria essência. Como decorrência dessa concepção, estruturaram-se as noções de indivisibilidade e de singularidade do sujeito.

A constituição do sujeito enquanto ente racional permitiu a responsabilização do mesmo por seus atos, o que não acontecia anteriormente, pois a consciência e a memória eram coletivas, não individuais. Sendo racional, o sujeito passou a ter condições de gerir o próprio comportamento e, por isso, poderia ser punido quando não respeitasse as normas sociais. É como se houvesse uma perda da ingenuidade que marcava o homem das sociedades tradicionais, pois destituiu-se de acaso e de inconseqüência qualquer ato ou comportamento seu.

Desse modo, a formação de uma identidade singular tornou-se a permanente busca do indivíduo moderno, no qual ele tentava aliar suas pulsões, crenças, restrições e expectativas sociais. O indivíduo parecia ser livre para embrenhar-se em processo de subjetivação que lhe permitissem construir uma identidade singular.

No entanto, a negativização da diversidade, associada à preponderância dos conceitos de universalidade e igualdade, transformou esse processo de subjetivação em busca de normalidade, da padronização como evidência de autocontrole e de elevação do espírito.

Esse processo de controle sobre a constituição da identidade passava, em grande medida, pelo sentimento de culpabilização permanente, construído a partir da vigilância hierárquica (exercida pela família e pelas instituições disciplinares), pelo panoptismo (que estimulava a disciplinarização a partir da interiorização do olhar do outro) e pela internalização das normas sociais (que gerava o medo da anormalidade, da transgressão)¹³. Segundo Fredric Jameson, quando disfarçada em noções sobre natureza humana, a norma tem sido o permanente instrumento cortante com o qual todos os anormais e marginais são extirpados e colocados à parte da ordem social, tida como eterna e natural.¹⁴

Ieda Tucherman demonstra, como base em Foucault, que foi sobre esse pano de fundo que as figuras do louco e do poeta foram construídas como os novos Outros, pois representavam um a transgressão perigosa, criadora e que, por isso, devia ser neutralizada. O louco figurava como aquele que não fazia diferença e, portanto, não produzia identidade e o poeta como aquele que desestabilizava as leis de linguagem ao construir rupturas nas mesmas. A negativização da diversidade que eles produziam transformou-se nos limites da liberdade do indivíduo moderno. A loucura transformou-se em alvo de políticas de saúde mental de teor reconhecidamente padronizador/normalizador e o poeta foi associado ao ócio, à vadiagem, com o mesmo intuito¹⁵. O pressuposto de que o homem era um ser racional tornava desviante qualquer comportamento não racional e, ao mesmo tempo, definia como

possível a recuperação pedagógica.

Todas essas transformações na forma do homem moderno de pensar, levaram a reinvenção do Ocidente. Dessa forma, o Outro passou a ser o antigo Ocidente, não voltando mais a ser algo totalmente marcado por um lugar exterior. O Outro passou a constituir-se em diferença marcada pela ação do tempo que habita o espaço do mesmo.

Em suma, dotado da consciência de sua historicidade e subjetividade, o homem moderno fez um enorme esforço para construir categorias que lhe permitiram se posicionar e atuar dentro de seu contexto. Para tanto, investiu no pensamento binário como forma de dar conta da complexidade de seu tempo, opondo ciência e religião, corpo e alma, corpo e psiquê, natureza e cultura, identidade e diversidade, sujeito e objeto, eu e outro, e classificando tudo o que não se encaixasse nesses padrões como anomalias e desvios que deveriam ser rigorosamente normalizados ou banidos.

O apagamento do sujeito

A modernidade tardia¹⁶ presenciou a emergência e a bancarrota dos regimes comunistas do Leste europeu, viu Einstein formular sua Teoria da Relatividade e acabar com muitas sólidas certezas, viu Freud criar a Psicanálise e conquistar seguidores em todo mundo, que se encarregaram de demonstrar a um seguro sujeito moderno o quanto ele poderia ser estranho a si próprio, viu entrar em crise o Iluminismo, as utopias, a ideologia e a história e viu nascer, há cerca de 20 anos, o debate sobre o seu próprio fim.

Para Stuart Hall¹⁷, cinco avanços na Teoria Social e nas Ciências Humanas, ocorridos a partir da segunda metade deste século, promoveram o deslocamento e o descentramento do sujeito moderno¹⁸. Em primeiro lugar, coloca as releituras feitas na década de 70 sobre o pensamento marxista – que dão conta da ideia de que não há possibilidade do indivíduo agenciar a história fora das condições sociais que lhe são dadas –, as quais destituíram o sujeito de sua essencialidade e de sua singularidade. Em segundo lugar, aponta a descoberta do inconsciente por Freud, que deslocou a Razão de seu lugar central na constituição da identidade, da sexualidade e dos desejos, assim como abala a crença na unidade identitária na medida em que passou a demonstrá-la enquanto processo sempre incompleto, em permanente transformação. O terceiro descentramento demonstrado pelo autor foi promovido pela obra de Ferdinand Saussure, no momento em que este evidenciou que o sujeito deixa-se falar pela língua, e não o contrário, anunciado o relativismo do significado daquilo que comunicamos e nosso inextricável pertencimento a um sistema insignificante sobre o qual temos pouco poder, o quarto avanço é representado por Michel Foucault, pelo desvelamento do poder que as sociedades disciplinares exerceram sobre os indivíduos, regulando seus modos de viver, de ter prazer, de trabalhar, de cuidar da saúde, através de

técnicas de isolamento, vigilância e individualização. O último descentramento do sujeito moderno ocorreu quando eclodiram os movimentos feministas durante os anos 70, dando origem à politização da subjetividade, à contestação das identidades sexuais e de gênero, à diferença sexual, ao questionamento das formas de vida social instituídas.

Essas mudanças radicais promoveram – e ainda o estão fazendo – uma “fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”¹⁹. Assim o fim da Modernidade é anunciado num momento histórico, político, social e tecnológico em que se percebe a inadequação das categorias referenciais nela cunhadas, rígidas e inteiras demais para dar conta de um modo progressivamente complexo e em permanente mutação.

Segundo Paulo Vaz, a Atualidade marca uma nova forma histórica de pensar, onde percebe-se o enfraquecimento das fronteiras entre o humano e o inumano – e, portanto, da distinção ontológica – assim como uma atitude ambígua perante o futuro, pontuada pela intervenção cada vez maior da ciência sobre a sociedade, a qual pode estar gerando uma nova hominização representada na capacidade de “alterarmos o que em nós é natural”²⁰.

A ciência e a tecnologia proliferam os possíveis com tanta rapidez que as demandas por mudanças, pelo novo, sequer têm tempo de configurar-se. A transformação no futuro torna-se algo não desejado, mas inevitável, irrevogável, imprevisível e sempre-ainda-não-desejado, gerando ansiedade e insegurança por não sabermos o que podemos vir a ser.²¹ E essa mudança não está mais expressa somente em filmes de ficção científica, está muito próxima de cada um de nós, nos mais variados campos, como a medicina, a estética, a informática e sua realidade virtual, etc.

Desde que possua dinheiro, ninguém mais é obrigado a conviver com o que não gosta em seu corpo, pois existe um nil infinito de técnicas ao seu dispor que podem resolver qualquer ausência, qualquer excesso. Desde que possua dinheiro, ninguém mais é obrigado a se submeter à expectativa temerosa que cerca o nascimento de uma criança: agora pode-se construir a combinação genética mais adequada a seu desejo, praticamente excluindo o perigo de malformações e deficiências. Desde que possua dinheiro, uma garota que nasça com problemas que levem à amputação de parte de suas pernas não precisa ficar relegada à situação de deficiente, ao contrário, pode se tornar modelo e atleta. Desde que possua dinheiro, ninguém precisa permanecer dono de um corpo inadequado à sua opção sexual.²²

Dessa hibridação entre máquina e organismo, na qual todos estamos incluídos em maior ou menor escala, surge os que muitos autores têm definido como cyborgs.²³ Para D. Haraway, o cyborg ultrapassa o grau da unidade original, da identificação com a

natureza no pensamento ocidental, pois esfacela as fronteira entre humano e animal, entre animal-humano e máquina, entre físico e não-físico.²⁴ Essa passagem parece se dar a partir do entendimento de que “objetos, espaços ou corpos não são sagrados por si sós; qualquer componente pode ser adaptado/interconectado com qualquer outro, pois o próprio padrão, o próprio código pode ser construído pelo processamento de sinais numa linguagem comum.”²⁵

Com isso, a inteireza moderna das categorias de humano, de corpo, de sujeito e de identidade vêm-se profundamente abaladas por uma lógica de identidades sempre parciais e mutantes. Como demonstra Hall, “o sujeito não possui mais uma identidade fixa, essencial ou permanente”²⁶, ao contrário, envolve-se em um processo de permanente plasticidade que lhe permite assumir identidades diferentes em momentos diferentes, as quais não precisam apresentar qualquer coerência entre si. Para o autor, a sensação de unidade do indivíduo é dada pela construção de uma “narrativa do eu” que permite costurar as diferentes identificações que vão se somando e se substituindo.

Essa multiplicidade de posições assumidas pelo sujeito da Atualidade pode ser associada a categorias cunhadas por outros autores para tentar demonstrar esse movimento na direção de individualizações cada vez maiores na contemporaneidade. Fredric Jameson²⁷, por exemplo, utiliza o exemplo da arquitetura baseada em blocos para demonstrar as possibilidades de incorporação, acoplamento, sobreposição, combinação e mobilidade de identificações verificável nesse novo “sujeito individual descentrado”. Gilles Deleuze²⁸ apresenta a figura dos “divíduos” para dar conta desse processo e Gilles Lipovetsky²⁹ fala em indivíduos “multidimensionais”. A essa galeria de definições pode-se acrescentar a noção de Michel Foucault³⁰ de “sujeito coletivo ou trans-individual”, ou seja, que não é absoluto, que é fruto dos infinitos intercruzamentos que se procedem socialmente.

Diante do fim daquele sujeito absoluto constituído a partir do pensamento moderno, Põe-se dizer que um dos principais valores de nossa época poderia ser a solidariedade³¹ em relação à diversidade, na medida em que esta não representaria mais o Outro, o diferente, mas o que há em todos nós. Apesar de serem perceptíveis algumas movimentações no sentido da construção de uma solidariedade social, parece-me que o sentimento mais presente na atualidade é o de tolerância, o qual tem um limite bem definido do que pode ser aceitável: aquele que representa a passagem do diverso à ordem do que não é saudável.

Em outras palavras, o ser diverso só é respeitado se ele não ultrapassar o limite que o transforma em viciado, portador ou endividado, principais figuras do mal na atualidade, pois representam a ruptura com outros valores preponderantes: a saúde, o bem-estar, o autocontrole e a bela juventude. Esses seres são marginalizados por não terem sabido controlar o risco do que lhes dava prazer³², impedindo o prolongamento da vida. Jameson identifica esse

movimento como a origem de um novo tipo de auto-restrição, de disciplinarização dos desejos e impulsos¹.

Em posição paralela e oposta a essa tendência mais liberal, que ele denomina liberal-experimental-pragmática, Gilles Lipovetsky detecta a existência de outra, proibicionista e ultra-repressiva, que deseja restabelecer a ordem. Jameson² também identifica essa tensão e coloca essa segunda tendência em termos de um neo-confucionismo, representado pelo desejo de ordem e submissão a práticas de obediência, levando em conta o conceito de natureza humana como algo pecaminoso e agressivo que deve ser mantido sob controle.

O comportamento do homem na atualidade passa necessariamente por essa tensão de forças, cujo resultado futuro pode representar um recrudescimento moralista, num oposto, e noutro a relativização de barreiras, a construção de uma ética (ou de várias éticas) que dê conta do social em sua diversidade, sem encarcerá-la ou subsumi-la.

Mas sobram algumas questões: se todos somos diversos, se todos incorporamos os outros que de nós diferem, poderíamos então falar em um enfraquecimento da alteridade? Se todos somos tão múltiplos, então o Outro seria a figura do sempre-mesmo? Se as figuras antes investidas dessa propriedade de serem totalmente outros e sempre iguais – como Deus e os fundamentos islâmicos – se mostraram tão modificáveis quanto nós, ocidentais, quem sobra para ser nosso Outro contemporâneo?

A respeito dessas questões parece interessante resgatar um artigo produzido por Ieda Tucherman a respeito do percurso dos monstros como Outros da sociedade ocidental. Nele, a autora fala sobre uma certa banalização dos monstros na Atualidade e pensa, com certo receio, se essa diminuição do terror que em nós eles causam poderia estar associada a uma diluição da imagem do que seria o Mesmo para nós. No entanto, pode-se perguntar: será que individualmente temos consciência de nossa hibridação ou será que só a reconhecemos no corpo de outros mesmos? Será que não vemos como cyborg somente a moça que usa pernas mecânicas e que consegue correr como alguns dos melhores atletas e, que – talvez isso seja importante – não tem vergonha de exibir sua “hibridação”?³

Em princípio, parece-me – e aqui estou resgatando os questionamentos que coloquei anteriormente – que os indivíduos ainda não desenvolveram o entendimento de que são, eles próprios, múltiplos/híbridos; ainda não perderam a noção de inteireza de seu corpo e de seu comportamento, pois a costura processada pela dita “narrativa do eu” parece estar bem arrumada, permitindo que o indivíduo se veja como sendo sempre ele mesmo a fazer as coisas, com a diferença de ele se dá “ao direito” de ser mais móvel, mais múltiplo, mas sem perder a referência de seu Mesmo.

Por outro lado, mesmo que tenham tomado consciência de sua hibridação, os indivíduos dificilmente darão conta de assimilar para si

a diversidade em sua totalidade, portanto, parece possível deduzir que eles sempre poderão confrontar-se com múltiplos-diversos e vê-los como diferentes, mesmo que estes compartilhem a mesma lógica sua de serem múltiplos e diversos. Nesse caso, os Outros parecem não ter fim enquanto referenciais para a constituição do Mesmo.

Exemplo um tanto frágil, mas que pode dar conta de demonstrar como essa lógica poderia estar operando atualmente é a forma de identificação adotada entre os grupos juvenis. Uma jovem “bad girl” (que se anuncia como punk pós-feminista) vê uma jovem “patricinha” como o conjunto de tudo o que ela despreza, como figura diametralmente oposta ao que ela deseja ser. Embora pertençam à mesma faixa etária, vivam em uma mesma região urbana, freqüentem a mesma escola, identifiquem-se como absolutamente diferentes, como outras. No entanto, um observador desavisado pode não conseguir diferenciá-las com a mesma ênfase com que elas se anunciam como figuras opostas. Isso talvez seja um indicio de como o Outro poderia estar transformando numa figura associada progressivamente a grupos e não à sociedade como um todo. Nesse caso, veríamos talvez não a fragilização da alteridade, mas a multiplicação de Outros.

O que talvez não seja mais possível na atualidade é a figura do Outro total – assim como não é mais possível a do Sujeito Total –, aquele que de nós difere completamente, pois toda a humanidade parece perpassada por processos de multiplicidade. Como coloca Alain Badiou: o Um não o é, não há Todo-Outro; o que há é a alteridade infinita, forma geral do ser múltiplo.⁶ Somos, então, iguais em nossas diferenciações.

Notas

1 TUCHERMAN, Ieda. *A construção dos monstros e a questão das raças fabulosas*. Trabalho apresentado pela autora da 7ª Compós, realizada em junho de 1998 em São Paulo.

2 Cf. HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 1997, p. 41.

3 BADIOU, Alain. *Ética, um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995, p. 30.

4 Cf. TUCHERMAN, Ieda. *O percurso do outro*. Conferência proferida pela autora na Universidade Nova Lisboa em 23/04/1997.

5 TUCHERMAN, Ieda. *O percurso do outro*. Apostila de conferência proferida na Universidade Nova de Lisboa em 23/04/1997, p. 13.

6 NIETZSCHE, F. A genealogia da moral apud VAZ, Paulo. *O corpo propriedade*. Trabalho apresentado pelo autor na 6ª Compós, realizada em junho de 1997 em São Leopoldo/RS, p. 3.

7 Cf. ETIENNE, Jean. *La modernité: une tradition sociologique*. In Sciences Humaines, Paris, n° 73, junho/97, p. 14.

8 Bruno Latour, em *Jamais fomos modernos*, formula a hipótese de que jamais temos sido modernos, na medida em que as práticas de tradução (criação de híbridos de natureza e cultura, através da mistura entre gêneros de seres completamente novos)

e purificação (criação de duas zonas ontológicas distintas: a dos humanos e a dos não-humanos) nunca tiveram realmente separadas na modernidade, contrariando um pressuposto básico do pensamento desse período.

9 GIDDENS, Anthony. Apud HALL, Stuart. Op. cit., p.15.

10 Cf. HALL, Stuart. Op. cit. P.28-31

11 Vaz, Paulo. **A história: da experiência de determinação à abertura tecnológica.** Apostila, p.134/135.

12 Esse desenho do universal no futuro parece estar muito vinculado a um modo cristão de experimentar o tempo, em que o futuro representa a promessa de paz e harmonia - o paraíso - em nome da qual engaja-se todo o trabalho do presente. A perspectiva vindoura de gratificação justifica a mortificação no presente.

13 Cf. VAZ, Paulo. **Corpo-propriedade** (op.cit.). Ao texto foram acrescentadas algumas anotações de aulas proferidas pelo autor em 1997.

14 JAMESON, Fredric. **As sementes do tempo.** São Paulo: Ática, 1997, p.47.

15 Essa questão pode ser melhor discutida se resgatarmos algumas reflexões presentes na obra *O crepúsculo do dever*, de Gilles Lipovetsky (Lisboa, Dom Quixote, 1991), especialmente o capítulo 3, onde o autor demonstra o culto moderno em relação aos deveres da moral individual, que incluía cuidados com o corpo e o espírito. Para ser feliz e livre, o homem tinha de se livrar de todo comportamento que indicasse fraqueza, falta de domínio, pois o "alcoólatismo arruína a saúde, a imprevidência conduz a servidão material, a ociosidade dá lugar ao tédio, à miséria e aos vícios." (p.96)

16 Stuart Hall (op. cit.) usa essa expressão para definir uma forma de modernidade verificável na primeira metade do século XX.

17 Idem, *ibidem*, p.28-31.

18 Essa transformação foi tão radical que levou Michel Foucault a anunciar a morte do sujeito, no que foi mal-interpretado por muitos teóricos da época.

19 HALL, Stuart. Op. cit., p.9.

20 Op. Cit., p.130/131. Para uma discussão mais pormenorizada sobre a constituição de uma nova humanidade. Cf. LEVY, Pierre. **L. Intelligence colective** (Paris, La Découvert, 1994), onde o autor define esse fenômeno a partir da verificação de um nomadismo contemporâneo caracterizado pela tentativa do homem acompanhar o próprio devir humano.

21 Cf. VAZ, Paulo. **O corpo-propriedade.** Op. cit.

22 Cabe aqui retornar a obra já citada de Gilles Lipovetsky para evidenciar a passagem do moralismo individual para que o autor denomina neo-individualismo, no qual "os mandamentos irrefragáveis dos deveres de cada um para consigo próprio são desqualificados, nenhum fim ideal ultrapassa o direito de as pessoas disporem de sua própria vida, de sua própria morte" (p.103). Assim, a cultura da obrigação moral deu lugar à da gestão integral de si próprio, o que parece bem caracterizar essa autonomia de intervenção no que antes era considerado natural e irrevogável no corpo. As decisões são balizadas pela subjetividade e não pela expectativa de aprovação social.

23 Cf. HARAWAY, Donna. A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late 20th century. In *Simians, Cyborgs and women*. New York, Routledge, 1991, p.149.

24 Idem, *ibidem*, p.151.

25 Idem, *ibidem*, p.162.

26 HALL, Stuart. Op. Cit., p.13.

27 JAMESON, Fredric. Op. Cit., p.51.

28 DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações.** Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992, p.222.

29 LIPOVETSKY, Gilles. Op. Cit., p.145.

30 FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa, Passagens, 1992, p.74.

31 Utilizei este termo em substituição ao de tolerância, considerado uma observação feita por Fredric Jameson em **As sementes do tempo** (op.cit. no sentido de que esse termo - tolerância - está associado a uma consciência paternalista, sendo, portanto, inadequado para designar a convivência entre diversos. (p.77) O próprio autor propõe que a saída mais interessante seja via "solidariedade social" (p.56)

32 Cf. VAZ, Paulo. **Corpo propriedade.** Op. Cit.

33 JAMESON, Fredric. Op. Cit. p.59.

34 Idem *ibidem*, p.60.

35 Esse tipo de questão leva necessariamente a outra, formulada por Ieda Tucherman no artigo **A construção dos monstros e das raças fabulosas** (op.cit. p. "até que ponto e qual o limite onde podemos levar os artificiais e as intervenções sem prejudicar a imagem humana "natural"?

36 BADIOU, Alain. Op. cit., p.34.

Bibliografia

- BADIOU, A. **Ética, um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995
- DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações.** Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.
- ETIENNE, J. La modernité: une tradition sociologique. **Sciences Humaines**, n° 73, junho/97.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997
- HARAWAY, D. A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late 20th century. In: **Simians, Cyborgs and women**. New York: Routledge, 1991.
- JAMESON, F. **As sementes do tempo.** São Paulo: Ática, 1997.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos.** Rio de Janeiro: 34 letras, 1994.
- LEVY, P. L. **Intelligence colective.** Paris: La Découvert, 1994.
- TUCHERMAN, I. A construção dos monstros e a questão das raças fabulosas. **7º Compós.** junho de 1998, São Paulo.
- _____. O percurso do outro. **Apostila de conferência proferida na Universidade Nova de Lisboa em 23 de abril de 1997.**
- VAZ, P. **A história: da experiência de determinação à abertura tecnológica.** Apostila.
- _____. **O corpo propriedade.** **6º Compós.** junho de 1997, São Leopoldo.

CULTURA E MODERNIDADE - MUNDO

*Luciana Flores Battistella**

Esse artigo visa percorrer as mudanças culturais que atingiram a sociedade, as empresas, através de uma abordagem histórica, e delinear perspectivas sobre uma nova sociedade diante dos avanços da globalização.

Pretende-se desenvolver a questão da identidade cultural e suas diferenças, buscando analisar a cartografia possível do outro da empresa e de como uma empresa sem uma visão "aberta" pode perceber numa sociedade de controle. Demonstrando como o outro da empresa pode afetar, significativamente, seus rumos e diante dessa leitura poder evidenciar a comunicação mercadológica como ponto de apoio fundamental para qualquer empresa que queira se manter em tempos competitivos.

É, também, abordada a questão do novo, que altera de maneira indelével as situações do cotidiano e cria urgência para que as empresas procurem, de maneira constante e veemente, adaptarem-se, sob risco de se tornarem obsoletas.

Para fins específicos desse estudo, a palavra "outro" é considerada como sinônimo de concorrentes, e conceitua-se o novo como sendo as novas situações enfrentadas pelos empresários diante dos concorrentes, da adoção de novas formas de comunicação mercadológica e das novidades em termos de apresentação física da empresa para seus consumidores.

As empresas evoluíram, no decorrer dos anos, buscando acompanhar a sociedade. Essa evolução implica em mudanças na cultura organizacional estabelecida através de novas formas gerenciais. As mudanças, na sociedade, ocorrem com velocidade

* Professora do Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Santa Maria e Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRR (projeto do MINTER com a UFESM, 1999), atualmente doutoranda na Universidade Federal de Santa Catarina.

hipersônica, de tal ordem que os empresários não podem, por conformismo, não acompanhar a leitura da História.

As empresas, de maneira geral, vêm procurando se adaptar à evolução cultural, porém algumas são mais sensíveis ao apelo da sociedade que outras. É fundamental que os empresários despertem para essa preocupação e que suas transformações, tanto na estratégia de comunicação mercadológica como em outros setores, evidenciem os interesses da sociedade.

Passado

Historicamente, o outro foi inventado a partir dos gregos (que seriam, supostamente, o bem). Esses viram, no Oriente, seu outro (seu mal mais próximo) e, portanto, grande inimigo para sua afirmação e expansão. É notável como essa divisão polarizadora se impõe a ponto de ser considerado como algo natural e não uma parte da História. Alain Badiou² analisa um aspecto muito interessante dessa dicotomia, bem e mal, demonstrando que, primeiro, define-se o que é mal (ou quem é mal) e depois, então, instala-se um lugar de resistência, ou seja, aqui habita o bem. Certamente, essa hipótese deveria ser trabalhada de maneira invertida: primeiramente, deveria-se abrir as possibilidades para o "tudo posso" ser e não começar definindo o que "não posso". Entretanto, a divisão tradicional está fortemente arraigada ao ser das pessoas, que, dificilmente, experimentaríamos trocar ou inverter, nem que seja momentaneamente, a crença estabelecida por séculos e, sucessivamente, transmitida de geração a geração.

Por muitos anos, o homem esteve preso a uma sociedade monárquica, feudal e agrária. Com a queda dos feudos, propiciada pela industrialização e pelo aparecimento das cidades, o conceito de nação, forjado no séc. XVIII, a partir de um instrumental teórico com a classe, indivíduos e Estado, foram um dos passos mais importantes para a mundialização da cultura.

Nesse processo de mundialização da cultura, as religiões são de suma importância, quando se faz qualquer abordagem histórica. Pois as religiões se dirigiam às consciências individuais, procurando aliviar o homem, pelo menos idealmente, do fardo da contingência histórica. Segundo Ortiz³:

[...] as religiões não se contentavam com as restrições impostas pelos povos que as criaram, elas transbordavam as fronteiras dos povos, expandindo-se para além dos seus locais de origem - movimento de expansão. Valores, crenças e costumes, a religião se espraiava por um espaço extenso, congregando grupos distintos. Uma forma inicial de mundialização, pois as religiões tinham compulsão pelo Universalismo (princípio da universalidade).

Elas adotavam um fluxo, um movimento de contenção do outro. Um exemplo claro desse movimento é o da Igreja Católica, ao recrudescer o seu credo, catequizando índios quando da colonização.

É interessante observar-se que Ocidente e Oriente realizavam intercâmbios, tanto comerciais quanto intelectuais. Porém, essas culturas giravam em órbitas diferentes. Cada uma possuía seu próprio centro, podendo, até mesmo, integrar elementos que vinham de fora, desde que adaptados à sua rotação. Para ilustrar a autonomia dessas culturas, Ortiz⁴ retoma o conceito de economia-mundo, cunhado por Braudel⁵:

[...] uma economia - mundo evoluiria no interior de um círculo de trocas envolvendo uma área geográfica delimitada. Ela conteria um centro a partir do qual se articularia, estendendo-se até os limites de sua influência. A história dos homens pode então ser contada como uma sucessão de economia-mundo que se interpenetram e se excluem, buscando fixar ou extrapolar suas presenças. Analogamente, a difusão cultural se fazia levando em consideração os círculos concêntricos que a determinavam.

Mas, em que momento estas economias, independentes entre si, tornou-se uma só? Para alguns autores, seria no desenvolvimento do Capitalismo, no século XV e XVIII, pois esse é o momento de sua expansão. Porém, sabe-se que, até o final do século XVIII, mesmo diante do surgimento de uma economia internacionalizada, persistiam economias-mundo solidamente organizadas na China, Japão e Islão. A rigor, até meados do século XIX, a fraqueza dos laços econômicos, a falta de relações diplomáticas e as distâncias impediam a emergência de um mundo singular.

Ao descrever a relação existente entre Inglaterra - China, Ortiz demonstra, de maneira evidente, o choque de culturas. A China, em 1793, era auto-suficiente e a Inglaterra, por sua vez, queria vender (quebrar barreiras protecionistas) ampliando, assim, seu mercado internacional. Porém, chocam-se com uma incompreensão total. Para o Estado chinês, o comércio não era uma simples transação econômica:

[...] ele se integra a toda uma filosofia. A China Imperial é um mundo no qual o tempo é celestial, o horóscopo rege a vida dos homens. O céu é redondo, e a terra, mais vasta do que ele, seria quadrada. Pequim era o ponto para qual convergiam todas as direções. Em contrapartida, os cantos do quadrado da terra, habitados por bárbaros, não eram cobertos pelo

céu. O mapa-mundi era concebido como uma sucessão de círculos concêntricos.

A China, entre os anos de 1405 a 1433, era possuidora da maior e mais sofisticada frota naval, só comparável com uma esquadra da Primeira Guerra Mundial (1914). Apesar de todo poderio naval, não se preocupava em colonizar ou escravizar outras nações que visitava, apenas distribuía presentes e queria ser reconhecida como centro do mundo.

Dentro desse quadro é impossível pretender relações igualitárias entre Estados. Todo o presente oferecido pelos ingleses, uma artimanha para tentar seduzir o poder local, era visto como tributo ao imperador chinês. Ou seja, os bárbaros são vassallos do imperador e a ele, por reconhecimento, prestam as devidas homenagens, enquanto, o livre comércio é entendido como privilégio concedido pelo imperador aos bárbaros que vêm do longe. Os chineses eram fiéis ao ensinamento de Confúcio (551-479a.C.) que, por sua vez, era avesso a estrangeiros e a comerciantes.

A história mostra que, no Japão, ocorreu algo semelhante. Durante muitos anos, o Estado adotou a política de auto-exclusão. Durante a Era de Tokugawa eram proscritos as religiões exógenas e o comércio com o exterior. Na China, que se considerava o império celestial, o centro de tudo, a idéia de uma política de isolamento, era, em si, inconcebível. Já os japoneses sabiam que existiam outros povos mais poderosos do que eles, por isso decidiam pela retração de "seu" mundo. Isso demonstra um real medo da cultura do outro, a qual, talvez, não pudessem dominar e que, portanto, por ela seriam vencidos. Nesse momento, é interessante articular o seguinte pensamento: assim como ontem, na China, hoje, os franceses acreditam ser superiores, culturalmente, a outros povos e se imaginam inabaláveis. Para tanto, permitiram a entrada, em seu país, de outros povos (culturalmente mais "atrasados"), pois, afinal, deveriam eles apreender com os melhores. Hoje, os franceses sofrem com o processo de aculturação, vindo de vários pontos do planeta, e tentam, de maneira desesperada, salvarem-se do contágio cultural.

Para entender melhor a mundialização, é necessário destacar-se o conceito de nação. Posto esse conceito à luz da história, ver-se-á que a forja, que marcou o início das nações, não é algo antagônico a da globalização. A controvérsia sobre o fim do Estado-nação gira em torno deste pressuposto: antagonismo entre o global e o nacional.

O conceito moderno de nação surge como rito de passagem da sociedade agrária para uma sociedade industrial, pois representa uma estrutura social que substituiu uma outra anterior. Dentre as características marcantes, na sociedade agrária, pode-se citar: a classe dirigente é formada por uma minoria da população, sendo que esses se encontram separados da grande maioria de produtores agrícolas, camponeses; e uma sociedade que procura mais a diferenciação do que a homogeneidade cultural, pois quanto mais

diferenciados os diversos estratos sociais, em todos os tipos de detalhes, menor será a fricção e a ambigüidade entre eles. Já com o advento da revolução industrial reverte, consideravelmente, o quadro acima, pois suas características propulsoras determinam: a divisão do trabalho e a pluralidade funcional dos papéis requerem de seus membros uma maior mobilidade, capacidade de se adaptar às diferentes ocupações que possam exercer; e as rígidas fronteiras estamentais cedem lugar a uma sociedade que, estruturalmente, deve contemplar a mobilidade das relações sociais.

Convém distinguir os conceitos de nação e de Estado; esse último pode ser entendido enquanto máquina político-administrativa, instituição que detém o monopólio da violência sobre um determinado território. A grande novidade está na nação como sendo um espaço integrado a um poder central, como diria Mauss⁵, articulando uma "unidade mental e cultural" de seus habitantes. Nesse caso, não é a violência ou a coerção administrativa do poder que importa, mas a existência de um ideal comum, partilhado por todos. Segundo Ortiz: "[...] o princípio da cidadania inaugurado pelas revoluções políticas é certamente importante para isso, mas para que os povos se identificassem com o destino nacional seria preciso muito mais, seria necessário uma consciência coletiva".

Símbolos são criados e é adotada apenas uma língua oficial para a nação que estava sendo forjada. No processo de formação da nacionalidade, a escola, a imprensa, os meios de transporte desempenham um papel fundamental. Assim, surgiu um sistema moderno de comunicação, pois, antes de sua existência, os países eram elementos desconectados entre si, uma região não falava com a outra e, dificilmente, fazia-o com sua própria capital. A rede comunicativa (estradas de ferro, telégrafo, transportes, jornais, etc.) irá, pela primeira vez, articular esse emaranhado de pontos, interligando-os entre si.

Buscando fontes históricas, pode-se dizer que o processo de globalização, que se impõe a modernidade, já trilhou caminhos semelhantes ao forjar, nos povos agrários, o conceito de nação. É evidente que os meios são distintos, visto que hoje a automação é parte de nossas vidas, mas ambos caminhos buscaram, de uma certa forma, a desterritorialização dos valores secularizados.

As empresas pertencentes a esta época sentiram o mesmo impacto que a globalização provoca hoje em suas conterrâneas. Empresas que, até bem pouco tempo, detinham valor, passaram a nada valer; os empregos que existiam até então, passaram a não mais existir em função do imperativo da modernidade. Cada um, na sua época, registra as transformações, assim como para Machado de Assis, "O Burro caiu"⁶, para Virílio, "O Concorde apagou o Atlântico"⁷ e hoje dá-se adeus às máquinas de datilografar, folhas matrizes, folha carbono. As palavras, de Machado de Assis e Virílio, demonstram um certo ressentimento contra o novo e a estranheza que ele traz, pois, em muitos de nós, impera um sentimento único de estar atrasado, não em relação ao futuro, mas ao nosso próprio

presente. Do mesmo modo, os empresários viram-se impregnados de modernidade, sendo que, às vezes, até não a desejavam.

Interessante observar a problemática da transmissão cultural para compreender o processo das influências mútuas. A tradição de uma determinada cultura opera, essencialmente, em termos de tempo, isto é, os conteúdos culturais, valores de gerações passadas, são retransmitidos por várias gerações através do tempo. Quando falamos em difusão cultural, essa se opera em termos de espaço; aqui os valores de uma determinada cultura, que, obviamente, são valores tradicionais, são passados de uma cultura para outra.

Esses dois problemas, o da transmissão cultural e o da difusão cultural perpassam às empresas, pois uma empresa não apenas vive em uma determinada cultura como também possui sua própria cultura, a cultura organizacional. Qualquer empresa, ciente disso ou não, possui sua própria cultura organizacional. Essa está alicerçada no conjunto de valores, crenças, atitudes e normas compartilhadas, que moldam o comportamento e as expectativas de cada membro da empresa.

A cultura organizacional é um processo no qual entram diversas variáveis. Dentre essas, a variável fundador é primordial de se focalizar, pois ela detém o poder, no processo de formação cultural da organização, em seu período formativo, bem como seus respectivos sucessores que, com o tempo, introduzem alterações na cultura empresarial. O molde inicial da cultura de uma empresa é baseado no fundador dela. Essa afirmação é referendada por Bertero, segundo o qual: "as atitudes do fundador, comportamento, sua visão do mundo, da natureza humana e do próprio negócio, acabam por ir moldando a organização..."¹⁰ O poder do fundador, nos primórdios da empresa, é ilimitado. Ele determina quem irá recrutar, determina as punições internas, promove ou rebaixa, segundo seus valores.

Na maioria das empresas familiares, a transmissão cultural ocorre sem que se pense e pese as implicações da necessidade de mudanças. O problema da transmissão cultural fica ainda mais visível quando o assunto é sucessão (seja do fundador ou do dirigente em questão). Nesse rito de passagem, o choque cultural adquire maior visibilidade. O fundador desempenha um papel fundamental, pois "ao mesmo tempo em que detém a concepção global sobre o projeto da organização, tem o poder para estruturá-la, desenvolvê-la e tecer elementos simbólicos consistentes com esta visão".¹¹

Historicamente, o poder centrado na figura do fundador era o único existente, nas empresas, até o período de pressões e constrangimentos externos, advindos de sindicatos, mercado, governo e comunidade. Hoje, o poder centrado no fundador ocorre quando a empresa é pequena, não existindo possibilidades de sua profissionalização. Mas os tempos são outros e por isso as dimensões e pressões do poder não partem mais apenas do fundador ou de quem está no comando.

Visto o nosso passado mais recente e seus preâmbulos resta-

se agora partir para uma análise do momento atual, referenciando-se o que foi dito acima.

Presente

Como "toda cultura define a si mesma e escolhe seu modelo, mas, sobretudo elege seu outro ou outros",¹² analogamente, pode-se trabalhar a cultura empresarial, afirmando que toda e qualquer empresa tem seu modelo, seu protótipo e almeja seguir as mesmas trilhas (mas, com certeza, estas trilhas já não estão mais ali), da mesma forma que elegem seus outros.

Até o momento, o outro foi considerado como algo vindo de fora da empresa, caracterizado como a cultura da sociedade e os concorrentes. Mas, pode-se evidenciar a existência de vários outros e esses estão mais próximos do que a empresa imagina, são eles os elementos do sistema central de marketing ou microambiente. Fazem parte, desse sistema, os fornecedores da empresa, seus concorrentes, intermediários (agentes financeiros, publicitários e outros), clientes e, como não poderia deixar de ser, a própria empresa e sua cultura organizacional.

Difícil de acreditar que alguma empresa pense no cliente como outro (um mal necessário), mas, por muito tempo, os clientes foram vistos como outro pela empresa e, para algumas empresas, ainda o é. Na primeira parte do artigo, enfocaram-se as diferenças culturais de Japão e China e como elas se chocavam com a cultura Ocidental. Isso serviu como um preâmbulo para o correlacionamento que se vai agora apresentar. A sociedade japonesa era organizada em classes, de acordo com a visão confuciana da produtividade, onde no topo da escala encontravam-se os nobres e os guerreiros; abaixo deles os agricultores e artesãos; e na parte inferior da escala, os comerciantes, já que seguindo os valores confucianos, o comércio era improdutivo. Os indivíduos, colocados na parte inferior da pirâmide social, deveriam expressar sua deferência para com aqueles que se situavam acima. Então, nessa sociedade pode-se dizer que o cliente era o rei. Enquanto isso, no Brasil, ser comerciante era um privilégio outorgado pelo Rei. Durante o período colonial, pelo fato de ser proibida qualquer manufatura, na colônia, e de o comércio ser realizado, exclusivamente, através de Portugal, os produtos tinham de ser importados diretamente do Reino, fazendo com que o vendedor, e não o comprador, fosse o rei. E os clientes? Bem, de acordo com essa visão, esses, com certeza, nunca seriam reis. Esse fato passado marcou a cultura brasileira e influenciou as posturas empresariais dos brasileiros.

Todo o processo de identificação do outro só é possível pela comunicação. Através dela, é possível criar a divisão mesmo e outro (bem e mal), pois a comunicação põe em comum traços culturais que, inicialmente, eram diferenciados, mas que tenta-se atenuar para formar o mesmo. Uma proximidade que visa dar sustentação e recrudescer o movimento para igualdade, onde os fracos num processo de

convergência tentam se firmar, muitas vezes amparados em protecionismo.

Uma empresa não é detentora de um modelo único, pronto e bem acabado que possa ser aplicado nas mais vastas circunstâncias e locais. Ela se inscreve na trajetória cultural do povo que se insere. A cada modelo adotado, indiferente a que política ele se refina, o que está em jogo é, a priori, o modelo cultural local, no qual a empresa vai imergir. Esse é um "olhar para fora" da empresa, é uma herança da teoria contingencial na administração. Por muito tempo, empresas estiveram presas, arraigadas a uma visão tradicional, apenas preocupavam-se com o que era visível no seu interior. Pode-se constatar esse fato ao dar-se um passeio pelas teorias anteriores a contingencial. Somente nela "é que ocorre o deslocamento da visualização de dentro para fora da organização", segundo Chiavenato¹¹. As empresas, depois da teoria da contingência, também não se encontraram mais no centro, dominando suas próprias variáveis internas. Com essa liberdade, as empresas passam a encarar novos horizontes, a procurar novos modelos, que contemplem toda sociedade e, necessariamente, a sociedade na qual estão enraizadas.

As empresas, por si só, jamais determinaram ou determinarão o comportamento da sociedade e da cultura. Porém, é inegável que elas modificam comportamentos através de sua presença e de seus produtos. Ora, não se imagina cultura como algo estático. É função da cultura estar em permanente adaptação com o meio ambiente. O conceito de cultura não a coloca imóvel, intocável e sim, possibilitando o novo. Mas não o novo pelo novo, mas porque se torna necessário, pela diferença do estado evolutivo que ele representa.

Aos poucos, tornou-se possível criar uma consciência societal nas empresas. Essa objetiva pensar no bem-estar da sociedade, a longo prazo e, para tanto, um nova forma de ver, fazer e vender seus produtos será adotado. O consumidor passa a interessar-se em empresas engajadas, de alguma forma, com questões sociais que de uma maneira ou outra nos afetam. Provavelmente, pensam que se uma empresa está preocupada com o bem-estar social, não deve, portanto, prejudicar seus clientes e sempre fará produtos de boa qualidade. Mais recentemente foi criada a norma internacional SA8000 que significa responsabilidade social, a qual coloca em evidência empresas com preocupações éticas com seus clientes, fornecedores, funcionários e com a sociedade.

O processo de globalização, pelo qual as culturas e subculturas vêm enfrentando, acenam com as seguintes proposições: jamais o consumo dar-se-á de maneira idêntica, visto que as diferenças culturais presentes impedem que se tenha reação idêntica; não existe um molde para fazer com que os consumidores recebam igualmente toda a gama de produtos que lhe é oferecido. O processo de produção de bens e serviços até pode ser globalizado, mas o consumo não o é.

Para Canclini¹², o problema não parece ser o risco de que a

globalização arrase as nações e as etnias, mas entender como as identidades étnicas se reconstróem em processo de hibridização intercultural. O dualismo entre o próprio e o alheio (produção nacional e estrangeira) não parece conservar muito sentido na globalização de processos, os objetos perdem a relação de fidelidade com os territórios originários.

Nessa sociedade, é presente o tema da desterritorialização, onde o nós e o eles não mais encontram tradicionais barreiras. É certo que valores, secularizados pelas tradições culturais, perderam o espaço que detinham em face de desterritorialização ocorrida, nas sociedades, nas últimas décadas. O espaço desterritorializado se esvazia de seus conteúdos particulares, são não-lugares, locais anônimos capazes de acolher qualquer um, independentemente de suas idiossincrasias. Porém, numa sociedade com memória, que procura enfatizar o resgate histórico de seu passado, os valores que vão sendo adquiridos com o novo não atrapalham, apenas avançam para algum lugar que busque dar sentido. O presente é o lugar da experimentação que se abre para o novo e esse é o futuro que abre a muitas promessas e possibilidades, provocando inquietações.

Futuro: Info-rico e Info-pobre

O novo é o lugar de uma promessa, abertura de muitas possibilidades, gerando sentimentos ambíguos, um misto de esperança e pânico. Tucherman comenta "o novo, o que há de vir, é o grande e cultuado valor pois o que agora se vivencia como sendo da ordem do intolerável é que o futuro não seja melhor e mais digno do que o passado, agora Outro total"¹³.

Voltando o olhar para a Teoria Administrativa, constata-se que Herbert Simon, em torno de 1945, insere, nesse campo, a Teoria da Decisão, cujo enfoque principal é que toda organização é um sistema de decisões e não somente é o administrador quem as toma, mas todas as pessoas dentro da organização. De certo modo, deixa de existir a utopia para se entrar num labirinto de decisões. Para abastecer o processo decisório, a empresa precisa coletar e processar uma enorme variedade de informações para permitir a escolha de alternativas em situações que nunca revelam todas as opções disponíveis nem os resultados possíveis. É importante proporcionar às pessoas que decidem, no tempo hábil, as bases para que possam ser bem sucedidas na escolha. Porém, o tomador de decisão não tem condições de analisar, integralmente, todas as situações nem de procurar alternativas. Sendo assim, nunca será tomada a melhor decisão e sim a mais plausível num determinado momento.

Diante das incertezas, a busca do conhecimento, da capacitação e de novos modelos gerenciais é ponto decisivo para qualquer empresa. Isso produziu uma nova rotina nas empresas, estimulando e, até mesmo, promovendo cursos de aperfeiçoamentos, palestras, congressos, vinda de palestrantes às empresas, a fim de melhorarem o nível do desempenho de seus funcionários.

Diante das mudanças, Burroughs vislumbrou uma nova sociedade, a sociedade de controle, que exige dos indivíduos educação permanente, "tentam nos fazer acreditar numa reforma da escola, quando se trata de uma liquidação. Num regime de controle nunca se termina nada"¹². O homem não está mais confinado em lugares como família, escola, exército e fábrica. Ele, agora, deve, permanentemente, reformular-se e, para isso, deve pagar até o final de sua vida, uma moratória ilimitada, pois, afinal, precisa ter para ser, representar seu melhor papel, o de consumidor. As empresas, por sua vez, também exigem, de seus funcionários, permanente reciclagem e a sociedade exige, das empresas, a mesma postura. Inovações, cores, localização privilegiada, acesso fácil, de preferência em shopping, não são poucas as exigências. A empresa percebeu que, nesta época competitiva, sua imagem deve ser trabalhada junto ao mercado e, para se sobressair entre tantas outras, um forte aliado é a comunicação mercadológica.

Essas são implicações que o novo traz para dentro das empresas. Ter uma empresa significa investir em constantes reformulações, atendendo aos anseios e expectativas do mercado. Permanecer inatável, nessas relações, causa prejuízos constantes.

Caminho Cultural e Empresarial

Cada empresa é um sistema humano com características peculiares, possuindo sua própria cultura, que é determinante das atitudes, comportamentos e crenças adotadas, internamente, e visualizadas, externamente, por filigranas. Como se vê, toda e qualquer cultura organizacional se insere numa cultura maior, que é a da sociedade que lhe acolhe. Para que uma empresa permaneça, no mercado, é necessário que a cultura organizacional acompanhe a cultura da sociedade através de mudanças na sua própria cultura. Isso a permitirá acompanhar o processo evolutivo sofrido pela sociedade local e global.

Segundo Torquato¹³, existem quatro tipos de reforçadores da cultura organizacional, dos quais três atingem esse trabalho, são eles: o aspecto histórico da empresa, seu modelo de gestão e a osmose geográfica. O primeiro reforçador refere-se ao passado da empresa, revela valores que persistiram no tempo, apego aos costumes e à ordem conservadora. Esse aspecto introjeta costumes, no interior da empresa, que podem obstar o avanço das mudanças. O segundo reforço, modelo de gestão, refere-se ao tipo de gestão implantada pela administração da empresa, se participativa ou autoritária. Numa empresa familiar, o modelo de gestão está impregnado de valores do proprietário visto que todo o modelo de valores adotados parte da sua pessoa para os empregados. Por fim, a osmose geográfica trabalha a interpenetração de culturas organizacionais por conta da proximidade geográfica e refere-se à semelhança de atitudes, valores estabelecidos em empresas próximas e de como se tornam semelhantes.

As mudanças organizacionais somente ocorrem a partir de um

esforço para quebrar, romper antigos padrões de comportamentos estabelecidos e que estão enraizados na cultura organizacional. Nas empresas, a cultura organizacional impregna todas as práticas e constitui um conjunto preciso de representações mentais, um complexo muito definido de saberes. Dessa forma, ela passa a ser um sistema coerente de significações para todos os participantes da empresa, agindo como cimento, unindo todos. Mas, esse cimento cultural, nas empresas, provoca, em muitos casos, um conformismo entre seus membros.

O conformismo empresarial impede a realização de mudanças. Todo indivíduo apresenta hábitos e gosta deles. A impossibilidade de agir de maneira cotidiana pressiona para um certo nível de estresse. É normal, portanto, gostar e querer seguir rotinas. O problema é quando essas impedem a realização de alterações necessárias para a sobrevivência do indivíduo (ou empresa).

O principal ponto de apoio (e, portanto, de resistência também) às mudanças deve ser o empresário dirigente da empresa. Se ele ou a alta direção não se empenhar em obter resultados, pouco se pode esperar de funcionários que, na maioria das vezes, são despreparados para entender a complexidade e a importância do assunto.

Ocorre que muitos empresários ainda não conseguiram absorver os fundamentos da comunicação para o incremento do negócio. Imaginam que se trata de um atividade abstrata, pouco mensurável, acessória, secundarista. No contexto de competição, a visibilidade da empresa tornou-se um imenso desafio. Se não há comunicação, não há visibilidade e a empresa acaba por ser engolfada pela profusão de marcas.

Kurt Lewin que idealizou um modelo, em conformidade com sua teoria do "campo de força", segundo o qual cada comportamento é resultado do equilíbrio entre forças impulsionadoras e restritivas. Até o momento, vinha-se observando a importância de dois fatores para que os empresários enfrentassem os desafios da nova sociedade e dos novos concorrentes, pois eles são coincidentemente os dois fatores de maior importância para Lewin. São eles: concorrência de outros grupos, espera-se que a vinda de outras empresas, de fora da região analisada, instigasse seus representantes locais a procurar novas formas de atingir o público consumidor; e pressões do supervisor.

Para que as mudanças sejam possíveis, há que se questionar a postura empresarial dos dirigentes com relação:

adaptabilidade: refere-se à capacidade de resolver problemas e de reagir, de maneira flexível, às exigências mutáveis e inconstantes do meio ambiente. Para ser adaptável, o empresário deve ser flexível, para poder adaptar e integrar novas atividades; e ser receptivo para novas idéias, tanto internas como externas de sua empresa;

senso de identidade: refere-se ao conhecimento e

compreensão do passado e do presente da organização; perspectivas exatas do meio ambiente: esta característica aborda se o empresário possui uma percepção realista aliada a uma capacidade de investigar, diagnosticar e compreender o meio ambiente. Avaliação das possibilidades de sua empresa e investir na consecução de seus objetivos;

integração da empresa: refere-se sobre a possibilidade da empresa vir agir de maneira integrada em sua comunicação mercadológica.

O enfoque dado à cultura, neste artigo, visa melhorar o entendimento que os empresários têm e de como a comunicação mercadológica pode aproximar a empresa com seu mercado. Ao encarar a mudança como necessária para estar em consonância com o mundo, o empresário deve procurar trabalhar a comunicação mercadológica. Com efeito, a busca do entendimento e das necessidades do mercado deve ser realizada e comunicada.

A postura adotada pelo empresário, frente às dificuldades, é determinante da forma como ele vai agir nos procedimentos mercadológicos adotados por sua empresa. Diante do exposto acima, pode-se distinguir três posturas possíveis (Quadro 1):

POSTURA DO EMPRESÁRIO	CARACTERÍSTICAS
ANTECIPIADOR	Proativo, trabalha com conceito proventorista, antecipa as mudanças que irão ocorrer e desenvolve mudança planejada. Seria aquele empresário que prevê a mudança e planeja isso.
SEGUIDOR	Reativo, resolve os problemas na medida em que eles aparecem, segue os outros, não antecipa as mudanças e não planeja a mudança, segue os antecipiadores. Seria aquele empresário que aceita a mudança e adapta-se nela.
CONFORMISMO	Inerte, não antecipa mudanças e nem os meios, acompanha os outros empresários do setor. Seria aquele empresário que nega, ignora e/ou resiste à necessidade de mudança da sociedade e, portanto, não muda inercialmente, sua organização.

Quadro 01 - Postura do empresário e características pertinentes

Anos atrás, a Gazeta Mercantil¹⁵ publicou um estudo sobre a deterioração empresarial em empresas paulistas. A pesquisa constatou que de 100 mil novas empresas registradas, anualmente, somente 18% ultrapassavam os três anos de existência e apenas um pequeno percentual atingia cinco anos de vida no mercado. Pode-se culpar o sistema capitalista ou pode-se culpar a situação econômica adversa pela qual o país atravessava, ou, ainda, o banco, com seus altos juros. Mas, foi detectado, pela mesma pesquisa que as causas fundamentais do processo de deterioração foram, em ordem de importância: paradigmas ultrapassados; desconhecimento

administrativo; desequilíbrio e inexperiência dos chefes da empresa; falta de especialização no setor; negligência; fraude; infortúnio; causas desconhecidas.

Diante deste quadro, não cabe a proposição de um planejamento em comunicação mercadológica, se a cultura da organização não aceita tal estratégia como importante, se ainda vive-se de paradigmas ultrapassados. É indispensável que o empresário considere que as mudanças culturais, advindas da sociedade, influenciam, direta e indiretamente, sua atividade e essa é uma forma de pensar que exige dinamismo, agilidade e, acima de tudo, conscientização de que nada é definitivo, pronto e acabado. Tudo isso exige fôlego e disposição por parte dos empresários. Muitos deles têm uma enorme resistência à mudança. Também é necessário quebrar feudos estabelecidos dentro de vários setores das empresas, pois muitos funcionários não possuem conhecimento nem estilo necessários para enfrentar as mudanças organizacionais necessárias.

O ideal é que se creia na mudança como algo inevitável e que se criem condições para uma mudança organizacional planejada, onde empresários e funcionários sintam a mudança como indispensável e se tomem responsável por ela.

Conclusão

Neste estudo, procurou-se evidenciar e analisar a velocidade e consistência das mudanças culturais e empresariais sofridas desde a sociedade agrária, passando pela sociedade industrial até os dias atuais e, dentro do contexto, interpretar-se os conceitos em direção do que espera a sociedade contemporânea. Viu-se que a noção de outro, ao longo da história, ganhou novas conotações, que não mais as das barreiras tradicionais do espaço geográfico. Hoje, diante da modernidade do mundo, passa-se a perceber novos outros, não tão distantes, geograficamente quanto se possa "querer", pois são as favelas, guetos. Enfim, encontrar a nós mesmos não mais como cidadãos de uma mesma nação, unidos num mesmo local, mas dispersos, no mundo, e moldados pela modernidade.

A leitura dos acontecimentos, na sociedade, é parte fundamental para empresas que querem conviver na modernidade e superá-la. A empresa não pode mais ser vista como um organismo fechado, pois recebe uma carga grande de influência da sociedade e das mudanças culturais por essa sofrida. A troca entre os dois sistemas (sistema sociedade e sistema empresa) dá-se, permanentemente, sendo que as mudanças pelas quais a sociedade passa, ainda que sutis, atingem, diretamente, todas as empresas. Toda empresa tenha consciência disso ou não, possui uma cultura organizacional e essa precisa acompanhar as mudanças da sociedade.

Assim como cada mudança cultural, na sociedade, encontra adeptos e reacionários, o mesmo problema ocorre dentro da empresa. Esse problema não é novo. Quando o Imperador Vespasiano ordenou, no século I, a reconstrução do Capitólio romano, um artesão propôs

a ele a utilização de máquinas que levariam, de forma rápida e barata, as colunas de pedra até o alto da colina. O historiador Selônio conta que o Imperador recusou a oferta, respondendo: "que me seja permitido dar de comer aos mais pobres". O confronto com a modernidade-mundo é mais antigo do que se supõe. É lugar-comum ouvir reclamações sobre a crise que se está vivendo e, talvez, ela seja permanente. Quem sabe? Os empresários devem sempre procurar conhecer os aspectos culturais de seu povo, sua história, onde estão inseridos para, então, crescerem.

Notas

- 1 BADIOU, A. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 21.
- 2 ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996. p. 35.
- 3 ORTIZ, R. op. cit. p.36.
- 4 ORTIZ, R. op. cit. p.38.
- 5 MAUSS, M apud ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. op. cit. p.43.
- 6 O título da coluna de Machado de Assis num jornal do Rio de Janeiro ao comentar que o bonde elétrico havia sido inaugurado e que, portanto, o burro perdeu sua utilidade.
- 7 TUCHERMAN, I. *O percurso do outro*. Rio de Janeiro: ECO. Material didático, s.d.p. 20.
- 8 BERTERO, C. O. Cultura organizacional e instrumentalização do poder. In: FLEURY, M. T. et al. *Cultura e Poder nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1996. p. 39.
- 9 FLEURY, M. T. L. et al. *Cultura e Poder nas Organizações*. São Paulo: Atlas, 1996. p.23.
- 10 TUCHERMAN, I. op. cit. p.02.
- 11 CHIAVENATO, I. *Introdução à Teoria da Administração*. São Paulo: McGraw-Hill, 1983. p.549.
- 12 GARCIA CANCLINI, N. *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ Ed., 1995 p. 46.
- 13 TUCHERMAN, I. op. cit. p.18.
- 14 DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 16.
- 15 TORQUATO, G. *Cultura, Poder, Comunicação e Imagem: fundamentos da nova empresa*. São Paulo: Pioneira, 1991.

Bibliografia

- BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *Sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BERLO, David K. *O Processo da comunicação: introdução à teoria e à prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- BEBER, Cirilo Costa. *Santa Maria 200 anos: história da economia do município*. Santa Maria: Pallotti, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BUENO, Wilson da Costa. *Comunicação e interatividade: a comunicação empresarial se prepara para enfrentar os desafios do século XXI*. São Paulo: Unimed Amparo, 1995.
- BUZZI, Arcângelo R. *Filosofia para principiantes: a existência humana no mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática, 1996.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1997.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à teoria de administração*. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1983.
- CHIANELATO, João F. *O&M integrada à informática*. Rio de Janeiro: LTC, 1994.
- COTRIM, Sérgio Q. *Pesquisa de Propaganda*. São Paulo: Global, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Notas para uma discussão sobre metodologia de recepção*. Rio de Janeiro: COMPOS, 1994.
- FLEURY, Maria Tereza, et al. *Cultura e poder nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- GIACOMINI FILHO, Gino. *Consumidor versus propaganda*. São Paulo: Summus, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- KOTLER, Philip e ARMSTRONG, Gary. *Princípios de Marketing*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1993.
- _____. *Marketing*. Rio de Janeiro: Atlas, 1980.
- LEBRUN, Gérard. *O que é poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- NEGRI, Antonio. Infinitude da comunicação/finitude do desejo. In: Pirente, André (org.). *Imagem máquina. A Era da Tecnologia do Virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *O anticristo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996 p.190.

- OSBORNE, Richard. **Filosofia para principiantes**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- PINHO, J.B. **Comunicação em marketing: princípios de comunicação mercadológica**. Campinas: Papirus, 1988.
- PIZZINATTO, Nádia K. **Planejamento de marketing e de mídia**. Piracicaba: Uninep, 1996.
- ROCHA, Leny et al. **Gerência de marketing**. Rio de Janeiro: SENAC/DN/DFP, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminura, 1997.
- SELLITZ, et al. **Método de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SROUR, Robert H. **Poder, cultura e ética nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- STONER, James e FREEMAN, R. Edward. **Administração**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1995.
- TAHARA, Mizuba. **Mídia**. São Paulo: Global, 1995.
- TARDE, Gabriel. **A opinião e a massa**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- THAYER, Lee. **Princípio de comunicação na administração: comunicação e sistemas de comunicação na organização da administração e relações internas**. São Paulo: Atlas, 1972.
- THOMPSON, Jonh B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TOIFLER, Alvin. **Powershift**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- TORQUATO, Gaudêncio. **Cultura, poder, comunicação e imagem: fundamentos da nova empresa**. São Paulo: Pioneira, 1991.
- TUCHERMAN, Ieda. **O percurso do outro**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, material didático, s.d.
- VAZ, Paulo. **Corpo-propriedade**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, material didático, s.d.
- WESTPHALEN, Marie-Hélène. **A Comunicação na empresa**. Porto: Rés, s.d.

MST: UM NOVO PREFIXO NO AR

Mariângela A. Storniolo Torrescasana*

Todos querem democracia, ainda que as [democracias] realizadas sejam caricaturas do projeto sonhado. Acalenta-se a esperança de uma sociedade justa, igual, solidária, mas, embora as [sociedades] que existem apontem para uma relatividade descepcionante, (...) Mas, se é sempre possível mostrar o lado fraco, também é possível mostrar, o lado fascinante da utopia, porque [ela] representa o pulso insusceptível da esperança social. Ademais, não fa: mal sonhar (...). Seria miséria excessiva termos de nos contentar com a realidade que temos.¹

Há algum tempo, ficar sentado à beira do caminho até que poderia ser interessante e prazeroso. Ver a banda passar, as crianças brincarem de amarelinha, pensar que nos constituíamos em uma grande pequena família. Mas o mundo mudou. Para o futuro, o que se anuncia é um espaço não mais delimitado, desterritorializado, O que se projeta é um mundo sem fronteiras políticas, ideológicas ou econômicas, que institui o consumo como elemento capaz de definir o perfil dos grupos², sendo protegido e sustentado pelas novas tecnologias da informação.

Enquanto esse mundo avança, atropelando a capacidade de absorção dessas mudanças, a banda, as crianças, a tranquilidade das ruas vão sendo substituídas por uma multidão de famintos, de excluídos de vantagens e delícias compartilhadas por uma minoria esmagadora. O Muro de Berlim, cuja queda foi tão decantada em todos os pontos do planeta, ressurgiu sob a forma de guarita, de grades que protegem elegantes prédios, que erigem um novo tipo

*Coordenadora do Curso de Comunicação Social, em Bagé - RS, da Universidade da Região da Campanha - URCAMP, professora do Curso de Jornalismo do Instituto de Educação Luterana de Santa Catarina - IELUSC, Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela PUCRS (1980), Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ (projeto do MINTER com a UFSM, 1999).

de *apartheid* social.

As conseqüências desse cotidiano universal, imposto pelo capitalismo, está desenhado nas metrópoles, caracterizadas por grandes desigualdades sociais, por grandes riquezas contrastando com a miséria, a violência, o desrespeito às leis e às necessidades básicas, a adoção da "Lei de Vantagem", numa clássica invasão ao campo da ética e da moral. Um quadro que se repete no campo, com a grande concentração de terras nas mãos de poucos e a decorrente expulsão do homem de seu habitat.

Dentro dessa panorâmica, são pertinentes as considerações de Cecilia Peruzzo sobre o comportamento da sociedade atual, apontando, de um lado, um saldo de diversidade, indisciplina, desencanto, apatia e desbotado e, de outro, o estímulo à luta pela preservação ou resgate de direitos humanos que garantam a construção de uma sociedade mais justa e livre.³

Como um dos resultados da crise profunda em que o mundo está vivendo: pobreza crescente em meio à abundância, apelo ao consumo e dificuldade para atender a esse apelo - contradições a partir das quais se constrói um novo homem, cujo perfil é oposto do desejado pelo capitalismo -, surge a busca do futuro pelo indivíduo; a libertação dos grilhões que o amarram e o tornam obediente a uma realidade cruel. A afirmação desse novo homem, a recuperação dos poderes perdidos, o levantar-se de seus próprios escombros, só pode ser alcançada pela negatividade, pelo dizer não, como expõem Sartre, Bachelard e Schopenhauer.⁴

Resistindo à valorização da ganância, do individualismo e à própria alienação - em detrimento do respeito pelo semelhante, da solidariedade, do acesso à cidadania, ascendem novos atores. A construção de algo "novo", que expresse os interesses coletivos, tem íntima relação com o agir comunicativo. Hoje, um dos problemas que mais preocupa os movimentos sociais, populares ou coletivos, até porque tem influência direta na continuidade de suas lutas e na sua própria garantia enquanto organização, é a questão do fluxo informacional.

A informação hoje constitui riqueza, tornando-se fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital⁵ e "o fluxo informacional é considerado elemento decisivo para o exercício real da cidadania, além de imprescindível instrumento democrático. Graças à circulação de dados é possível compreender a realidade e, conseqüentemente, dispor de recursos que permitam interferir no curso da história, alterando o cotidiano".⁶

Nesse sentido, viabiliza-se o surgimento de veículos pautados em bases comunitárias, com caráter basicamente local. Como afirma Raquel Paiva, instala-se, dessa forma, a possibilidade de se reforçarem os laços comunitários, as relações de pertencimento e, conseqüentemente, o poder reivindicatório a partir da informação numa ótica educativa, não como um propósito meramente promocional, mas de melhoria de condição de vida do indivíduo.⁷

A implantação de canais alternativos passa pela crítica das mensagens veiculadas pelos mass media. No momento que o grupo começa a perceber o distanciamento entre sua realidade cotidiana e a estrutura de produção de informação dos meios de comunicação existentes, abre-se espaço para o estabelecimento de um sistema próprio de comunicação horizontal, onde o rádio reina absoluto.

As principais características atribuídas ao rádio - instantaneidade, agilidade, rapidez, proximidade, baixo custo - justificam a sua preferência entre os meios de comunicação de massa. Vencendo limitações e adequando-se às novas tecnologias, o rádio mantém o título de ser o veículo mais popular.

Em localidades de difícil acesso, pela sua mobilidade, permanece sendo o único veículo a levar informações, superando a televisão e até os meios impressos em função da transmissão em tempo real, mediante a utilização de uma nova ferramenta - a telefonia móvel celular.

Outra marca que diferencia o rádio dos demais veículos é evidenciada por Emílio Prado⁸, ao lembrar que além de transmitir o mais rapidamente possível os acontecimentos atuais, pode aumentar a compreensão pública através da explicação e da análise. Mais do que uma mera transmissão de dados, o rádio pode brindar os ouvintes com espaços para discussões e reflexão com maior profundidade sobre os temas tratados. A capacidade de se comunicar com o público que não necessita de formação específica para decodificar a mensagem, lhe outorga o papel informativo e educacional ainda mais relevante nas sociedades subdesenvolvidas, sobretudo se ele tiver o caráter comunitário.

A Associação Mundial de Rádios Comunitárias - AMARC -, fundada em agosto de 1983, em um encontro de radialistas provenientes de 36 países, que se reuniram em Montreal, no Canadá, conceitua rádio comunitária pelos objetivos de caráter social que norteiam seu funcionamento.

Quando um rádio promove a participação dos cidadãos e defende seus interesses; quando responde aos gostos da maioria e faz do bom humor e da esperança sua primeira proposta; quando informa verazmente; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando em seus programas se debatem todas as idéias e respeitam todas as opiniões; quando se estimula a diversidade cultural e não homogeneização mercantil; quando a mulher protagoniza a comunicação e não é uma simples voz decorativa ou um reclame publicitário; quando não se tolera nenhuma ditadura, nem sequer a musical imposta pelas gravadoras; quando a palavra de todos vai sem discriminação, sem censuras, essa é uma rádio comunitária.⁹

Apostando na comunicação horizontal

Como vimos acima, o fluxo informacional é fundamental para a continuidade dos movimentos sociais. Consciente de que precisa vencer os desafios impostos pelas distâncias geográficas, pela necessidade de tornar pública a sua versão sobre os fatos que envolvem a organização e elaboração de um espaço de ação política, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra decidiu apostar na área da comunicação, tentando estabelecer um sistema de comunicação horizontal, que lhe permita a produção de discurso próprio, sem filtros e intermediários¹⁰, elegendo o rádio como seu veículo e apropriando-se de todas as ferramentas tecnológicas disponíveis, entre as quais a Internet.¹¹

No Rio Grande do Sul, a primeira rádio do MST, um projeto piloto e que serve de referência no resto do país, está instalada no interior do município de Hulha Negra, há 398 quilômetros de Porto Alegre, onde estão assentadas mais de 700 famílias.

Jogados à sua própria sorte, graças a um projeto de Reforma Agrária que não prevê sustentação econômica e social, essas 700 famílias enfrentam até hoje uma série de dificuldades como a de morar em uma área de terra, circundada por grandes extensões de campos, quase sem acesso devido a precariedade da única estrada que leva até lá. Em determinadas épocas do ano, quando o período de chuvas é mais intenso, os locais dos assentamentos assemelham-se a uma "ilha", cuja definição seria a de uma porção de terra cercada por enormes extensões de terra, sem possibilidades de entrar ou de sair. Mas para quem já conviveu com a fome, com todo o tipo de diversidade, o fato de morar em uma "ilha" não assusta e muito menos impede de avançar na luta pela cidadania, principalmente porque gerenciam seus problemas, necessidades e conquistas numa perspectiva comunitária.

A comunidade dos assentados de Hulha Negra vem pautando suas ações na "valorização das microrrelações sociais e no espírito de solidariedade"¹². Esse é um dos patrimônios, que segundo Stédile¹³, o MST tem de continuar a defender: a prática de novos valores sociais, baseando seu progresso na solidariedade e na busca da igualdade.

A vinda de uma população para um local, onde a lógica do desenvolvimento e das relações sociais e culturais eram diferentes, fez com que crescesse a idéia da criação de um instrumento que rompesse os paradigmas ideológicos, as barreiras no sentido do desenvolvimento da pequena propriedade, da industrialização, do controle social das estruturas públicas, da desmistificação da imagem que existe sobre a figura dos colonos e da divisão do poder.

O interesse na implantação de uma rádio comunitária no assentamento Conquista da Fronteira partiu da própria comunidade. Foi criada em 25 de outubro de 1997 e batizada, após discussão democrática com a comunidade, de Terra Livre. Dessa mesma discussão, nasceram os objetivos: encurtar distâncias; prestar

serviços de utilidade pública; servir como meio para elevação educacional e cultural da população; oferecer espaços para melhorar as condições de saúde; ampliar os conhecimentos no setor agrícola; divulgar fatos de interesse da comunidade local; ser uma fonte de lazer e entretenimento; e servir como elemento aglutinador entre os jovens.

Por ser uma rádio com características comunitárias, portanto não-comercial e, conseqüentemente, com poucos recursos financeiros, ela foi aos poucos sendo equipada por meio de doações da comunidade e de entidades sociais, culturais e privadas. Possui uma mesa de áudio de seis canais, dois aparelhos de CDs, dois decks para fita cassete, dois microfones, um transmissor de 25 watts e uma antena de trinta metros de altura. É de frequência modulada e pode ser sintonizada, no dial, em 94,1 MHz. Sua área de abrangência é de cerca de 25 quilômetros, atingindo quase a totalidade dos assentamentos, cujas distâncias entre si, variam de seis a 30 quilômetros.

Desde a sua fundação, a rádio manteve uma programação diária de 16 horas, começando às 6h e encerrando às 22h. Sua infraestrutura é precária, funcionando empiricamente, sem pessoal qualificado, oferecendo, basicamente, músicas que falam da vida do campo, da luta pela terra, privilegiando a música tradicionalista gaúcha e sertaneja; notícias e comunicados de interesse exclusivo da comunidade dos assentamentos. Toda a estrutura programacional da rádio voltou-se para a prestação de serviços. Quase todos os espaços têm, como pano de fundo, a Educação ou as suas estratégias pedagógicas, visando esclarecer sobre os mais diferentes assuntos, em especial os que transitam pelas questões agrárias. Também procura resgatar a memória de figuras marcantes em lutas de resistência, em especial, as que tratam de questões da terra e da construção de identidade, como por exemplo, Antônio Conselheiro, Zumbi e Che Guevara.

Outro assunto que perpassa por quase toda a programação é a luta pela terra. Por ser uma rádio do MST, estar localizada em um de seus assentamentos, os seus dirigentes argumentam que ela não poderia deixar de divulgar as ações do Movimento, a repercussão em todo o país e propiciar o debate, bem como as formas de contribuição da comunidade para o avanço sócio-cultural.

Apesar de já terem conseguido a "terra prometida", haver, de certo modo, demarcado o seu território, eles não esquecem e muito menos abandonam os ideais de grupo, o desejo do bem-estar coletivo.

Esse entendimento do grupal, da confluência de idéias, de interesses comuns é o alimento de uma comunidade de assentados do MST. Eles acreditam que o grau de miserabilidade a que o excluído está submetido é tão intenso, que ele só vai começar a lutar por seus direitos quando é resgatado pelo grupo. Aí se dá a sua redescoberta como ser humano e por isso consideram importante a continuidade dos acampamentos enquanto espaço de socialização, de discussão,

de luta pela cidadania. Nesse cenário, a rádio passa a ser um elemento importante, ganhando conotações de agente social, já que "uma das características fundamentais de um veículo comunitário é a de planejar e fornecer subsídios para o processo dialogal e bidirecional, além de participativo"¹⁴

O envolvimento da comunidade com a rádio não fica restrito apenas à sua fidelidade enquanto ouvinte. Ela interfere na programação, definindo suas prioridades, o que necessita saber, o que lhe é mais útil. Por meio de seus representantes, nas reuniões de avaliação do desempenho do veículo, ela rejeita ou aprova o que está indo ao ar e apresenta sugestões, tendo sempre o cuidado de que essas sugestões contemplem, senão a totalidade, pelo menos a grande maioria.

Por carcer de uma estrutura comunicacional eficiente e estar situada em local de distâncias consideráveis, a comunidade apropria-se da rádio, utilizando-a como instrumento de comunicação de troca, mas comunicação no sentido amplo. Muitas vezes, ela assume funções/papéis do correio, do médico, do professor, do membro da família.

A comunicação estabelece-se de forma horizontal e, de certa forma, virtual. O médico, a família, o vizinho não estão ali presentificados e, ao mesmo tempo, estão. A rádio passa a ser um possibilitador de trocas, uma ponte reduzindo distâncias, um personificador de seres, de idéias.

A originalidade de uma comunicação verdadeiramente social e horizontal, cujos estímulos podem converter-se em resultados concretos às populações, possibilitando o fluxo comunicacional, instituindo, esclarecendo, educando, abrindo espaço para a participação popular tem sido perseguida e, muitas vezes, silenciada pelo poder estatal. Dois episódios envolvendo a Rádio "Terra Livre" atestam essas tentativas de frear os experimentos comunitários.

O primeiro deles aconteceu dois meses depois da inauguração da rádio, quando a Polícia Federal lacrou os equipamentos, impedindo o funcionamento da emissora por dois meses. Já o segundo, trouxe, além do confisco dos equipamentos, conseqüências desastrosas como a prisão de locutores, líderes locais e lacre dos transmissores e fechamento por tempo indeterminado.

Enquanto isso, na espera da autorização de funcionamento, a ser expedida pela ANATEL, sentimentos de revolta, de tristeza, de dor, suportados pela esperança de seu breve retorno as ondas do pampa, embalam o retorno à rotina daquela comunidade.

Considerações Finais

Nesse novo mundo virtual em configuração, alicerçado por uma tecnologia com surpreendente potencial para o exercício da comunicação democratizada, quais são as chances de sobrevivência das rádios comunitárias? Considerando que o cyberspace não tem

limites físicos, se pode pensar que ali cabem todas as iniciativas. É aí que reside a certeza da viabilidade de projetos de comunicação dessa natureza.

É por essa razão que, no mesmo ritmo com que a globalização das comunicações põe em relação todos os contrastes que perfilam o mundo atual, ela também carrega consigo seu pólo contrário: o local. É um lugar especial que essa dimensão local parece ocupar na reterritorialização do mundo. A noção de comunitário que se vincula às experiências localizadas de comunicação, descobre um sentido amplo, não se limitando aos aspectos comunicacionais. São iniciativas de fomento a conquistas decisivas no campo social, cultural, político e, porque não, econômico? É todo um que fazer humano, que aponta para a reconstrução do grupo, do verdadeiro espírito comunitário, das características particulares de cada um no conjunto em que se relacionam.

O caminho trilhado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, tem aberto possibilidades para o renovar-se, fortalecendo-o, edificando as bases do território livre e dos sonhos. Tendo como suporte pedagógico a teoria do erro e acerto, o MST vem construindo seus próprios tipos de experiências práticas e teóricas, adquirindo a liberdade de viver seus processos, autogerindo-se e automodelando-se. Esse é exatamente o seu diferencial e o que lhe tem permitido afrontar, interferir, interromper e re-escrever a ordem social.

Desse modo, as rádios comunitárias são o reflexo do fortalecimento de grupos que buscam afirmação de suas origens. São movimentos genuínos, que fazem da comunicação, o processo inevitável para a busca de soluções a problemas de origens não apenas locais, mas também globais, que respingam suas conseqüências no local, e para a construção de um lastro em direção à conquista dos direitos de cidadania.

Esses, nos parece, serem alguns dos principais motivos que levaram o MST a voltar-se à área de comunicação, utilizando, como instrumento, o veículo rádio. A experiência piloto da Rádio Comunitária Terra Livre, apesar da fragilidade apresentada, demonstra o interesse em promover a participação, a cultura local, a educação, exercendo o papel de agente social.

A sua preocupação com essas questões e a forma de gerenciamento apontam na direção de uma emissora comunitária, um veículo que pode ser a resposta prática às necessidades dos assentamentos e do próprio MST de conhecer seus problemas, bem como avançar na sua luta pela cidadania.

Arautos da desordem, os Sem-terra, este povo de betta de quase tudo, retiram suas ligões de semente e história. Assim, espremidos nessa espécie de geografia perdida que sobra entre as estradas, que é por onde passam os que têm para onde ir e as cercas, que é onde estão os

que têm onde estar, os Sem-terra sabem o que fazer: plantam. E plantam porque sabem que terão apenas o almoço que puderem colher, como sabem que terão apenas o pão que puderem conquistar. O Canto da Terra¹.

Notas

- 1 Deino, P., 1987, p. 143
- 2 Paiva, R., 1998, p. 128.
- 3 Peruzzo, C., 1998, p. 29.
- 4 Santos, M., 1993, p. 55. "A liberdade essencial, a liberdade última e final que não pode ser arrancada de um homem, é a liberdade de *dizer não*, premissa básica da visão sartriana da liberdade humana. (...) Consciência e liberdade não são duas conjuntamente". Lembra A. C. Zijderveld (1974, p. 1) que Max Scheler caracterizou o homem como sendo capaz de *dizer não* e que Albert Camus afirmou ser o homem a única criatura na natureza a recusar ser o que é, parodiando o famoso teorema de Descartes em termos de existencialistas: "Eu me revolto, portanto eu existo".
- 5 Moraes, D., 1997, p. 14
- 6 Paiva, R., 1998, p. 158
- 7 Id., *Ibid.*, p. 158.
- 8 PRADO, E., 1989, p. 27-28
- 9 AMARC - <http://www.web.net/amarc/radio.com.htm>
- 10 Paiva, R., 1998, p. 158
- 11 O MST já possui uma *home-page* e cerca de 35 rádios com características comunitárias espalhadas por todo o país. www.sanet.com.br/~semterra/
- 12 Paiva, R., 1998
- 13 Stédile E. J. P., novembro, 1997, p. 32
- 14 Schenkel, 1984, p. 26

Bibliografia

- ABRAÇO. **Cartilha sobre Rádio Comunitária**. <http://www.sanet.com.br/~semterra/1998>
- AMARC - <http://www.web.net/amarc/radio.com.htm>
- BORDENAVE, Juan Díaz. **Além dos meios e mensagens: introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- COGO, Denise Maria. **No ar...uma rádio comunitária**. São paulo, Paulinas, 1998.
- DEMO, Pedro. **Elementos metodológicos da pesquisa participante**. In: BRANDÃO, C. Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70**, Rio de Janeiro, Relume-Dumará/ANPOCS, 1995.
- DOWBOR, Ladislau. **O poder local**. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1994. Coleção Primeiros Passos.
- ESTEBAN, António Cabezas e GARCÍA, Amable Rosário. **La Emissora Popular**. Equador, Andina, 1982.
- FERNANDES, Bernardo. **MST: formação e territorialização**. São Paulo,

- Hucitec, 1996.
- FESTA, Regina. **Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa**. In: FESTA, Regina e SILVA, Carlos E. Lins da (orgs.). **Comunicação popular e alternativa do Brasil**. São Paulo, Paulinas, 1986.
- GARCIA CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.
- GÖRGEN, Frei Sérgio e STÉDILE, João Pedro. **A luta pela terra no Brasil**. São Paulo, Scritta, 1996.
- _____. **Assentamentos: a resposta econômica da reforma agrária**. Petrópolis, Vozes, 1991.
- GRINBERG, Máximo Simpson. **Comunicação alternativa: dimensões, limites, possibilidades**. In: GRINBERG, Máximo S. (org.). **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GRZYBOWSKI, C. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo**. Petrópolis, FASE/Vozes, 1987.
- HALE, Julian. **La rádio como arma política**. Barcelona, Gili, 1975.
- IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. **Lutas sociais na América Latina**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1989.
- LÓPES, Maria Immacolata Vassulo de. **O rádio dos pobres**. São Paulo, Loyola, 1988.
- MACHADO, Arlindo, MAGRI, Caio e MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres: a reforma agrária no ar**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem - Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1986, 163p.
- MARTINS, José de Souza. **A reforma agrária e os limites da democracia no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1986.
- MELO, José Marques de. **Comunicação e Libertação**. Petrópolis, Vozes, 1981.
- MST. **Construindo o caminho**. São Paulo, MST, 1986.
- _____. **História da luta pela terra**. Cadernos de Formação nº 2. São Paulo, MST, 1986.
- PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- PERUZZO, Cécilia Kohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. (org.) **Comunicação e culturas populares**. São Paulo, INTERCOM, 1995.
- PRADO, Emílio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo, Summus, 1989.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo, Razão Social, 1992.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura - A comunicação e seus produtos**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- STÉDILE, João Pedro. **Entrevista Explosiva**. Revista Caros Amigos, nº 8, Rio de Janeiro, novembro/97.

RELATÓRIOS
.....

A COMUNICAÇÃO EM BUSCA DO SEU CAMINHO

*Adair C. Peruzzolo**

O objetivo destas páginas é apresentar, aos leitores de *Cadernos de Comunicação*, os tópicos mais marcantes da experiência que o Curso de Comunicação Social da UFSM viveu ao desenvolver o Projeto de Mestrado Inter-Institucional em parceria com a Escola de Comunicação da UFRJ, nos anos de 97 a 99.

A então Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, no primeiro semestre de 1995, preparou-se para implantar seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação, iniciando com o curso de Especialização em "Teorias e Estratégias em Comunicação", que se desenvolveu em 1996-97. Foi um programa voltado para formação e atualização de professores e profissionais que estavam envolvidos com atividades que mobilizavam técnicas, linguagens, instrumentos e procedimentos comunicativos. Um dos objetivos básicos dessa iniciativa foi a constituição de um lastro de experiência que viesse a desembocar num Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, com a oferta de Cursos regulares de Mestrado e Doutorado em Comunicação.

A iniciativa de buscar a oferta de Curso de Especialização, ainda que em parceria com outras instituições, tinha várias justificativas. Dentre elas, a inserção da Faculdade no sistema estadual e nacional de Pós-Graduação em Comunicação, quando já se encontravam funcionando no Rio Grande do Sul os Programas de Pós-Graduação da UFRGS, Unisinos e PUCRS e dez ao todo em nível nacional. De outra forma, procurava atender às vocações egressas, sim, dos cursos de Comunicação Social já em número de treze no Estado, mas tentava principalmente atender aos formados no Curso da UFSM que, na busca da continuidade dos seus estudos,

* Professor titular do Departamento de Ciências da Informação da UFSM, coordenador local do MINTER.

encaminhavam-se para os cursos afins da Filosofia, Sociologia e Política, Letras e, mesmo, Educação. A iniciativa vinha, portanto, a satisfazer essa demanda já existente, que sinalizava com segurança para rápidos aumentos.

O objetivo interno, entretanto, circunscrevia-se à vontade de criar um núcleo de pesquisa voltada para as peculiaridades e preocupações regionais, especialmente naqueles aspectos que diziam respeito às possibilidades da Faculdade de Comunicação Social de iniciar um processo de formação e reciclagem de profissionais da região, bem como de professores de comunicação para os Cursos emergentes no seu entorno como Cruz Alta, Ijuí, Santa Cruz, Passo Fundo e Bagé. Por isso, o projeto do Curso objetivava a atualização de professores e profissionais que estivessem primordialmente envolvidos em atividades de programas e/ou projetos que mobilizassem técnicas, instrumentos, linguagens e/ou procedimentos de comunicação. Foi seguramente a aposta em um novo patamar de serviços desenvolvidos e ofertados pela UFSM, tais como o de possibilitar respostas a conjuntos de problemas e questões que envolvessem processos e estratégias comunicacionais, que as sociedades regionais apresentavam. Foram pensadas, inclusive, as áreas que seriam beneficiadas com a iniciativa: as instituições que desenvolviam políticas públicas notadamente no âmbito da educação, da saúde, do cooperativismo, da extensão rural, do esporte e da informação, além de outros projetos sócio-culturais. Para tanto, a Faculdade contava com o assessoramento da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPOS, entidade que aglutina todos os Programas de Pós-Graduação em Comunicação do país, para a montagem do seu projeto, na pessoa do professor e doutor da Escola de Comunicação ECO-UFRJ, Antônio Fausto Neto, então, responsável pelo Ensino da Comunicação junto ao Conselho Federal de Educação.

Parcerias foram constituídas junto à Escola de Comunicação da UFRJ, à Faculdade Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS e à FIOCRUZ, para fomentar e amparar a novel experiência e, assim, garantir a solidez e bom andamento da iniciativa e, desse modo, assegurar resultados não só válidos mas principalmente ricos, pela natureza da localização geo-educacional do investimento. Enfim, as repercussões esperadas resumiam-se como sendo da ordem da melhoria das condições do exercício das funções fundamentais de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade; atualização de profissionais; o desenvolvimento da pesquisa; a entrada no sistema de Pós-Graduação em Comunicação do país; o estabelecimento de um sistema de cooperação técnico-acadêmica com a UFRJ, a UFRGS e a FIOCRUZ; e a abertura de novas oportunidades para os egressos da formação universitária regional que, para continuar o aprimoramento nos estudos, precisam deslocar-se para a Capital do Estado ou para o centro do País.

Enquanto se trabalhava na oferta do Curso de Especialização e se estruturava a oferta regular do Mestrado em Comunicação, surgiu

o convite da ECO-UFRJ para iniciarmos de imediato com a organização, em parceria, de um Mestrado Inter-institucional, de acordo com o Edital 01/96-01 da Coordenadoria de Desenvolvimento Institucional da CAPES, para assim irmos tomando experiência e, ao final do MINTER, já engrenarmos na nova modalidade pleiteada.

Foi assim que em 29.11.1996, foi publicado o Edital de abertura de inscrições e de seleção para o Mestrado Inter-Institucional em "COMUNICAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIA DA IMAGEM", oferecido em convênio com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - ECO-UFRJ, em "A Razão", principal órgão de circulação informativa impressa da região coberta pela influência da UFSM. A seleção foi levada a cabo nos dias 27 e 28 de dezembro, com 23 candidatos inscritos, pela Comissão de Seleção formada pelos Professores doutores Antônio Fausto Neto (representante da ECO-UFRJ), Gaspar Bianor Miotto e Adair Caetano Peruzzolo. Sob a presidência deste último, desenvolveu-se o processo de seleção, que se compunha de Prova de Língua Estrangeira, Análise de Currículo, desenvolvimento de texto sobre um tema sorteado de um conjunto de dez, durante duas horas, e Entrevista. O resultado final apurou 21 selecionados, sendo 9 da Universidade Federal de Santa Maria (4 professores do Departamento de Ciências da Informação, um do Departamento de Administração, um do Departamento de Arquivologia, uma aluna recém-formada proposta pelo DCI e dois técnicos administrativos); 4 professores do Curso de Comunicação da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC; 3 professores do Curso de Comunicação da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ; 3 do Curso de Comunicação da Universidade Regional da Campanha, Campus de Bagé - URCAMP; um do Curso de Publicidade de Cachoeira - ULBRA; e um professor da rede estadual de ensino cujo interesse de formação interessava ao Bacharelado de Artes Cênicas, que havia já cursado a Especialização nesta mesma área, na UFSM. A relação dos aprovados ficou assim constituída: Antônio Guilherme Filho Schmitz, Cristiane Carvalho Pinto, Domingos Sávio C. de Azevedo, Elizabeth Huber Moreira, Eneida Isabel Richter, Eugenia Maria M. da R. Barichello, Eunice Teixeira Olmedo, Glaíse B. Palma, Iria Catarina Oliveira Baptista, Jocélia Maris Mainardi, Karen C. Kraemer Abreu, Leonel Fernando A. Alves, Luciana Flores Battistela, Márcia Searpeline Campos, Mariângela S. Torrescasana, Paulo Afonso de O. Barrios, Paulo Zanini Durgante, Rogério Koff, Veridiana P. de Mello, Jair Alan Côtes Siqueira e Sibila Rocha.

Em 20 de janeiro de 1997 fez-se a instalação e procedeu-se à abertura do Curso com palestra proferida pelo Prof. Dr. Luiz Vidal Negreiros Gomes sobre "PRODUTIVIDADE ACADEMICA". A abertura do Curso seguiu-se, durante o restante do dia 20 e manhã do dia 21, um conjunto de *Seminários de Nivelamento* (com 9 horas/aula, primeira parte) ministrados pelo Prof. Dr. Adair C. Peruzzolo, Coordenador Operacional do Programa. A segunda parte desses *Seminários de nivelamento* foi desenvolvida nos dias 07 de agosto (4

horas) e 08 de setembro (3hs) totalizando um crédito. Na parte da tarde do dia 21 foram desenvolvidos os conteúdos da Disciplina de Comunicação e Discurso, pelo Prof. Dr. Milton José Pinto, conforme programação original, seguindo-se daí a seqüência de Curso planejada comparecendo ao Curso de Comunicação da UFSM os Professores doutores da UFRJ: Antônio Fausto Neto, Paulo Roberto Givaldi Vaz, Geraldo Nunes, Jeda Tucherman, Telênia Terezinha Hill, Carlos Alberto Messeder (então Decano do Centro Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ) e Janice Caiáfa.

Entre os Cursos, que ocorriam de modo concentrados, em módulos de uma semana, foram oferecidos diversos seminários de complementação teórica e metodológica. Assim, em 14 e 15 de julho de 1997 foram feitos *Seminários de Orientação de Estudo* e um *Seminário de Avaliação* do andamento do Curso de Mestrado e planejamento das atividades do semestre a seguir, com o Prof. Dr. Antônio Fausto Neto, da ECO/UFRJ, num total de 15 horas. Em 31 de outubro, com carga de 6hs (manhã e tarde), foi desenvolvido seminário sobre "*Métodos Qualitativos em Ciências Sociais*" com o Prof. Dr. Carlos Alberto Messeder; e nos dias 14 e 15 de novembro, data sugerida pelos alunos que, tomando o feriado, possibilitaria mais facilmente a ausência das próprias escolas, foi realizado seminário sobre "*Análise do Discurso em Comunicação*", pelo Dr. Antônio Fausto Neto. O seminário teve uma carga horária de 15hs, e valeu como um crédito curricular.

O Curso seguiu com regularidade até junho de 1998. E como previa o Edital 01/96-01, da CAPES e o Projeto de Oferta do Curso, de 15 de agosto a 15 de dezembro, os alunos transferiram-se para o Rio de Janeiro, realizando Estágio Acadêmico junto à Escola de Comunicação da UFRJ. O Estágio de quatro meses junto à instituição promotora tinha como objetivo mais marcante o fazer a experiência da convivência acadêmica num centro de ensino maior, com diferentes promoções e atividades.

Junto à Escola de Comunicação da UFRJ foram desenvolvidas as seguintes atividades:

a. *Frequência ao curso.* Cada aluno escolheu e matriculou-se, no mínimo, em uma disciplina, de acordo com sua necessidade e gosto (preferencialmente em função da dissertação), dentre as ofertadas. Por isso todos deveram apresentar-se na Escola de Comunicação da UFRJ na manhã do dia 17 de agosto de 1998, para receberem informações e efetuarem suas matrículas. Nesses momentos iniciais foram sempre acompanhados pelo Coordenador Operacional do Programa, conforme ficou planejado com o Coordenador do Programa na ECO e professores, a fim de efetuar uma ponte entre o andamento disciplinar havido e o iniciante.

b. *Participação em Seminários.* Cada aluno desenvolveu seminário na disciplina escolhida, como experiência acadêmica diversa da havida na UFSM em turma única.

c. *Entrevistas com professores.* Em função da própria

dissertação, cada aluno procurou encontros que pudessem auxiliá-lo no desenvolvimento dela, quer em vista dos conteúdos quer em vista da metodologia. De um modo mais regular e definido, procuraram-se encontros mais frequentes com o orientador, nas atividades de desenvolvimento da Dissertação.

d. *Seminário grupal.* Sendo que, com a matrícula feita de acordo com os interesses pessoais, o grupo poderia dispersar-se no tempo e no espaço, foram feitos dois encontros grupais para análise do andamento do grupo, das dissertações e das orientações (metodológicas e de conteúdos). Nesse sentido, o Coordenador Operacional do Programa viajou ao Rio para o Seminário Grupal de outubro e ao término do estágio, em dezembro, para avaliação do mesmo.

e. *Quanto aos orientadores das dissertações.* A Escola de Comunicação da UFRJ pôs à disposição dos alunos do MINTER (Mestrado Interinstitucional - Facos/UFSM) todos os professores doutores ligados à Escola de Comunicação e credenciou também os Professores doutores *Eduardo Guilherme Castro, Luiz Osório Cruz, Portella e Adair Caetano Peruzzolo*, da UFSM, para desenvolverem orientação de dissertações, de acordo com as preferências dos alunos. Os candidatos originariamente da UFSM foram, entretanto, aconselhados a procurar orientadores fora da própria instituição a fim de evitar a endogenia do saber e das metodologias.

Todos os alunos, tanto os 17 bolsistas da Capes quanto os demais, apresentaram-se na Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, e realizaram o Estágio Acadêmico programado, a saber, do dia 15 de agosto a 15 de dezembro de 1998.

Como dissemos, o Estágio consistiu (1^o) na matrícula efetiva em pelo menos um Curso (disciplina) regular oferecido pelo Programa de Pós-Graduação da ECO, com todas as responsabilidades decorrentes dessa matrícula tais como fazer-se presente às aulas, desenvolver seminários, apresentar trabalho monográfico e ser avaliado; (2^o) matricular-se na disciplina de Orientação de Dissertação, o que implicava em estabelecer um orientador que assumisse tais responsabilidades mediante documento arquivado na Secretaria do Curso; e (3^o) trabalhar sistematicamente o projeto de dissertação.

Dois eventos merecem aqui citação. Desistências expressas, dentre os bolsistas, apenas o caso do prof. Rogério Koff, do Departamento de Ciências da Informação, que havendo sido selecionado e elencado entre os bolsistas, entretanto sendo já Mestre em Filosofia, sujeitou-se à seleção para o Doutorado da ECO-UFRJ, no segundo semestre de 1997 (início do MINTER, portanto) e tendo sido aprovado, desistiu deste Mestrado. De acordo com entendimentos feitos com a CAPES, este bolsista desistente (que optou por algo maior) foi substituído pelo aluno Paulo Zanini Durgante, até então sem bolsa, restabelecendo o número original. O outro é o caso da Prof.ª Eugenia M. da R. Barichello que, sendo já Mestre em outra área não considerada afim à Comunicação Social,

mas havendo feito todos os créditos do MINTER, durante os anos de 1997 e 1998, participou da seleção para Doutorado na ECO-UFRJ, onde ingressou em dezembro de 1998 e apresentou sua Tese de Doutorado em outubro de 2000.

Quando da Seleção havida em dezembro de 96, dois professores do Centro de Ciências Sociais e Humanas foram apresentados pelo Diretor como candidatos em reconhecimento ao bom trabalho que sempre prestaram à UFSM, mesmo que excluídos dos critérios de concessão de bolsa pela CAPES. A Instituição Promotora aceitou essa pequena cota. Tais professores fizeram todas as atividades que os demais colegas fizeram, inclusive o Estágio na ECO. Um teve sua Dissertação avaliada e aprovada; o outro, estando com a dissertação pronta, aguarda reingresso para poder fazer sua apresentação.

Um outro candidato selecionado - foram ao todo 21 - não foi reconhecido pela CAPES como bolsista, pois não preenchia o requisito de carga horária de docência. Como esse anúncio foi feito quando já se haviam realizado dois módulos, as coordenações convieram que o aluno seguisse normalmente com os outros. Chegou a fazer todos os créditos e o estágio, entretanto ainda não tem a sua Dissertação ultimada. Assim sendo podemos compor este quadro final:

Ingressos no Programa	21
Reconhecidos pela CAPES	17
Dissertações - Defendidas	15
Por defender	01
Transitado para o Doutorado	01
Outros professores	04
Dissertação defendida	01
Por defender	02
Desistência em favor do doutorado direto sem créditos feitos	01

Das Dissertações, doze foram avaliadas com Bancas que se constituíram no recinto da ECO-UFRJ e quatro junto ao Curso de Comunicação Social da UFSM, em Santa Maria. No detalhe da foto, vê-se os coordenadores das duas instituições envolvidas, à direita o Prof. Dr. Emmanuel Carneiro Leão, Coordenador do Programa de Pós-graduação da ECO-UFRJ. Todos os bolsistas efetivamente tiveram experiência acadêmica na ECO-UFRJ, durante os quatro meses previstos, tendo como principal ocupação trabalhar o projeto de Dissertação, o que permitiu que 15 a entregassem em tempo hábil e a defendessem; um dilatou esse tempo e outro, em razão de diversas cirurgias sofridas, não apresentou sua Dissertação, entretanto reingressou e espera apresentá-la até meados de 2002. Do total de alunos ingressos no MINTER, apenas três ainda não a têm ultimada, mas se encontram em condição de fazê-lo brevemente.

Para concluir, irei fazer apenas uma breve observação pessoal de quem coordenou tal experiência, porque a avaliação feita pelos peritos consultores vai seguir junto a esta publicação, e aí o leitor poderá ter um ponto de vista mais isento. Mas investir num programa de pós-graduação é assumir um novo modelo de ensinar, o da exploração. Explorador é o professor que procura e vasculha teorias e novas idéias, pesquisa e experimenta. Isto significa estar atento a diferentes tipos de informação, a refletir constantemente e a formular novos pensamentos acerca das coisas e fenômenos do mundo. É fácil deixar-se atolar nas rotinas do cotidiano, entretanto, no compromisso com a pós-graduação, a cada projeto de aluno é um novo desafio, pois, novos pontos de reflexão e novas procuras são propostos ao trabalho cotidiano do estudar e pesquisar. Todo esse afã dedicado ao fazer conhecimento é como garoa firme e fininha que se derrama sobre os estudos da graduação. Tive a imensa satisfação de ver alunos do MINTER levando seus textos, os seguros ensinamentos dos doutos professores de ECO/UFRJ e a discussão das idéias dos seus projetos para dentro das suas salas de aulas. A bibliografia ampliou-se e adquiriu qualidade. As idéias inovaram-se. A rotina diária sofreu desvios e alguns sopros de entusiasmo alentaram as atividades cotidianas. Linhas de Pesquisa começaram a ser demarcadas e logo o Curso viu surgirem produções de artigos, relatórios de pesquisa e discussão de temáticas nunca antes vistas. A experiência da pós-graduação não conseguiu seguir imediatamente com seu curso regular, tão esperado por muitos, mas deixou no corpo docente uma profunda ânsia de que isso ocorra o mais brevemente possível.



Na foto, comemoração do ato de defesa da mestranda Encida Izabel S. Richter, da direita para a esquerda: Emmanuel Carneiro Leão - UFRJ, Luiz Antônio Richter - UFF, Encida Izabel Schirmer Richter - UFSM, Jocélia Maria Mainardi - UFSM, Telenia Terezinha de Souza Hill - UFRJ e Adair Peruzzolo - UFSM.

**A EXPERIÊNCIA DO MESTRADO
INTERINSTITUCIONAL EM
"COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA
DA IMAGEM" ECO-UFRJ / DCI -
UFSM**

*Eugenia M. da R. Barichello^a
Muniz Sodré^{ab}*

O projeto no qual a UFSM e a UFRJ estruturaram a parceria do Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Tecnologia da Imagem - MINTER, foi uma consequência natural de um programa de cooperação técnico-acadêmica que permitiu a realização de um curso de especialização "latu sensu" intitulado "Teorias e Estratégias de Comunicação", iniciado em 1995, envolvendo a contribuição da UFRJ. Na parceria estabelecida entre a Escola de Comunicação da UFRJ e o Departamento de Ciências da Informação do Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM tomou-se em consideração o processo de aceleração da formação de recursos humanos no interior do Rio Grande do Sul, especialmente aqueles de vinculação universitária, tendo em vista as atuais dificuldades que restringem e inibem o deslocamento de contingentes para a formação em centros universitários já consolidados. No caso específico da UFSM, desde 1994 existe um Plano Permanente de Gestão de Recursos Humanos, o qual dá prioridade à implementação de programas de educação em todos os níveis, como principal instrumento de valorização da Instituição e prevê a educação continuada de seus servidores.

Assim sendo, a experiência do MINTER, impulsionada pela UFSM e pela UFRJ, fundamentou-se não apenas nos bons resultados apresentados pelo programa de especialização, mas também pelas

^a Chefe do Departamento de Ciências da Informação da UFSM.

^{ab} Coordenador do Programa de Pós-graduação da ECO-UFRJ.

razões que se seguem:

a) Identidade compartilhada pelos respectivos programas, no sentido de uma abordagem voltada para as articulações entre Comunicação e Cultura;

b) o caráter de efeito multiplicador desta experiência, não apenas junto aos professores destas IES, mas junto a outros cursos de comunicação do Rio Grande do Sul que, funcionando na região onde se acha localizada a UFSM, puderam desfrutar dos resultados do programa, qualificando e capacitando seus professores. Vale lembrar que na área de influência da UFSM, há cinco novos cursos de graduação em Comunicação Social que reperem uma capacitação de recursos humanos;

c) a localização central de Santa Maria, do ponto de vista geo-cultural, caracteriza-se como escala para deslocamento, tanto no sentido das universidades dos países do Cone-Sul, quanto do eixo central do Brasil;

d) a inserção da UFSM numa rede de pós-graduação do campo da comunicação, medida essa que já vem sendo providenciada através de iniciativas como: solicitação de recursos junto ao CNPq; implantação do programa PET/CAPES; convênio de cooperação com Universidades cujos programas de pós-graduação já estão consolidados; e, finalmente, os cursos de especialização e mestrado cujos primeiros impactos na estrutura de ensino e pesquisa, bem como no mercado de trabalho da região, já se fazem sentir.

A seguir relacionamos os dados complementares, solicitados pela CAPES com relação ao relatório final do MINTER em Comunicação, Cultura e Tecnologia da Imagem UFSM-ECO/UFRJ, chamada 01-96/06, referentes às dissertações concluídas e apresentadas ao curso, tais como, títulos, resumos, composição e titulação das bancas examinadoras; distribuição das atividades de ensino e de orientação pelos docentes; data de implantação do Curso; datas em que foram oferecidas as disciplinas durante o curso, ementas, programas, bibliografia e avaliação; distribuição dos docentes, alunos e dissertações pelas linhas de pesquisa.

Data de implantação do curso: 20 de janeiro de 1997.

Data da última defesa de dissertação: 08 de novembro de 1999.

I - Produção científica

1.1 - Título da Dissertação: "A mídia e o exercício do poder na Atualidade."

Aluna: Elizabeth Huber Moreira

Data de defesa: 19 de julho de 1999.

Resumo: A dissertação parte da análise do exercício do poder durante a Modernidade, a partir da concepção de poder do filósofo Michel Foucault. O poder, para este pensador, não existe como objeto, mercadoria ou local topográfico que se possa ocupar. O poder só existe como relação, como jogo estratégico, que perpassa as relações sociais entre os homens e as instituições. A proposta do trabalho é mostrar que o exercício do poder na Atualidade passa pelos meios de comunicação e são eles que, hoje, ditam as regras de vida e padronizam comportamentos.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Paulo Roberto Vaz - UFRJ - Orientador (Doutorado)

- Prof. Dr. Márcio Tavares do Amaral (Doutorado)

- Prof. Dr. Henrique Antourí (Doutorado)

Conceito Obtido - A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas de Pensamento

1.2 - Título da Dissertação: "Universidade e discursividades jornalísticas na comunicação regional: o processo de visibilidade da UNICRUZ/RS."

Aluna: Sibila Rocha

Data de defesa: 20 de julho de 1999.

Resumo: A dissertação realiza um estudo de caso da Universidade de Cruz Alta - RS, analisando a construção de sua visibilidade pela mídia impressa local. Utiliza como referencial teórico-metodológico a semiologia dos discursos sociais e como *corpus* do estudo os acontecimentos publicados na mídia impressa sobre a implementação do Exame de Avaliação de Cursos de Graduação do Inep/MEC naquela universidade.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Aloísio Ramos Trinta - UFRJ - Orientador (Doutorado)
 - Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)
 - Prof. Dr. Paulo Roberto Vaz (Doutorado)
- Conceito Obtido - A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Simbólicos

1.3 - Dissertação: "Os neodândis dos anos 90. Plasticidade, hedonismo, gênero e atuação política dos Clubbers paulistanos."

Aluna: Jocélia Maris Mainardi

Data de defesa: 23 de julho de 1999.

Resumo: As configurações do mundo contemporâneo são reflexo de uma conjuntura que vem se construindo desde o início do século e, mais intensamente nas últimas três décadas. Vindas de várias fontes como a tecnologia, a economia, a psicologia e a semiótica, essas mudanças geraram a crise de categorias tidas como sólidas e inquestionáveis até há algumas décadas: o sujeito, o corpo, o Estado-Nação, a identidade, a separação entre os gêneros, dentre diversas outras. Além de uma nova configuração social, política e econômica, esse processo está dando origem a um novo sujeito. É nesse cenário que se insere a cultura juvenil "Club", objeto de estudo desta dissertação que tem base em uma pesquisa de campo realizada junto aos clubbers paulistanos.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Carlos Alberto Messeder-UFRJ- Orientador(Doutorado)
 - Prof. Dr. Micael Herschmann (Doutorado)
 - Profa. Dra. Ieda Tuckermann (Doutorado)
- Conceito Obtido - A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Sociais

1.4 - Dissertação: "A instrumentalização da comunicação empresarial na conquista da legitimidade política da empresa: a sujeição ao apelo ético contemporâneo."

Aluno: Márcia Scarpelini Santos

Data de defesa: 26 de julho de 1999.

Resumo: A dissertação objetiva analisar a atuação do profissional de Relações Públicas no sentido da obtenção da legitimidade política da empresa. Trata em especial da busca de

legitimação política da empresa por intermédio de um apelo ético.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Paulo Roberto Vaz - UFRJ - Orientador (Doutorado)
- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)
- Prof. Dr. Henrique Antouri (Doutorado)

Conceito Obtido - A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas de Pensamento

1.5 - Dissertação: "Jornalismo On-line: o caso JB"

Aluno: Glaíse Bohrer Palma

Data de defesa: 27 de julho de 1999.

Resumo: A dissertação tem como objetivo analisar a organização da mídia impressa em um novo suporte - o sistema reticular de comunicação. A análise é feita tendo como *corpus* do estudo o Jornal do Brasil em sua edição On-line. A metodologia compara a mídia impressa tradicional e as possibilidades e alterações trazidas pelo novo meio.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Profa. Dra. Raquel Paiva - UFRJ - Orientadora (Doutorado)
- Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral (Doutorado)
- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)

Conceito Obtido - A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Sociais

1.6 - Dissertação: "Terra Livre: a voz do MST."

Aluno: Mariângela Alves Torrescasana

Data de defesa: 01 de setembro de 1999.

Resumo: Este trabalho trata do papel das rádios comunitárias enquanto agentes de promoção de cidadania e preservação da cultura local e sua inserção nos movimentos sociais populares, especialmente aqueles vinculados à questão da terra, cujo maior expoente é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Profa. Dra. Raquel Paiva - UFRJ - Orientadora (Doutorado)
- Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral (Doutorado)
- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)

Conceito Obtido - A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Sociais

1.7 – Dissertação: “Televisão Universitária: uma reinvenção do local na tela.”**Aluno:** Leonel Fernando Aurélio Aires**Data de defesa:** 02 de setembro de 1999**Resumo:** A dissertação trata da ação local da televisão segmentada, especialmente dos canais universitários possibilitados através da Lei da TV a cabo. O trabalho foi realizado por intermédio de um estudo de caso da TV Universitária da Universidade de Santa Cruz –RS.**Composição e Titulação da Banca Examinadora:**

- Profa. Dra. Raquel Paiva – UFRJ – Orientadora (Doutorado)

- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)

- Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral (Doutorado)

Conceito Obtido – A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Sociais**1.8 – Dissertação: “Rádio: um meio estruturador do local.”****Aluna:** Veridiana Pivetta de Mello**Data de defesa:** 03 de setembro de 1999.**Resumo:** Estudo sobre a importância do rádio como meio de comunicação estruturador do local. Discussão sobre a ordem globalizante do mercado e os processos humanos de resistência. O fortalecimento do ambiente local através da organização da sociedade civil. A situação do rádio nos dias de hoje.**Composição e Titulação da Banca Examinadora:**

- Profa. Dra. Raquel Paiva – UFRJ – Orientadora (Doutorado)

- Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral (Doutorado)

- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)

Conceito Obtido – A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Sociais.**1.9 – Dissertação: “Reconhecendo o canal do conhecimento: um estudo dos contratos de leitura do canal Futura e da recepção de sua programação.”****Aluno:** Cristiane Carvalho Pinto**Data de defesa:** 03 de setembro de 1999.**Resumo:** A dissertação tem como marco teórico-

metodológico os estudos semiológicos dos discursos sociais. Trata-se de um estudo sobre os contratos de leitura colocados em operação pelo Canal Futura e do reconhecimento de sua proposta pelos receptores.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Geraldo Nunes – UFRJ – Orientador (Doutorado)

- Prof. Dr. Aloísio Ramos Trinta (Doutorado)

- Profa. Dra. Raquel Paiva (Doutorado)

Conceito Obtido – A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Simbólicos.**1.10 – Dissertação: “O efeito zapping nos anúncios da revista Veja, detectado em duas comunidades acadêmicas do Rio Grande do Sul.”****Aluno:** Paulo Afonso de Oliveira Barrios**Data de defesa:** 08 de setembro de 1999.**Resumo:** A dissertação tem como objetivo verificar o efeito do efeito “zapping” nos anúncios da revista Veja. Trata-se de um estudo de caso realizado junto a duas comunidades acadêmicas do Rio Grande do Sul e tem como marco teórico-metodológico os estudos semiológicos dos discursos sociais.**Composição e Titulação da Banca Examinadora:**

- Prof. Dr. Geraldo Nunes – UFRJ – Orientador (Doutorado)

- Prof. Dr. José Amarel Argolo (Doutorado)

- Prof. Dr. Aloísio Ramos Trinta (Doutorado)

Conceito Obtido – B

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Simbólicos.**1.11 – Dissertação: “Jornalismo esportivo na copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas.”****Aluno:** Antônio Guilherme Schimitz Filho**Data de defesa:** 28 de setembro de 1999.**Resumo:** A dissertação tem como objeto de estudo a análise das principais críticas jornalísticas feitas a jogadores e técnicos da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1998. Relacionou-se as apreciações jornalísticas com questões de entendimento tático e valores e princípios éticos que norteiam a atividade. Concluiu-se que o jornalista, na maioria das vezes,

posicionou-se como uma torcedor, ou como se estivesse assumindo a função de treinador, contrariando os princípios éticos da sua profissão.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Luiz O. C. Portella – UFSM-Orientador (Doutorado)
- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)
- Prof. Dr. Adair Caetano Peruzzolo (Doutorado)

Conceito Obtido – A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Simbólicos

1.12 – Dissertação: “Perfil do espectador de cinema em Santa Maria.”

Aluno: Jair Alan Cortês Siqueira

Data de defesa: 28 de setembro de 1999.

Resumo: O crítico de cinema tem a função de orientar o espectador, mas qual a influência desse trabalho junto ao público? Posta a questão, o objetivo da pesquisa foi traçar um perfil do espectador de cinema em Santa Maria. Pôde-se observar que há uma preferência pelos filmes mais divulgados pela mídia e que, embora seja respeitada como um meio de informação, a crítica de cinema não serve como um indicador para a maioria dos entrevistados.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Eduardo G. Castro – UFSM-Orientador (Doutorado)
- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)
- Prof. Dr. Gaspar Bianor Miotto (Doutorado)

Conceito Obtido – B

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Simbólicos

1.13 – Dissertação: “Charge gaudéria: um estudo das charges temáticas sobre o 20 de setembro e a reprodução da identidade cultural gaúcha na mídia impressa de Porto Alegre”

Aluno: Domingos Sávio Campos de Azevedo

Data de defesa: 08 de novembro de 1999.

Resumo: Este trabalho, partindo de uma análise etnográfica da comunicação impressa dos dois principais jornais diários de Porto Alegre, procura verificar as relações de sentido que existem entre o discurso chargístico e os discursos publicitário e jornalístico, que tem como tema o “20 de setembro”; e a produção e reprodução de uma

noção de identidade gaúcha, observando, se existe, uma função ideológica nestes discursos. Foi utilizada a metodologia hermenêutica aplicada a partir do referencial teórico de J.B. Thompson (1995).

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Profa. Dra. Ilana Strozemberg – UFRJ-Orientadora (Doutorado)
- Profa. Dra. Heloisa Buarque de Holanda (Doutorado)
- Prof. Dr. Carlos Alberto Messeder (Doutorado)

Conceito Obtido – A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Sociais

1.14 – Dissertação: “Comunicação e luteranismo: um estudo sobre a comunidade evangélica de Santa Maria.”

Aluna: Encida Izabel Schirmer Richter

Data de defesa: 21 de outubro de 1999.

Resumo: Estudo da ação de comunicação da comunidade evangélica de Santa Maria, através da atuação de seus grupos de vivência luterana e do culto como ritual cristão. Observação e análise das modalidades de cultos realizados e investigação dos grupos de vivência no sentido de descrever o seu contexto comunicacional.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Profa. Dra. Telênia de S. Hill-UFRJ-Orientadora (Doutorado)
- Prof. Dr. Emmanuel Carneiro Leão (Doutorado)
- Prof. Dr. Adair Caetano Peruzzolo (Doutorado)

Conceito Obtido – A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Simbólicos

1.15 – Dissertação: “A comunicação estratégica de empresas em Santa Maria.”

Aluna: Luciana Flores Batistella

Data de defesa: 21 de outubro de 1999.

Resumo: A dissertação estuda a comunicação mercadológica de empresas, em Santa Maria, a partir das considerações sobre as concepções culturais dos empresários da localidade acerca de seus concorrentes e do poder midiático na sociedade contemporânea.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Profa. Dra. Telênia Terezinha de Senna Hill – UFRJ – Orientadora (Doutorado)
- Prof. Dr. Emmanuel Carneiro Leão (Doutorado)

- Prof. Dr. Adair Cactano Penazzolo (Doutorado)

Conceito Obtido - A (excelente)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Simbólicos

1.16 - Tese: "Universidade e Comunicação: identidade institucional, legitimidade e territorialidade na cena da nova ordem tecno-cultural."

Aluna: Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello

Data de defesa: 04 de outubro de 2000

Resumo: O trabalho propõe uma interpretação do conceito de universidade tendo como fundamentação as suas relações comunicacionais com a sociedade. Partindo do princípio de que a universidade é uma comunidade do saber, procura entender como a noção de universidade vem sendo atualizada e reinterpretada através dos tempos, por intermédio da comunicação e da partilha de significados entre a comunidade universitária e a sociedade. Busca descrever a diferença entre o conceito abstrato de universidade e o movimento da instituição através da história proporcionado pela comunicação e, para tanto, conta com um estudo de caso da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Conclui que a universidade constrói, por meio de suas práticas comunicacionais, uma dupla identidade: a primeira diz respeito à sua legitimação e resulta, hoje, da posição que ela ocupou na modernidade em relação ao Estado e à cultura nacional; a segunda resulta do projeto coletivo da comunidade universitária, responsável pela inserção particular de cada instituição em um determinado território e por sua atuação concreta.

Composição e Titulação da Banca Examinadora:

- Prof. Dr. Muniz Sodré de A. Cabral - UFRJ-Orientador (Doutorado)

- Prof. Dr. Pedro Garcia (Doutorado)

- Prof. Dr. Gaudêncio Frigotto (Doutorado)

- Profa. Dra. Raquel Paiva (Doutorado)

- Prof. Dr. Geraldo Nunes (Doutorado)

Conceito Obtido - A (Aprovada com louvor)

Linha de Pesquisa: Comunicação e Sistemas Sociais

2.- Distribuição das atividades de ensino e orientação pelos docentes

2.1. - Prof. Dr. Paulo Roberto Vaz (UFRJ) ministrou uma disciplina na UFSM e orientou 02 dissertações na linha de pesquisa Comunicação e Sistemas de Pensamento.

2.2. - Prof. Dr. Geraldo Nunes (UFRJ) ministrou uma disciplina na UFSM e orientou 03 dissertações na linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Simbólicos.

2.3. - Prof. Dra. Raquel Paiva (UFRJ) ministrou uma disciplina e orientou 04 dissertações na linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Sociais.

2.4. - Prof. Aloísio Ramos Trinta (UFRJ) ministrou uma disciplina e orientou 01 dissertação na linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Simbólicos.

2.5. - Professora Ilana Strozemberger (UFRJ) ministrou uma disciplina e orientou 01 dissertação na linha de Pesquisa Comunicação e Sistemas Sociais.

2.6. - Prof. Carlos Alberto Messeder (UFRJ) ministrou 01 disciplina e orientou 01 dissertação na linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Sociais.

2.7. - Professora Dra. Telênia Terezinha de Senna Hill (UFRJ), orientou 02 dissertações na linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Simbólicos.

2.8. - Prof. Dr. Luiz Osório Cruz Portella (UFSM), orientou 01 dissertação.

2.9. - Prof. Dr. Eduardo Guilherme Castro (UFSM) orientou 01 dissertação.

2.10. - Prof. Dr. Milton José Pinto (UFRJ), ministrou duas disciplinas na UFSM.

2.11. - Prof. Dr. Antônio Fausto Neto (UFRJ), ministrou duas disciplinas na UFSM.

2.12. - Prof. Dra. Ieda Tuckermann (UFRJ), ministrou uma disciplina na UFSM.

2.13. - Prof. Dra. Janice Caiafa (UFRJ), ministrou uma disciplina na UFSM.

2.14. - Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral (UFRJ) orientou 01 tese de aluna do mestrado que ingressou no Programa de Doutorado da (UFRJ) através de seleção pública, em dezembro de 1998, na linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Sociais.

3 - Disciplinas ministradas em Santa Maria, datadas em que foram oferecidas, ementas, programas, bibliografia e avaliação

3.1. ECS 701 - Disciplina Comunicação e Discurso I (Módulo Disciplinar Comunicação e Discurso)

Data em que foi oferecida: 21 de janeiro a 28 de fevereiro de 1997.

Carga horária: 45h - 3 créditos

Professor: Dr. Antônio Fausto Neto (UFRJ)

Ementa: Conhecimento crítico da televisão, em sua qualidade de meio de difusão coletiva, unidade significante e referência sócio-cultural. Programa: Dimensão técnica da TV; Dimensão Semiótica da TV; Dimensão Pragmática da TV; Imagem da TV em três dimensões.

Bibliografia:

ALMEIDA, C.J. Mendes de. ARAÚJO, M. Elisa. *As perspectivas da televisão brasileira ao vivo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MATUCK, Arthur. *O potencial dialógico da televisão, comunicação e arte na perspectiva do receptor*. São Paulo: Anna Blume/ECA-USP, 1995.

NOVAES, Adauto (org.) *Rede Imaginária, televisão e democracia*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Companhia das Letras, 1991.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação - média de 15 a 30 páginas)

Local do desenvolvimento das atividades: UFSM

Alunos: Todos os alunos matriculados na UFSM

3.2. ECS 705 - Disciplina Comunicação e Produção de Sentido I (Módulo Disciplinar Comunicação e Cultura de Massa)

Data em que foi oferecida: 17 a 24 de fevereiro de 1997.

Carga Horária 45 h - 3 créditos.

Local: UFSM

Professor: Dr. Milton José Pinto (UFRJ)

Ementa: Prática de análise semiológica dos discursos do ponto de vista das marcas de enunciação que suas condições de produção deixam no texto produzido.

Programa: Semiologia dos Discursos Sociais; princípios teóricos e metodológicos para a Análise de Discursos; Intertextualidade, Tipos, gêneros e espécies de discursos, Mercado simbólico, arquivo e

ordem de discursos; A imagem como sistema semiótico. Signos Icônicos e Iconográficos. Imagem e discurso, Marcas de enunciação da imagem.

Bibliografia:

PINTO, M.J. *Semiologia e Imagem*. In: BRAGA, J.L.; PORTO, S.D. e FAUSTO NETO, A. (Orgs.) *A encenação dos sentidos*. Rio de Janeiro: Diadorim/COMPÓS, 1995.

_____. *Marcas de enunciação em imagem*. In: ECO - *Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1997.

VERON, E. *Le Hibou*. In: *Communications*, 28. Paris: Seuil, 1978.

_____. *L'Espace du soupçon*. In: DUBOIS, P. & WILKIN, Y. (Orgs.) *Language et Communication*. Louvain-la-Neuve: Cabay, 1982.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação - média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFSM

Alunos: Todos os alunos matriculados na UFSM

3.3. ECS732 Disciplina Comunicação e Problemas da Técnica II (Módulo Disciplinar Comunicação e Sociedade)

Data em que foi oferecida: 21 a 26 de julho de 1997.

Carga Horária 45h - 3 créditos

Professor: Dr. Paulo Roberto Vaz (UFRJ)

Ementa: O curso estudará as transformações éticas e políticas provocadas pelas novas tecnologias através da modificação que produzem na definição do pensamento. Será historiada a relação entre representação e incerteza.

Programa: Sec. XVI - A mente como espelho e olho interno. Sec. XIX - representação, corpo e história, reflexividade e Transgressão, 1945: Representação e Simulação; tecnologia e sujeito, limitação do possível e incerteza. 1945: Distância e incerteza.

Bibliografia:

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GAUCHET, M. *L'inconscient cerebral*. Paris: Seuil, 1992.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: 34-Letras, 1994.

BAUDRILLARD, J. *A ilusão do fim*. Lisboa: Terramar, 1998.

DENNET, O. *Brainchildren*. Massachusetts: Mitpress, 1998.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de

dissertação – média de 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFSM

Alunos: Todos os alunos matriculados na UFSM

3.4. ECS716 - Disciplina Sistemas Alternativos de Comunicação no Brasil III (Módulo Comunicação e Cultura)

Data em que foi oferecida: 13 a 17 de outubro de 1997.

Carga Horária 45h – 3 créditos

Professora: Dra Janice Caiafa (UFRJ)

Ementa: Reinvenção e diferença cultural nas cidades; as cidades e a história das mídias; Mauss e o cinema. .

Programa: Comunicação e contemporaneidade; Produção de subjetividade, espaço urbano e mídia; A questão da subjetividade em Deleuze e Foucault: subjetividade como linha de resistência. O confronto entre cinema e televisão: suplemento e aura; Benjamin, Dancy e Deleuze.

Bibliografia:

BENJAMIN, W. *O Narrador*.

CAIAFA, J. Espaço-tempo urbano: cidades, território e conduta. In: *Tecendo saberes*. Rio de Janeiro: Diadorim/CFCH-UFRJ, 1995.

DELEUZE, G. *As dobras ou o lado de dentro do pensamento*.

GUATTARI, F. *Caosmose*.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolíticas. Cartografias do desejo*.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFSM

Alunos: Todos os alunos matriculados na UFSM

3.5. ECS770 - Disciplina Comunicação e Estruturas Narrativas II (Módulo Comunicação e Sujeito)

Data em que foi oferecida: 19 a 23 de janeiro de 1998.

Carga Horária 45h – 3 créditos

Professora: Dra Ieda Tuckermann (UFRJ)

Ementa: O curso discute os temas relativos a sujeito-corpo-novas tecnologias.

Programa: Processos de identidade e subjetividade a partir da questão do corpo; exclusões e inclusões, diferenças e alteridades; O diálogo tecnologia e arte na concepção do corpo contemporâneo; O

corpo como lugar do outro, modelos de estrangeiridade.

Bibliografia:

SERRES, M. *Atlas*. Paris: Lulliard, 1994.

BADIOU, Alain. *Ética*. Paris: Minuit, 1993.

KERCKOVE, Derik de. *A pele da cultura*. Lisboa: relógio d'água, 1997.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFSM

Alunos: Todos os alunos matriculados na UFSM

3.6. ECS749 - Disciplina Comunicação e Sociedade II (Módulo Comunicação de Massa e Produção de Sentido)

Data em que foi oferecida: 16 a 19 de fevereiro de 1998.

Carga Horária 45h – 3 créditos

Prof. Dr. Antonio Fausto Neto (UFRJ)

Ementa: Estudo da produção, recepção e circulação do sentido. O campo midiático e suas variadas operações de significação.

Programa: As três dimensões do processo de produção do sentido: poder, saber e fazer; Linguagem e regras de sentido; Globalização e oferta de sentido.

Bibliografia:

CHARADEUAU, P. *Le discours d'information médiatique. La construction du miroir social*. Paris: NATHAN/Institut National de l'Audiovisuel, 1997.

MOULLAUD, M.; PORTO, S. D. *O jornal, da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

FAUSTO NETO, A. *O impeachment da televisão. Como se cassa um presidente*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

_____. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e captura de recepção. *Textos de Comunicação e Cultura*, n.27.

PERUZZOLO, Adair. *Comunicação e prática política*. Série Documentos para discussão, 2. Santa Maria: UFSM/CCSH, 1998.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFSM

Alunos: Todo o grupo matriculado na UFSM

3.7. ECS703 - Disciplina Comunicação e Discurso III (Módulo Comunicação e Discurso)

Data em que foi oferecido: 20 a 25 de julho

Carga Horária 45h – 3 créditos

Prof. Dr. Geraldo Nunes (UFRJ)

Ementa: Discussão a respeito de aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a comunicação e a significação.

Programa: Evolução da concepção de comunicação. Semântica estruturalista. Consumo de sentido. Discurso e representação.

Avaliação das metodologias propostas pelos alunos.

Bibliografia:

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso*.

CANCLINI, N.G. *Del arte a los medios: relatos sobre la interacción Latina-Estados Unidos*. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL MÍDIA E PERCEÇÃO SOCIAL. Anais. Rio de Janeiro, maio de 1998.

CULIOLLA, A. *A formalização*.

SAID, E. *Orientalismo*.

VERÓN, E. *Semiões de la Mediatización*. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL MÍDIA E PERCEÇÃO SOCIAL. Anais. Rio de Janeiro, maio de 1998.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFSM

Alunos: Todo o grupo matriculado na UFSM

O Módulo Disciplinar Comunicação e Sistemas de Pensamento, em função da greve das universidades federais foi transferidos para o segundo semestre de 1998, durante o estágio dos alunos junto ao Programa de Pós Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ. Durante o estágio na UFRJ os alunos tiveram a oportunidade de complementar os seus créditos e a disciplina que faltava para integralizar os créditos foi escolhida junto com o apoio do coordenador do programa e dos respectivos orientadores.

4 - Disciplinas cursadas pelos alunos junto à ECO-UFRJ no segundo semestre de 1998.

4.1. ECS 727 - Disciplina Comunicação e Sistemas de Pensamento I

Carga Horária 45h – 3 créditos

Data em que foi oferecida: Segundo Semestre de 1998

Carga Horária 45h – 3 créditos

Prof. Dr. Paulo Roberto Vaz (UFRJ)

Ementa: O global como emergência traumática entre moderno e contemporâneo. Análise, síntese, fundamento e verdade.

Programa: O trauma contemporâneo, a totalidade e a síntese. Emergência do global. A impotência da síntese. Singular, local, total. Informação, virtualidade e sentido. Verossimilhança, simulação e sedução.

Bibliografia:

CARNEIRO LEÃO, E. *Aprendendo a pensar II*. Petrópolis: Vozes.

AMARAL, M. T. *O Homem sem Fundamentos*. Rio de Janeiro: UFRJ/Tempo Brasileiro, 1995.

FOUCAULT, M. *La pensée du Dehors*. In: Dits et Écrits. Paris: Galimard.

HEIDEGGER, M. *O que constitui a essência de um fundamento ou razão*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção os Pensadores)

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas). Local do desenvolvimento das atividades: UFRJ

Alunos:

Luciana Flores Batistela

Isabel Schimer Richter

Elizabeth Huber Moreira

Eugenia Maria Mariano da Rocha Barchello

Glaise Bohrer Palma

Paulo Zanini Durgante

4.2. ECS720 - Disciplina Comunicação e Cultura de Massa III

Carga Horária 45h – 3 créditos

Data em que foi oferecida: Segundo Semestre de 1998

Carga Horária 45h – 3 créditos

Prof. Dr. Geraldo Nunes (UFRJ)

Ementa: A mídia enquanto componente constitutivo fundamental do espaço institucional onde interagem os discursos sociais. Ênfase particular será dada às novas características de um discurso "popular" que se volta para a população de baixa renda que foi promovida à categoria de "novos consumidores do real, do local e do

global”.

Programa: O programa de trabalho continuará contemplando prioritariamente uma discussão dos problemas metodológicos na abordagem do funcionamento social dos fenômenos discursivos. O discurso da mídia, incluindo o discurso da publicidade, mantém um espaço privilegiado nas discussões. Haverá ainda uma introdução da aplicação do conceito de “sofrimento a distância” (Boltanski, 1993) à análise dos programas televisivos populares.

Bibliografia:

BOLTANSKI, L. *La Souffrance à distance*. Paris: Métailié, 1993.

CANCLINI, N.G. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

LACLAU, E. *Emancipación y Diferencia*. Buenos Aires: Espasa Calpe/Ariel, 1996.

TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Loyola: São Paulo, 1997.

TURKLE, S. *La vida en la Pantalla*. Barcelona: Paidós, 1997.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFRJ

Alunos:

Leonel Fernando Aurélio Aires

Paulo Afonso de Oliveira Barrios

Sibila Rocha

Eugenia Mariano da Rocha Barchello

Cristiane Carvalho Pinto

Iria Catarina Queiroz Baptista

Karin Cristina Kramer Abreu

4.3. ECS748 - Disciplina Comunicação e Sociedade I

Carga Horária 45h – 3 créditos

Data em que foi oferecida: Segundo Semestre de 1998

Carga Horária 45h – 3 créditos

Profa. Dra. Raquel Paiva (UFRJ)

Ementa: Discussão sobre a configuração da sociedade atual a partir da ideia hegemônica do globalismo. Visualização de estruturas sociais periféricas e elásticas, capazes de promover alterações e partilhas. Análise da possibilidade de um horizonte comunitário no ciberespaço.

Programa: Identidade e Individualismo, Nomadismo Societário, Cooperativismo, Solidariedade, Sociabilidade e Mídia, Ação Comum, Participação e Fé, Convergência Tecnológica.

Bibliografia:

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y Asociacion*. Editora Península

RORTY, Richard. *Contingência, Ironia e Solidariedade*.

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar*. Lisboa: Relógio d'água.

TAYLOR, Charles. *La Malaise de la Modernité*. Paris: Du Cerf.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFRJ

Alunos:

Mariangela Alves Torrescasana

Veridiana Pivetta de Mello

4.4. ECS710 - Comunicação e Produção Artística I

Carga Horária 45h – 3 créditos

Data em que foi oferecida: Segundo Semestre de 1998.

Carga Horária 45h – 3 créditos

Prof. Dr. Consuelo Lins

Ementa: Mutações da imagem a partir dos anos 60, Clichê e simulacro na produção de imagens cinematográficas.

Programa: O cinema depois da Segunda Guerra e do advento da TV; Cópia, Clichê, factício e simulacro: formas e metamorfoses da imagem cinematográfica. O cinema nos anos 80. A saturação da imagem e o cinema contemporâneo.

Bibliografia:

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BONITZER, Pascal. *Le champ aveugle*. Paris: Cahiers du cinema/Gallimard, 1982.

JAMESON, J. *As marcas do visível*. Graal, 1995.

XAVIER, I. *Alegorias do subdesenvolvimento*. Brasiliense, 1993.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFRJ

Aluno:

Jair Alan Cortes Siqueira

4.5. ECS762 - Disciplina Comunicação e Antropologia III

Carga Horária 45h – 3 créditos

Data em que foi oferecida: Segundo Semestre de 1998

Carga Horária 45h – 3 créditos

Prof. Dr. Carlos Alberto Messeder

Ementa: Análise e reflexão da construção e consolidação, no debate acadêmico e no debate cultural mais amplo, de um discurso em torno do gênero masculino.

Programa: O debate sobre o masculino enquanto categoria discursiva; a discussão em torno das questões de gênero "do ângulo masculino"; a desconstrução do masculino – homem x masculino x masculinidades; categorias discursivas.

Bibliografia:

KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MOSSE, George. *The image of man*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1996.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Que homem é esse? O masculino em questão. In: NOLASCO, S. *A Desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFRJ

Aluna:

Jocélia Maris Mainardi

4.6. ECS773 Disciplina Comunicação e Sistemas de Educação I

Carga Horária 45h – 3 créditos

Data em que foi oferecida: Segundo Semestre de 1998.

Prof. Dr. Emmanuel Carneiro Leão (UFRJ)

Ementa: O curso visa discutir as relações entre Educação e Mídia e apresenta a ética como fonte de articulação de todo o relacionamento educacional.

Programa: A Questão da Ética como relação; Eticismo e Mídia; Ética e Ciência; Mídia e Função Paterna.

Bibliografia:

LACAN. *Ética e Psicanálise*

FREUD. *Totem e Tabu*

BAUDRILLARD, J. *A Transparência do Mal*.

SODRÉ, M. *Reinventando a Cultura*.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFRJ

Aluno:

Domingos Sávio de Azevedo

4.7. ECS758 – Problemas Teóricos da Comunicação III

Carga Horária 45h – 3 créditos

Data em que foi oferecida: Segundo Semestre de 1998.

Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral (UFRJ)

Ementa: O individual e o singular. A comunidade litúrgica afro-brasileira. Discursos e mal identificações. Imprensa negra.

Programa: Indivíduo e grupo; Comunidade e história. Liturgia e sociedade; Ficção e identidade; Roça e discurso; Práxis identitários.

Bibliografia:

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade*. Petrópolis: Vozes.

PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum*. Petrópolis: Vozes.

BONFIM, Manuel. *O Brasil Nação*. Topbooks.

AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose*. Vozes.

Avaliação: Feita através de monografias individuais elaboradas pelos alunos relacionando o conteúdo da disciplina com o seu projeto de dissertação – média de 15 a 30 páginas).

Local do desenvolvimento das atividades: UFRJ

Aluno:

Eugenia Mariano da Rocha Barichello

OBS: Os alunos Paulo Zanini Durgante, Iria Catarina Queiroz Baptista e Karin Cristina Kramer Abreu e Eunice T. Olmedo obtiveram os créditos necessários em disciplinas, realizando inclusive o estágio junto a UFRJ, mas não defenderam suas dissertações. Os alunos eugenia m. Da R. Barichello e Rogerio Ferner Koff transitaram para doutorado.

O presente relatório ainda se fez acompanhar de cópia das atas de defesa de dissertação de mestrado, bem como dos respectivos históricos escolares dos mestrandos, emitidos pela ECO-UFRJ.

5 - Distribuição dos docentes, alunos e dissertações pelas linhas de pesquisa

5.1. Linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Sociais

Professores orientadores:

- 1 - Profa. Dra. Raquel Paiva
- 2 - Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral
- 3 - Prof. Dr. Carlos Alberto Messeder Pereira

Alunos:

- 1 - Gláise Bohrer Palma
- 2 - Mariângela Torrescasana
- 3 - Jocélia Maris Mainardi
- 4 - Veridiana Pivetta de Mello
- 5 - Leonel Fernando Aurélio - Aires
- 6 - Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello

5.2. Linha de pesquisa Comunicação e Sistemas Simbólicos

Professores orientadores:

- 1 - Prof. Dr. Geraldo Nunes - UFRJ
- 2 - Prof. Dr. Aloisio Ramos Trinta - UFRJ
- 3 - Prof. Dra. Telênia Hill - UFRJ
- 4 - Prof. Dr. Luiz Osório Cruz Portella - UFSM
- 5 - Prof. Dr. Eduardo Guilherme Castro - UFSM
- 6 - Profa. Dra. Ilana Strozemberger

Alunos:

- 1 - Sibila Rocha
- 2 - Cristiane Carvalho Pinto
- 3 - Paulo Afonso de Oliveira Barrios
- 4 - Antonio Guilherme Schimitz Filho
- 5 - Eneida Izabel Schirmer Richter
- 6 - Luciana Flores Batistella
- 7 - Jair Alan Cortês Siqueira
- 8 - Domingos Sávio Campos de Azevedo

5.3. Linha de pesquisa Comunicação e Sistemas de Pensamento

Professor Orientador:

- 1 - Prof. Dr. Paulo Roberto Vaz - UFRJ

Alunos:

- 1 - Elizabeth Huber Moreira
- 2 - Márcia Scarpelini Santos

Quadro resumo das dissertações por linhas de pesquisa

Linha de pesquisa Dissertações	Orientadores	
Comunicação e Sistemas Sociais	3	6
Comunicação e Sistemas Simbólicos	0	8
Comunicação e Sistemas de Pensamento	1	2
Total	10	

Quadro resumo dos alunos que defenderam dissertações e suas instituições de origem

Nome do Aluno	Instituição de origem
Antônio G. S. Filho	Centro de Educação Física-UFSM (S. Maria)
Cristiane C. Pinto	Curso de Comunicação Social-UNICRUZ (Cruz Alta)
D. S. C. de Azevedo	Curso de Comunicação Social-URCAMP (Bagé)
E. I. S. Richter	Departamento de Arquivologia-UFSM (S. Maria)
E. H. Moreira	Curso de Comunicação Social-UNISC (S. Cruz do Sul)
E. M. da R. Barichello	Depo. Ciências da Informação-UFSM (S. Maria)
Eunice T. Olmedo	Depo. Ciências da Informação-UFSM (S. Maria)
Gláise Bohrer Palma	Depo. Ciências da Informação-UFSM (S. Maria)
Iria C. O. Baptista	Curso de Comunicação Social - UNISC (S. Cruz do Sul)
Jair Allan Cortês Siqueira	Rádio Universidade-UFSM (S. Maria)
Jocélia Maris Mainardi	Depo. Ciências da Informação-UFSM (S. Maria)
Karin C. K. Abreu	Curso de Comunicação Social-UNISC (S. Cruz do Sul)
Leonel F. A. Aires	Curso de Comunicação Social-UNISC (Santa Cruz do Sul)
Luciana F. Batistella	Depo. de Ciências Administrativas-UFSM (S. Maria)
Mariângela A. Torrescasana	Curso de Comunicação Social-URCAMP (Bagé)
Márcia Santos	Curso de Comunicação Social-UNISC (S. Cruz do Sul)
Paulo A. O. Barrios	Curso de Comunicação Social-ULBRA (Cachoeira do Sul)
Paulo Zanini Durgante	Faculdades Palotinas (S. Maria)
Rogerio Ferrer Koff	Depo. de Ciências da Informação-UFSM (S. Maria)
Sibila Rocha	Curso de Comunicação Social-UNICRUZ (Cruz Alta)
Veridiana P. Mello	Curso de Comunicação Social - UNISC (S. Cruz do Sul)

A avaliação realizada pelos especialistas destacados pela CAPES, Profa. Maria Amélia Aragão e Prof. Sérgio Caparelli (apresentados nessa mesma edição, a seguir), concedem redobrados argumentos que sustentam a eficiência da proposta e o êxito de sua realização.

**RELATÓRIO DE VISITA DO MESTRADO
INTERINSTITUCIONAL EM
"COMUNICAÇÃO E CULTURA",
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
MARIA***

*Maria Amélia Aragão
Sérgio Caparelli***

Curso: Mestrado Interinstitucional em
"Comunicação e Cultura"

IES Receptora: Universidade Federal de Santa Maria

IES Promotora: Universidade Federal do Rio de Janeiro

Período de visita: 23 e 24 de Março de 1999.

Quando se fala em universidade do interior do estado, predomina a imagem de alguns edifícios esparsos na geografia urbana, predominância absoluta da graduação sobre a pesquisa e sobre a pós-graduação e uma área de influência local. Não é o que acontece com a Universidade Federal de Santa Maria, localizada na região centro-oeste do Estado, com seus mais de 12 mil alunos, 1400 professores, 2800 vagas oferecidas por ano, sendo perto de 500 delas destinadas aos 10 programas de Doutorado e 22 de Mestrado.

A constatação acima pode parecer descabida como início de um relatório de visita, mas ela tem validade quando a avaliação leva em conta também o entorno onde as atividades docentes e de pesquisa acontecem. Neste caso, seria necessário acrescentar que a Universidade Federal de Santa Maria está situada no centro-oeste do Rio Grande do Sul, com seu campus desdobrando-se até cidades

* O presente relatório é reprodução da cópia encaminhada, conforme ofício/ CDE/CAPES N° 441-03, de 05 de julho de 1999, ao Pró-Reitor de Pós-graduação da UFSM, Prof. Ney Pippi, por Elianora Cavalcanti de Barros, Coordenadora de Desenvolvimento Institucional, da CAPES/MEC, no qual comunica o envio do Relatório de Visita do Mestrado Interinstitucional em "Comunicação e Cultura" dessa universidade, tendo como proponente a UFRJ, para conhecimento das condições de avaliação do funcionamento do curso.

** Consultores da CAPES/MEC.

como Frederico Westphalen, Iraí e Jaguari. Trata-se da primeira universidade a se interiorizar, numa época (criada em 1961) em que existiam universidades apenas nas capitais. Quanto à área de Comunicação propriamente dita, o mestrado, em processo e avaliação, existe dentro da Faculdade de Comunicação Social, em que o Jornalismo foi um dos cursos brasileiros a receberem triplice "A", na avaliação do ano passado, feito pelo Ministério da Educação e Cultura.

Passaremos, a seguir, a um detalhamento da visita feita ao Mestrado Interinstitucional em "Comunicação e Cultura". Para isso, optamos por seguir o roteiro proposto pela CAPES.

Coordenação: a visita de Santa Maria contou com o coordenador da entidade receptora, professor Adair Caetano Peruzzolo, e com um representante do coordenador da entidade promotora, professor Milton José Pinto. Já aqui se evidencia um problema de coordenação, na medida em que o coordenador da entidade promotora é o professor Emmanuel Carneiro Leão. Essa ausência não foi acidental, ocorrendo apenas por ocasião da visita, mas revelou uma ausência física mais sistemática, pois professor Emmanuel Carneiro Leão não se deslocou nenhuma vez até a sede da instituição receptora.

Aparentemente, as questões que necessitavam um contato maior entre aquele coordenador, professor Emmanuel Carneiro Leão, e o coordenador local, professor Adair Caetano Peruzzolo, foram resolvidas com viagens frequentes deste último ao Rio de Janeiro. Igualmente, o professor Antônio Fausto Neto, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez seis visitas à Santa Maria, servindo de intermediário entre as duas instituições. Mesmo que os problemas mais prementes tenham sido resolvidos, acredita-se que a ausência do coordenador da entidade promotora redobre a responsabilidade do coordenador local, provocando um desequilíbrio, como se se tratasse de uma subordinação de papéis e não de uma relação equilibrada. Talvez o cerne do problema esteja na sobrecarga que os coordenadores do Mestrado e de Doutorado estão frequentando atualmente no país, pela falta de recursos humanos qualificados na infra-estrutura dos programas que dirigem. Sugerimos, então, nos próximos projetos, que o coordenador do Programa de Pós-graduação da entidade promotora não seja o mesmo a coordenar o mestrado interinstitucional, acumulando o cargo, mas que seja alguém designado especificamente para essa tarefa.

Infra-estrutura - A infra-estrutura oferecida pela Universidade Federal de Santa Maria é de boa qualidade. O campus de Camobi tem um conjunto de edificações modernas, numa era aprazível, com bons restaurantes universitários. Como as aulas e seminários do mestrado ocorreram no mesmo espaço físico onde se localizam os cursos de Relações Públicas, Publicidade e Propaganda e Jornalismo, existem, para uso comum, laboratórios de Redação, de Fotografia e Fotomecânica, de Rádio e de Televisão (na sala de

edição e estúdio de gravação), todos eles equipados satisfatoriamente.

O projeto do Mestrado previa inicialmente a aquisição de computador para uso dos estudantes. Não só computador e impressoras foram adquiridos como outros equipamentos estiveram à disposição dos mestrados.

Os estudantes têm acesso a uma sala, para seu uso exclusivo, com dois microcomputadores (um Troni, Pentium, 200 MHz e um IBM 6260-17x de 100 MHz) e uma impressora jato de tinta Hewlett Packard 670 C. Ao lado desse material proposto pelo projeto e adquirido pelo coordenador operacional, os estudantes ainda têm acesso, junto com outros da graduação, a 20 computadores de modelo diversos, 6 impressoras, 1 scanner IBM Mod 24h6-629, além de 15 pontos de conexão com a internet.

Em termos de infra-estrutura, o único problema detectado diz respeito ao pequeno e antiquado acervo de livros disponíveis, distribuídos em três locais diferentes: biblioteca central, com uns 500 volumes; biblioteca setorial, com 600 volumes; e os quase 500 livros novos adquiridos com verba do projeto, localizados em um armário da sala da secretária do Mestrado. Mesmo que esses 500 volumes novos representem uma mudança de prioridade, dando mais atenção ao acervo bibliográfico, o número e a variedade de livros ainda são pequenos. Por outro lado, a biblioteca setorial, que tem o nome de Gabinete de Leitura, tem bolsistas e não bibliotecários como responsáveis, abrindo em horários irregulares. Sugerimos que a coordenação estude uma melhor forma de organização do espaço desse Gabinete de Leitura, verificando-se a oportunidade de inclusão ou não, ao acervo, dos livros adquiridos recentemente.

Composição da turma e oferecimento de disciplinas

- O que mais chama a atenção na turma de mestrado, constituída por 17 bolsistas, é o fato de que os estudantes da Faculdade de Comunicação Social da UFSM são minoritários. Há dois estudantes de Bagé; cinco de Cruz Alta; e seis de Santa Maria. Dos estudantes de Santa Maria, há dois técnicos administrativos (um da Escola de Educação Física e outro da Assessoria do Gabinete da Reitoria); um da Administração e outro da escola dos Irmãos Palotinos. Existem ainda dois alunos não bolsistas, um da Comunicação e outro de Arquivologia. Já os de outras cidades, todos trabalham na área de Comunicação. De um lado, poder-se-ia argumentar que a área de Comunicação da Instituição Receptora é a menos beneficiada pelo projeto; de outro, se poderia contra-argumentar que a área de Comunicação como um todo, no Estado, é beneficiada, apenas comprovando a vocação regional da instituição receptora.

Não se verifica desistência de bolsistas no mestrado. Apenas um dos selecionados, Rogério Koff, deixou o grupo para seguir doutorado na ECO/UFRJ, já que tinha mestrado em Filosofia. Conforme entendimentos mantidos com a CAPES, este bolsista foi substituído pelo aluno Paulo Zanini Dugante. E, nesse caso, a saída

de Rogério Koff é relativa, servindo mais de alento e exemplo para os outros selecionados do que algo a não ser seguido. Todos os 17 bolsistas já concluíram seus créditos, entrando, todos eles, na etapa de dissertação.

Corpo docente e conteúdo programático – Os professores Adair Caetano Peruzzolo, da UFSM, Milton José Pinto, Antônio Fausto Neto, Paulo Roberto Gibaldi Vaz, Telênia Terezinha Hill, Janice Caiafa, Carlos Alberto Messeder, Ieda Tucherman e Aluísio Ramos Trinta, todos da ECO/UFRJ, sucederam-se nos módulos e seminários que compõem o programa de pós-graduação, com os estudantes considerando a experiência extremamente enriquecedora, com pontos positivos e quanto à didática, conteúdo e tempo de dedicação aos estudantes.

Ocorreu apenas uma falha no cumprimento do programa original, com a não oferta da disciplina "Comunicação e Sistemas de Pensamento", de responsabilidade do professor Emmanuel Carneiro Leão. Esse módulo deveria ter acontecido de 20 a 25 de abril de 1998, sendo substituído, posteriormente, por outro, quando os estudantes cumpriam estágio no Rio de Janeiro. Houve, assim, uma maior liberdade de escolha de módulos regulares da ECO/UFRJ, conforme os interesses dos alunos. Neste sentido, a) ou o módulo "Comunicação e Sistemas de Pensamento" não se ajustava desde o início ao programa; ou b) os estudantes ficaram prejudicados. Pelo que se pôde observar, esse prejuízo não ocorreu, visto que o estágio no Rio de Janeiro proporcionou uma experiência válida, a se julgar pelo depoimento dos estudantes. Resta, então, a última hipótese, o que acarretaria a necessidade de se reformular o programa, excluindo o módulo "Comunicação e Sistemas de Pensamento".

Desenvolvimento do Estágio – O estágio no Rio de Janeiro dos 17 bolsistas consistiu na matrícula em pelo menos um curso regular, com todas as responsabilidades decorrentes e matrícula em disciplina de orientação de dissertação, o que implicava na escolha de um orientador, e o trabalho no projeto de dissertação, num período de quatro meses.

A se julgar pela reação dos estudantes, o estágio no Rio de Janeiro foi um dos aspectos mais importantes do Mestrado. Na reunião com os avaliadores, a experiência foi muito elogiada. Foi nessa faz que a maior parte dos estudantes escolheu seu objeto de estudo; deu passos mais sólidos para a consolidação de um projeto de pesquisa; entrou em contato com autores e livros novos; enriqueceu suas experiências acadêmicas. Deve-se ressaltar aqui a participação importante do coordenador operacional, professor Adair Caetano Peruzzolo que se deslocou até o Rio de Janeiro para, de certa forma, servir de guia para os estudantes, apoiando-os nessa primeira experiência no centro do país.

Acompanhamento e Orientação – A Faculdade de Comunicação Social da UFSM dá conta com quatro doutores. Eles são a base local para o acompanhamento ou orientação dos estudantes. Por ocasião da visita, havia apenas uma aluna, não-

bolsista, sem orientação mas essa responsabilidade ficou a cargo de um orientador local, professor Adair Peruzzolo.

Durante a reunião, foi possível observar que alguns dos estudantes têm o trabalho mais adiantado, outros menos, e todos eles estavam ainda em dúvidas quanto às datas limites para a entrega dos trabalhos. Ratificou-se o prazo final, perfazendo 30 meses de curso, ao contar do início das aulas até a apresentação da dissertação final. Muitos estudantes utilizam e-mail para se comunicar e outros se deslocam periodicamente ao Rio de Janeiro, ressaltando os custos altos que esta fase está significando para eles.

Em resumo, pode-se concluir que o programa de Mestrado Interinstitucional em "Comunicação e Cultura" que a ECO/UFRJ promove na Faculdade de Comunicação Social da UFSM vem acontecendo conforme o planejado, necessitando-se, em projetos futuros, apenas de pequenos reajustes.

- O fato mais positivo constatado foi o entusiasmo dos estudantes inscritos no projeto. E não se trata, neste caso, apenas de uma reação emocional pela oportunidade oferecida, mas um entusiasmo no sentido acadêmico e intelectual do termo. Geralmente são professores que se iniciam cedo na docência, tendo no Mestrado interinstitucional uma oportunidade única de se qualificarem.

- No caso do Mestrado em "Comunicação e Cultura", há de se destacar o impacto regional da iniciativa, visto que boa parte dos professores é de escolas de Comunicação de cidades próximas, algumas delas, inclusive, mais próximas de Porto Alegre do que de Santa Maria. Por outro lado, é pequeno o contingente de professores da Faculdade de Comunicação Social da UFSM;

- Sugere-se que, em projetos futuros, o coordenador do Mestrado Interinstitucional da instituição promotora e o coordenador do programa regular de pós-graduação, também da instituição promotora, não acumulem cargo, devido à sobrecarga de trabalho que essas duas atividades acarretam. Acredita-se que a não oferta de um módulo e o distanciamento do coordenador da Instituição Promotora, que não veio nenhuma vez a Santa Maria, se devam à sobrecarga de trabalho da duplicidade da função;

- Sugere-se à Instituição Receptora a continuidade da aquisição de livros e principalmente de periódicos científicos, estes últimos quase inexistentes. Da mesma forma, faz-se necessário uma reorganização da biblioteca setorial, com bibliotecários atuando no atendimento dos estudantes;

- Importante, igualmente, é o acompanhamento dos estudantes, com orientadores ou co-orientadores, a fim de que terminem o Mestrado no prazo devido. Deve-se ratificar o prazo limite, ressaltando-se que não apenas eles estarão sendo examinados, mas igualmente a instituição promotora. Dessa forma, talvez se dissipe um certo clima volátil, predominante entre os alunos, no que se refere ao prazo final da apresentação das dissertações.

Porto Alegre, 24 de abril de 1999.

Normas para encaminhamento de textos para publicação nos "Cadernos de Comunicação"

"Cadernos de Comunicação" aceita textos sobre Comunicação escritos em Português, Inglês ou Espanhol.

Os interessados em enviar o texto para apreciação do Conselho Editorial de "Cadernos de Comunicação", devem fazê-lo através de uma cópia impressa e por *e-mail* ou disquete de 3 1/2, gravado em padrão PC, de acordo com as seguintes normas:

- O texto deve ser entregue como documento do Word, salvo em *Rich Text Format* (*.rtf), fonte Times New Roman, corpo 12, espaço entre linhas de 1,5, linhas de aproximadamente 70 toques.

- O texto constará do título definitivo e autoria, com um mínimo de 20.000 caracteres e um máximo de 40.000 caracteres.

- Deverá ser um texto corrido, sem espaçamento entre títulos, parágrafos e subtítulos.

- Em qualquer das línguas que se escreva o texto, o mesmo deverá conter um resumo (Português), um *resumen* (Espanhol) e um *abstract* (Inglês) de 10 linhas, acompanhados de suas respectivas palavras-chave, *palabras clave* e *key words*:

- As notas deverão vir antes da bibliografia, devidamente numeradas.

- O título deverá estar em caixa alta.

- A bibliografia deverá estar de acordo com as normas da ABNT vigentes.

- Deverá conter uma breve apresentação do autor, com referências sobre seu vínculo profissional ou acadêmico e formação, endereço e *e-mail*;

· Deve ser enviada uma autorização para publicação, constando o título do trabalho, nome do autor e a cedência de direitos para "Cadernos de Comunicação";

· A comissão editorial compromete-se a dar notícia de sua aceitação ou não num máximo de 90 dias a partir de seu recebimento.

Segue uma demonstração:

TÍTULO

Autor

Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo.

Subtítulo

Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo.

Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo. Texto de exemplo.

Notas

1 Exemplo.

Bibliografia

Cadernos de Comunicação

poscom@ccsh.ufsm.br

UFSM - Cidade Universitária - Prédio 21

Núcleo de Editoração Multimídia

Camobi, Santa Maria - RS - Brasil

CEP. 97105-900

Este livro foi diagramado no Page Maker 6.5
• Formato 205 mm x 300 mm • Tipologia Times
New Roman
• Fotalito de capa, impressão e acabamento:
Gráfica Universitária, UFSM.
